



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO CENTRO DE  
CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA SOCIAL

**MARIELLE PRESENTE! MEMÓRIAS DE UM EVENTO EM TORNO DA  
PLACA EM SUA HOMENAGEM**

HIGOR ARAUJO DE CARVALHO

2021

HIGOR ARAUJO DE CARVALHO

**MARIELLE PRESENTE! MEMÓRIAS DE UM EVENTO EM TORNO DA  
PLACA EM SUA HOMENAGEM**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Memória Social.

Área de concentração: Estudos Interdisciplinares em Memória Social  
Linha de Pesquisa: Memória e Linguagem

Orientadora: Profa. Dra. Glenda Cristina Valim de Melo

Co-orientador: Prof. Drº Luiz Paulo da Moita Lopes

2021

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

257 Carvalho, Higor Araujo de  
MARIELLE PRESENTE! MEMÓRIAS DE UM EVENTO EM TORNO  
DA PLACA EM SUA HOMENAGEM / Higor Araujo de  
Carvalho. -- Rio de Janeiro, 2021.  
124

Orientador: Glenda Cristina Valim de Melo.  
Coorientador: Luiz Paulo da Moita Lopes.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do  
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação  
em Memória Social, 2021.

1. Marielle Franco. 2. Placa destruída. 3.  
Entextualização. 4. Memória. I. Melo, Glenda Cristina  
Valim de, orient. II. Moita Lopes, Luiz Paulo da,  
coorient. III. Título.

Salve os caboclos de julho  
Quem foi de aço nos anos de chumbo  
Brasil, chegou a vez  
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês

*Estação Primeira de Mangueira e Marquinho*  
*Art'Samba, 2019*

## **AGRADECIMENTOS**

Tenho pessoas queridas na minha família que torcem por mim e que me amam muito. Retribuo esse amor e reconheço a importância de vocês no meu texto e na minha vida. Agradeço primeiramente à Capes pelo auxílio a pesquisa em tempos sombrios de corte de financiamento e sucateamento das universidades públicas.

Agradeço às minhas mães Dona Maria Suely e Marly, pela acolhida generosa e por entenderem e aceitarem essa empreitada comigo. À minha irmã Ihanne Caroline e minhas primas Grécia e Gleicy. Obrigado por me deixarem livre para que eu fizesse minhas escolhas pessoais e profissionais. Ao Pedro Lucas, meu sobrinho querido, agradeço por sua existência, você é nossa melhor parte e eu jamais conseguiria sem o apoio de vocês!

Agradeço com todo meu coração à professora Valéria de Lima Guimarães por me inspirar sempre. Agradeço também ao professor Ari, pois quero sempre lembrar da sua humildade e dedicação para que um dia quando eu tiver meus alunos, possa reproduzir o respeito, carinho e atenção que todos pesquisadores em formação precisam e que me foi dado. Agradeço à Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eryl Maria de Carvalho e Silva por todo apoio e carinho. Te admiro tanto e gosto muito de você!

A professora Leila foi muito importante no período de um ano em que trabalhamos juntos. Agradeço com todo meu coração os momentos em que estive comigo, descanse em paz.

Agradeço aos meus orientadores Prof. Dr<sup>a</sup> Glenda Valim de Melo e Prof. Dr<sup>o</sup> Luiz Paulo da Moita Lopes por toda paciência e dedicação em tempos em que nossa saúde mental colapsa. Não conseguiria sem a ajuda de vocês. Às professoras Andrea Costa e Branca Fabrício, que fazem parte da minha banca, gostaria de agradecer pelo cuidado e leitura generosa. Meu trabalho alavancou depois da qualificação com as indicações de leitura e apontamentos. Obrigado pela colaboração!

Aos professores Paulo Melgaço e Hellem Espíndola. Vocês me inspiram a cada dia. Obrigado por tudo!

As amigas Joyce Abbade, Bruna Miranda, obrigado pelo carinho, apoio e por segurarem minha mão ganho achei que iria cair.

Aos amigos Dionísio, Iasmim e Lúcio Flávio agradeço pela acolhida, trocas de experiência e desejo muito sucesso em nosso caminhar.

Aos meus amigos de trabalho, Rodrigo Rufino, Sabrina Cruz e Andressa Martins. Vocês me mostraram que eu deveria ir além e com muito carinho e leveza compartilhamos momentos e trocas incríveis!

Gostaria de agradecer aos amigos André Onofre e René Lommez, por acreditarem em mim quando eu não acreditei. Obrigado pelo carinho, queridos amigos. Em breve nos veremos no pós-pandemia.

Ao Guilherme Silva, agradeço pelo apoio, acolhida e compreensão. Seu apoio foi muito importante para mim. À tia Yoshi e Diego Katuragi agradeço pelo apoio, motivação e por acreditarem em mim. Agradeço também à Pamela e ao Raphael, meus amigos que tanto amo e que sempre estiveram comigo. Aos meus queridos amigos da Engenhoca, Samara Teixeira, Juliana Pimenta, Nathalia Brazil e Diego Terra. Vocês são e continuam sendo importantes na minha vida. A cada passo que eu dou a frente, vocês me encorajam, mesmo que as vezes eu esteja mobilizado por meus medos e angústias internos, sei que posso contar com vocês, como aconteceu nesses dois anos que passaram e que foram longos e difíceis para mim. Guardo todos vocês em meu coração.

Por último, gostaria de agradecer aos meus colegas de turma 2019.1, todos com temas de pesquisa ousados e interessantes. Em especial a Larissa Villafan, Thamires Angelo, Iria Borges e Anderson Andrade, por compartilharem comigo e com a Joyce as loucuras e delicias de ser pós-graduando no Brasil. Terminei minha jornada aqui em busca de novos horizontes, na certeza de que fui muito feliz no Programa de Pós-Graduação em Memória Social, que se tornou meu lugar de conforto.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender as memórias que emergem nas entextualizações da placa em homenagem à Marielle Franco em textos e comentários de portais jornalísticos da mídia tradicional e alternativa. Utilizo o conceito de atos de fala performativos com base nos estudos realizados por Austin (1962/1990) e Butler (1997) e abordo a relação entre linguagem e memória a partir de Gondar (2016). Também trago um debate sobre as questões raciais e de gênero e, para tanto, dialogo com Gonzalez ([1980]2020), Carneiro ([2003]2020) e Mbembe (2018). A metodologia utilizada é a de rastreamento de parte da trajetória dos textos e dos fragmentos de sentidos produzidos nos discursos encontrados nas entextualizações investigadas (FABRÍCIO, 2013). Recorro ao conceito de entextualização (BAUMAN; BRIGGS, [1990] 2006) para a compreensão do modo como os acontecimentos da vida social circulam em diferentes textos disseminados nos portais jornalísticos. Na análise indico que a ação de quebra da placa gerou um confronto entre os grupos de esquerda e extrema-direita pelo direito à memória de Marielle Franco, com base nos comentários das entextualizações.

**Palavras-chave: Marielle Franco; Placa destruída; Entextualização; Memória.**

## **ABSTRACT**

This dissertation aims to understand the memories generated by the entextualizations of an unofficial street sign in honor of Marielle Franco. Such entextualizations circulated in the format of journalistic texts in traditional and alternative media and were accessed in searches conducted on Google. The methodology used is the tracking of part of the trajectory of the texts and the fragments of meanings produced in the discourses found in the investigated entextualizations (FABRÍCIO, 2013). I resort to the concept of entextualization (BAUMAN; BRIGGS, [1990] 2006) for the understanding of how the events of social life circulate in different texts disseminated in journalistic portals. Such entextualizations and comments generated are hierarchized with values that will be analyzed in the work. I use the concept of performative speech acts based on studies by Austin (1962/1990), Derrida (1988[1972]) and Butler (1997) and address the relationship between language and memory put forward in Gondar (2016) I also bring a discussion on racial and gender issues and, to this end, I bring in Gonzale'z ([1980]2020), Carneiro's ([2003]2020) and Mbembe's (2018). In the analysis I indicate that the action of breaking the plaque generated a confrontation between the left and far-right groups over the right to Marielle Franco's memory, based on the comments of the entextualizations.

**Keywords: Marielle Franco; Destroyed plate; Entextualization; Memory.**

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1: Placa Rua Marielle Franco</b>	26
<b>Figura 2: Candidatos removem Placa em Homenagem à Marielle Franco</b>	28
<b>Figura 3: Candidatos exibem Placa em homenagem à Marielle removida</b>	28
<b>Figura 4: Candidatos aparecem com placa em homenagem à Marielle quebrada em comício eleitoral</b>	29
<b>Figura 5: Candidatos esclarecem o porquê de terem removido placa em homenagem à Marielle</b>	30
<b>Figura 6: Financiamento coletivo ‘Eles rasgam uma, nós fazemos cem’</b>	31
<b>Figura 7: Print da foto do ato ‘Mil placas para Marielle Franco’</b>	32
<b>Figura 8: Placa Rua Marielle Franco na Feira do Lavradio, Rio de Janeiro</b>	33
<b>Figura 9: Print da seleção de notícias</b>	36
<b>Figura 10: Print da seleção de notícias</b>	36
<b>Figura 11: Print da seleção de notícias de mídia tradicional</b>	37
<b>Figura 12: Print da seleção de notícias de mídia alternativa</b>	40
<b>Figura 13: Print da reportagem do Jornal Correio Braziliense</b>	61
<b>Figura 14: Pôster do filme O Poderoso Chefão</b>	64

<b>Figura 15: Print de reportagem do Jornal Correio Braziliense</b>	.....	65
<b>Figura 16: Print da reportagem do Jornal Correio Braziliense</b>	.....	69
	.....	73
<b>Figura 17: Print da reportagem do Jornal Correio Braziliense</b>		
<b>Figura 18: Aviso de acesso aos comentários da mídia Correio Braziliense</b>	.....	75
<b>Figura 19: Print dos comentários da reportagem da mídia Correio Braziliense</b>	.....	75
<b>Figura 20: Print de comentário da mídia Correio Braziliense</b>	.....	78
<b>Figura 21: Print do Evento Distribuição de mil placas para Marielle – Mídia NINJA (página do facebook)</b>	.....	84
<b>Figura 22: Print de comentário da página Mídia Ninja (facebook)</b>	.....	86
<b>Figura 23: Print de comentário da página Mídia Ninja (facebook)</b>	.....	90
<b>Figura 24: Print de comentário da página Mídia Ninja (facebook)</b>	.....	93
<b>Figura 25: Print de comentário da página Mídia Ninja (facebook)</b>	.....	93

## SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS .....	7
1. INTRODUÇÃO .....	10
CAPÍTULO 01: CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	17
<b>1. O nascimento de uma semente: eternizando Marielle Franco</b> .....	17
1.2. Marielle Franco e a placa em sua homenagem.....	26
1.3. Percurso metodológico .....	34
<b>2. MEMÓRIA E LINGUAGEM</b> .....	42
2.1 Memória, linguagem e entextualização.....	42
2.2. Raça, gênero e sexualidade .....	47
CAPÍTULO 3: AS ENTEXTUALIZAÇÕES DA PLACA EM HOMENAGEM À MARIELLE FRANCO E AS MEMÓRIAS QUE EMERGEM NOS PORTAIS DE MIDIA TRADICIONAL E ALTERNATIVA.....	60
3.1 Memórias mobilizadas no portal jornalístico Correio Braziliense e comentários. 61	
3.2 Análise dos comentários de mídia transgressiva: Ato “distribuição de Mil placas para Marielle” .....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS .....	100
ANEXO A – REPORTAGEM DO JORNAL CORREIO BRAZILIENSE - 2018 .....	105
ANEXO B – COMENTÁRIOS DA REPORTAGEM DO JORNAL CORREIO BRAZILIENSE- 2018. ....	108
ANEXO C – EVENTO “DISTRIBUIÇÃO DE MIL PLACAS PARA MARIELLE” NA PAGINA DA MIDIA NINJA E COMENTÁRIOS.....	116

## 1. INTRODUÇÃO

Antes de ingressar no Programa de Pós-graduação em Memória Social, eu já flertava com a possibilidade de apresentar um trabalho que envolvesse os sentimentos e as indignações em torno do assassinato de Marielle Franco. No segundo semestre do ano de 2018 – ano em que participei do processo seletivo para ingresso no PPGMS<sup>1</sup> –, o Brasil vivia uma campanha polarizada entre o campo político da direita e o da esquerda. Este processo de disputa política se acentuou com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, no ano de 2016. Entretanto, como explica Borba (2019, p. 170), a tensão entre os grupos políticos de direita e esquerda “[...] tem longo pedigree histórico: remonta às primeiras eleições de Lula em 2003”. Nos meses que se seguiram, presenciamos os esforços da esquerda na luta pela corrida eleitoral, frente ao governo interino do então presidente Michel Temer e do início da ascensão da direita ao poder, que evocou uma onda conservadora engendrada de forma a descontinuar avanços e conquistas realizados durante os 13 anos de governo do partido de oposição. Tais aspectos foram amplamente divulgados pelas mídias do Brasil e do mundo.

Nesse cenário de efervescência política, o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff trouxe diversos efeitos no contexto sócio-político brasileiro e na manutenção de pautas progressistas de grupos e minorias que não representam a oligarquia já iniciada no governo interino, pois de acordo com Borba (2019, p. 173) “quando assumiu o cargo, Michel Temer nomeou um gabinete heterossexual completamente branco e masculino”.

Este período de latência e instabilidade política se acentuou com o resultado das eleições de 2018 e a posse do atual presidente Jair Messias Bolsonaro, que assim como Michel Temer, manteve a maior parte do gabinete ocupado por homens heterossexuais, conservadores e brancos. Este momento na política não ocorre isoladamente, mas sim dentro de um contexto mundial em que diversos países se voltam para os valores, os paradigmas e as crenças

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-graduação em Memória social – UNIRIO.

---

de uma extrema-direita. Com relação ao momento atual, Gomes (2019, p. 125) afirma que:

Vivemos, no contexto atual, uma inflexão negativa na política, na esfera jurídica, na organização político-partidária e no combate às desigualdades. São tempos de tensão política, recrudescimento e chegada da extrema-direita ao poder, em nosso país, a partir das eleições de 2018.

Ao final de 2018, com o resultado das eleições, grande parte dos candidatos dos grupos de direita e extrema-direita ocuparam os cargos de poder<sup>2</sup>. Como apontam Moita Lopes e Plaza Pinto (2020, p. 1595), a onda conservadora de direita está “empenhada em retroceder os avanços vividos nas práticas sociais que nos levaram a compreender a vida social em outras bases”. A materialização do ódio contra aqueles que são diferentes se incorpora no discurso da extrema-direita relacionados à perspectiva do antigo sistema de opressão colonial em que se privilegia o patriarcado hétero e branco.

Nesse contexto político desestabilizado, no primeiro semestre de 2018, ocorreu o assassinato da vereadora carioca Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes no Rio de Janeiro. Os ânimos estavam exaltados, passeatas em busca de respostas pelo atentado contra ela cresceram no Brasil e no mundo, reforçando as expressões ‘Marielle Presente’, e “Quem mandou matar ‘Marielle e Anderson?’”, frases engajadoras de um movimento de luto que mobilizaram um sentimento de esperança no contexto sócio-político brasileiro. Como aponta Silva (2020, p.13), o bordão ‘Marielle Presente!’, simboliza que “[...] apesar de sua morte prematura, a causa de Marielle ainda está em curso”.

Frente à ruptura com a democracia, em que conhecemos uma face mais violenta do conservadorismo, o trabalho em questão foi desenvolvido pensando o período após a morte de Marielle Franco, assassinada em 14 de março do ano de 2018. Cabe ressaltar que, inicialmente, a pesquisa estava inserida na linha memória e patrimônio, cujo objetivo era analisar a placa em homenagem

---

<sup>2</sup> Onda de direita toma o país. Disponível em: <<https://temas.folha.uol.com.br/eleicoes-2018-em-graficos/resultado/onda-de-direita-toma-o-pais.shtml>> . Acesso em: 02 de jun. de 2021.

---

à Marielle Franco alicerçado na perspectiva teórica da linha de pesquisa. No decorrer do curso, com o afastamento por problemas de saúde de minha antiga orientadora, mudei de orientação e de linha de pesquisa, o que resultou em um novo desafio teórico-metodológico-analítico dentro da linha memória e linguagem. Desta forma, esta investigação foca no evento em que a placa emerge, voltando o trabalho para a perspectiva da linguagem e memória.

Em março de 2019, passado um ano do assassinato de Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes, presenciamos a ineficácia do poder público em obter respostas sobre a identidade dos mandantes do crime, que segue ainda sem desfecho, após três anos do assassinato. O episódio marca um acontecimento trágico com ampla repercussão, no Brasil e no mundo: a trajetória de uma mulher negra, periférica, nascida no Complexo da Maré – Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro –, mãe aos 19 anos, lésbica, eleita vereadora da Câmara do Rio de Janeiro com 46.502 votos<sup>3</sup>. Para muitos, a vereadora passou a ser conhecida após o atentado que tirou sua vida e de seu motorista.

Meses após o assassinato da vereadora, surge uma placa em sua homenagem. O objeto emerge para exaltar uma mulher negra em posição de poder e que representava muitas outras mulheres. Conquistou o título de socióloga em universidade de prestígio, parlamentar que sofria o peso da opressão sexista no seu local de trabalho e era a voz de muitas mulheres, desempenhando uma postura corajosa contra as opressões que sofria. Como aponta Rocha (2018, p. 277):

A mudança que queríamos ver na política estava expressa no corpo dela. Ela era diferente deles, mas era como nós: ela vinha das lutas, dos movimentos sociais, dos coletivos negros, das universidades, vinha dos blocos de carnaval, vinha dos grupos de artistas do funk.

Considerando o impacto social do assassinato da vereadora e de seu motorista a pesquisa partiu de uma reflexão sobre a placa “Rua Marielle

---

<sup>3</sup> Para mais informações: **Quem é Marielle Franco?** Disponível em: <<https://www.institutomariellefranco.org/quem-e-marielle>> . Acesso em: 12 de jan. 2020.

Franco” – colocada por uma militante anônima<sup>4</sup> e em como tal evento foi (re-entextualizado na mídia). O trabalho apresenta as entextualizações de um evento situado sete meses após o assassinato de Marielle e Anderson e veiculado em diversos portais jornalísticos de mídia tradicional e alternativa. Focamos no evento em que dois candidatos a deputado estadual e deputado federal, pela cidade do Rio de Janeiro, removem uma placa em homenagem à vereadora e quebram em comício no momento de campanha eleitoral<sup>5</sup>.

Para simbolizar uma homenagem à Marielle Franco, a referida placa foi afixada por cima da placa sinalizadora que indica a Praça Floriano, na Cinelândia – região Central da cidade do Rio de Janeiro. O artefato foi removido por Daniel Silveira e Rodrigo Amorim<sup>6</sup> e destruído por ambos em um comício eleitoral. Os responsáveis por tal ação filmaram o momento da retirada do objeto e publicaram o vídeo em rede social, sob a justificativa de que estariam restaurando o patrimônio público da cidade.<sup>7</sup>

O ato despótico contra a memória de Marielle Franco viralizou nas redes sociais e os efeitos foram diversos. Com o objetivo de reverter a situação em outra homenagem como resposta aos responsáveis por quebrar a placa, o site de humor *Sensacionalista* veiculou um financiamento coletivo online, no dia 04 de outubro de 2018, com os dizeres: “você rasgam uma, nós fazemos 100<sup>8</sup>”, a fim de arrecadar fundos para a confecção de placas com o mesmo *layout* da

---

<sup>4</sup> **Identidade de militante que teve a ideia da placa Marielle Franco permanece em segredo.** Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/identidade-de-militante-que-teve-ideia-da-placa-marielle-franco-permanece-em-segredo-23563473>> . Acesso em: 05 de jan. 2020.

<sup>5</sup> **É fato que deputados eleitos pelo PSL quebraram placa com nome de Marielle Franco em comício de Wilson Witzel.** Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/fato-ou-fake/e-fato-que-deputados-eleitos-pelo-psl-quebraram-placa-com-nome-de-marielle-franco-em-comicio-de-wilson-witzel-23140096>>. Acesso em: 02 de maio de 2021.

<sup>6</sup> Dois candidatos a Deputado federal e Deputado estadual pelo partido PSL e eleitos em outubro de 2018.

<sup>7</sup> **PLACA Arrancada / Candidatos do partido de Bolsonaro quebram placa que homenageava Marielle no Rio.** Video. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cckz0SSwxsQ>. Acesso em: Abril. 2021.

<sup>8</sup> **Placas para Marielle Franco por Sensacionalista.** Disponível em: <[https://www.catarse.me/placas\\_para\\_marielle\\_franco\\_721a](https://www.catarse.me/placas_para_marielle_franco_721a)> . Acesso em: 5 de jan. de 2021

---

que foi destruída. Em poucas horas, a campanha excedeu o valor estimado e a confecção de placas subiu de cem para mil.

O sucesso da campanha fez emergir um ato sob o título de “Mil placas para Marielle”, ocorrido no dia 14 de outubro de 2018, na Cinelândia, sete meses após seu assassinato. Na ocasião foram distribuídas mil placas confeccionadas com o dinheiro arrecadado pela campanha. Esse gesto pode ser representando como uma resposta em repúdio ao destino dado à placa, da ordem do descarte, representando a prática do extermínio contemporâneo para o espaço da rememoração e homenagem (RIBEIRO, 2018).

Para Certeau (2012), batizar os lugares com nomes próprios é um indício da relação que as práticas do espaço mantêm com a ausência. Esses nomes podem evocar memórias, significados, ou como diz Certeau (2012, p. 171), esses nomes “fazem sentido: noutras palavras, impulsionam movimentos, à maneira de vocações e chamados que dirigem ou alteram o itinerário, dando-lhes sentidos [...]”. As notícias sobre a placa criam outros contornos e ganham sentidos à medida que o objeto se ressignifica em novas recontextualizações. Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo:

- Compreender as memórias que emergem nas recontextualizações da placa em homenagem à Marielle Franco em textos e comentários de portais jornalísticos da mídia tradicional e alternativa.

Com base no objetivo apresentados, temos as seguintes perguntas de pesquisa:

- i) Como as entextualizações em torno do acontecimento de quebra da placa em homenagem à Marielle Franco ocorrem em um exemplar da mídia tradicional e em outro da mídia alternativa e que efeitos de sentidos produzem nos textos jornalísticos em análise? Que memórias emergem nas entextualizações em estudo?

Frente aos objetivos e pergunta de pesquisa apresentados, dialogamos neste trabalho com autores(as) como Derrida (1988[1972]) Austin (1962/1990)

---

e Butler (1997) para tratar da concepção de linguagem como ação a partir do conceito de atos performativos de fala ; os(as) autores(as) Gondar (2016) para abordar a questão da memória social; para discutir as questões de gênero e raça, embasamo-nos em Butler (1990;1993); Carneiro (2003); Gonzalez (2020) e Mbembe (2018).

Como proposta teórico-metodológica, utilizamos o rastreamento de fragmentos de textos conforme aponta Fabrício (2013, p.145), considerando a mobilidade e a dinâmica do espaço da cibercultura, em que os textos [...] cada vez mais viajam, temporal e espacialmente e, na relação com muitos outros, ‘vibram’ de maneiras diversas”. Assim como a autora, acreditamos que tal mobilidade, no espaço midiático, produz efeitos e significados distintos que podem ser identificados no evento em que a placa em homenagem à Marielle Franco emerge e estão presentes nos comentários das reportagens em análise.

O material de análise deste estudo são textos multimodais encontrados em distintos portais online de mídia tradicional e alternativa no ano de 2018 e alguns comentários encontrados nos textos desses portais, como veremos ao longo deste estudo. Para a análise deste material, utilizamos o conceito de entextualização discutido por Bauman & Briggs ([1990]2006) para tratar dos textos em circulação nas mídias sociais em análise.

Esta dissertação está dividida em três capítulos. O capítulo 1 refere-se a um breve histórico da trajetória de Marielle Franco e todo o evento envolvendo a placa em sua homenagem. Para situar esta pesquisa no momento de inflexão política que o país vive desde 2016, apresentamos o contexto que, de acordo com a literatura discutida (BORBA, 2019; SILVA, 2020, RANGEL&DULTRA, 2019) interferem no cenário político, galvanizando a disputa entre a extrema-direita e a esquerda. Finalizamos o capítulo, apresentando o percurso de pesquisa adotado no trabalho.

No capítulo 2 discutimos a relação entre linguagem e memória, focando nas memórias coloniais que circulam no contexto social e orientam o que as pessoas dizem, fazem e percebem. Nos subcapítulos da segunda sessão deste estudo, apresentamos o debate sobre as questões de gênero, raça e

---

sexualidade por entendermos que o processo de circulação de memória está sujeito a hierarquizações e essas memórias que se repetem solidificam a concepção de uma supremacia branca.

No capítulo 3, para responder os objetivos de pesquisa, apresentamos as análises dos comentários presentes nos textos multimodais rastreados no ambiente online. Por fim, discutimos as considerações finais da pesquisa aqui desenvolvida.

---

## **CAPÍTULO 01: CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA**

Marielle nasceu no Complexo da Maré, favela situada na Zona Norte do Rio de Janeiro, e atuou desde os 18 anos como militante dos Direitos Humanos, uma vez que a guerra travada entre a polícia e os traficantes da Maré tirou a vida de sua melhor amiga. A força de sua luta vem dos anseios do povo periférico e da busca pela humanização do corpo negro e favelado (FRANCO, 2019). Na política, sua atuação sempre esteve voltada contra a representação das pessoas negras e faveladas como inimigo ficcional dentro e fora das comunidades, retrato de uma política racista e excludente dentro dos espaços de poder em que homens brancos ocupam a maioria dos cargos. Tal fato demonstra a importância de uma representante dentro da política que dê voz as pautas identitárias dos grupos excluídos nesses espaços.

Desta forma, neste capítulo, primeiro abordamos um breve histórico sobre o contexto político atual, a biografia de Marielle Franco, e a placa em sua homenagem. A seguir, apresentamos o caminho metodológico da pesquisa.

### **1. O nascimento de uma semente: eternizando Marielle Franco**

No dia 14 de março de 2018, ao deixar o evento intitulado: “Jovens negras movendo as estruturas”, organizado pelo PSOL – Partido Socialismo e Liberdade – no coletivo de mulheres negras Casa das Pretas, no centro da cidade do Rio de Janeiro, Marielle Franco foi brutalmente assassinada. Os disparos atingiram Marielle e seu motorista Anderson Gomes (G1 NOTÍCIAS, 2018). No dia seguinte a sua morte, milhares de manifestantes lotaram as ruas do Rio de Janeiro e de São Paulo, em um movimento impulsionado por uma rede de afetos, em memória de Marielle Franco e Anderson Gomes e que também pedia por justiça. Um levantamento da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas aponta que no dia em que Marielle foi assassinada, mais de 567 mil menções sobre este tema foram feitas na rede

---

social *twitter* em 19 horas, marcando tanto o impacto como o sentimento de revolta causados pela sua perda<sup>9</sup>.

Ao mesmo tempo que manifestações cresciam no Brasil e no mundo, quebrando o silêncio de um grave caso de genocídio de uma mulher negra em posição de poder, nos deparamos também com oposição à figura de Marielle por questões de cunho político em relação ao partido do qual fazia parte. A violência simbólica se fez presente nos comentários de reportagens em que a memória de Marielle é lembrada, fazendo circular inverdades em textos digitais, compartilhados em redes sociais por meio de narrativas de *Fake News*. Como aponta Almeida (2019, p. 5), esses textos “ [...] [a] inferiorizam [na] sua condição de moradora de favela, [julgam] sua militância política voltada para o comunismo e a tentam ligar a bandidos, crime organizado, como sendo ‘mais um corpo de queima de arquivo’ ”.

Marielle se elege no decorrer do contexto político pós-impeachment de Dilma Rousseff com a entrada do presidente interino Michel Temer. No período pós-impeachment, começamos a perceber o enfraquecimento de políticas públicas que atendiam demandas sociais específicas, a começar pelas temáticas de igualdade de gênero e violência doméstica, pautas fortemente defendidas pela agenda da ex-presidenta Dilma Rousseff. Segundo Borba (2019, p.173), no governo interino de Michel Temer “[...] uma de suas primeiras ações como presidente foi extinguir o Ministério da Mulher, Igualdade Racial e Direitos Humanos”. Para Rangel & Dultra (2019, p. 137), a composição ministerial do governo Temer, aponta para a restituição de uma política ultrapassada que entrou em vigência após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff:

Com a ruptura institucional ocasionada pelo *impeachment* de 2016, deu-se o resgate de um projeto neoliberal que retrocedeu o comando do país para um grupo tradicionalmente representativo dos padrões políticos dominantes na história brasileira, de matriz conservadora, inclusive contra aos aspectos morais e culturais, conforme o perfil da composição ministerial no governo de Michel Temer, simbolizado pela

---

<sup>9</sup> **Morte de Marielle Franco mobiliza mais de 567 mil menções no twitter, aponta levantamento do FGVDAPP.** Disponível em:< <http://dapp.fgv.br/morte-de-marielle-franco-mobiliza-mais-de-567-mil-mencoes-no-twitter-aponta-levantamento-da-fgv-dapp/> > Acesso em: 10 set de 2020.

---

presença estética masculina, branca, de maior faixa etária e associada à política vigente antes dos governos petistas. (Rangel & Dultra ,2019, p. 137)

Os preceitos da política majoritariamente composta por homens brancos, conservadores e neoliberais, se reestrutura no cenário pós impeachment no governo interino de Michel Temer. De acordo com Rangel & Dultra (2019, p.139), o governo interino menosprezou conquistas já garantidas à sociedade brasileira, além do enfraquecimento dos mecanismos que funcionavam como apoio aos casos de violência doméstica e igualdade racial. Assim, “[...] apresentou propostas legislativas ao Congresso Nacional, visando promover as reformas trabalhista e da Previdência Social, ambas identificadas como retrocesso ao sistema de garantia de direitos sociais” (p. 139).

Os valores do campo de direita trazem perspectivas conservadoras sobre os modos de vida, sexualidade e gênero. Tais perspectivas podem ser observadas na forma como se deu a impugnação de Dilma Rousseff. Dentro de uma lógica hierarquizante e excludente, os homens constituem a maior presença nos espaços de poder, sendo eles brancos e heterossexuais. Segundo Borba (2019, p.172), durante o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, a insatisfação com o governo era materializada por meio de “signos injuriosos que abordavam não a administração do país, mas questões de gênero e sexualidade [...]”. Este aspecto aciona memórias coloniais presentes na constituição do nosso país e que se mantem nos discursos cotidianos e na política.

Ainda pensando em como o ódio das direitas pode se orientar por questões normativas, podemos ilustrar o caso de Marielle Franco que, segundo Oliveira & Garcia (2018, p. 1083), “[...] definia-se como mulher feminista, negra, lésbica e filha da favela da Maré”. Ainda segundo as autoras, a vereadora “[...] foi morta por defender os direitos humanos e denunciar as violências contra a população favelada, contra os jovens negros, as mulheres e as pessoas LGBT” (p.1080).

A misoginia no processo de impugnação da primeira presidenta brasileira nos mostra como os valores e crenças da direita apontam para performances que intencionam resgatar um modo de vida singular, pois ao

projetarem seu ódio por signos injuriosos que segundo Borba (2019, p. 172) são “[...] sexuados no sentido de que eles colocam disponíveis discursos (misóginos) sobre a sexualidade feminina”, o que corrobora a força da estrutura patriarcal e sua influência na sociedade (BORBA, 2019).

Frente à discussão, podemos pensar que o assassinato de uma vereadora LGBTQIA+ ocorrido na condução de um governo de direita e as constantes ameaças a corpos e parlamentares que propõem agendas progressistas, como o caso de Carol Dartora, primeira mulher negra eleita na cidade de Curitiba, Paraná, ameaçada de morte por palavras de cunho racista como “macaca fedorenta<sup>10</sup>”, sugerem vulnerabilidade a quem destoa da norma. Como apontado por Rangel & Dultra (2019), a própria maneira como Temer conduziu os primeiros meses de governo, retrocedendo conquistas já garantidas às mulheres e aos trabalhadores por meio de medidas neoliberais nos mostra que as preocupações do governo direitista não estavam em consonância com as de Marielle.

A polarização entre grupos de direita e esquerda nos mostra o cenário que o país tem vivido na esfera política em embates que também foram mobilizados no momento do impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Segundo Rangel & Dultra (2019), a mobilização de grupos e esferas sociais que aliaram-se ao impeachment são procedentes da insatisfação com os governos petistas anteriores. De acordo com Borba (2019), o desgosto e o constante embate político que se segue tem origem especificamente na primeira vitória de Lula, nas eleições de 2003. Após seu primeiro mandato como presidente pelo Partido dos Trabalhadores, Lula se reelege por mais quatro anos e as mudanças ocorridas durante seu período no mandato deixaram o terreno fértil para mais uma candidatura do partido no ano de 2010, quando Dilma Rousseff foi eleita. Em 2014, Dilma se reelege com voto popular mesmo com o desgosto de uma parcela da sociedade brasileira, conforme Borba (2019, p. 170) explica “[...] as três vitórias [...] do Partido dos

---

<sup>10</sup> **Primeira vereadora negra de Curitiba recebe ameaça de morte igual à enviada a outras políticas.** Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/12/primeira-vereadora-negra-de-curitiba-recebe-ameaca-de-morte-igual-a-enviada-a-outras-politicas.shtml> >. Acesso em 10 de set de 2021.

---

Trabalhadores e suas políticas sociais e financeiras inclusivas aumentaram a tensão da luta de classes brasileiras [...]”.

O conflito no campo político entre os partidos de direita e esquerda se agrava no decorrer das mudanças sociais em contexto nacional durante os governos petistas. Para Borba (2019, p.168), “tal polarização se intensificou no processo de impeachment contra Dilma Rousseff, durante o qual a divisão política do país também ganhou contornos afetivos”. Borba (2019) salienta que uma divisão (geo)política de segregação em que o ódio entre apoiadores do impeachment e os que se posicionaram contra a destituição da presidenta Dilma Rousseff se expressa em níveis de violência simbólica.

Frente a essa questão, nos interessa trazer à discussão o termo extrema-direita utilizado por autores como (GOMES 2018, RANGEL & DULTRA, 2019, MOITA LOPES; PINTO, 2020). De acordo com Moita Lopes & Pinto (2020), as performances da extrema direita no contexto social são orientadas por práticas racistas, misóginas e LGBTfóbicas que configuram um tipo de fascismo social, ao mesmo tempo que estão vinculadas à imagem de valores cristãos ligados ao comportamento moral e de boa conduta. Moita Lopes & Pinto (2020, p. 1596) descrevem alguns aspectos da extrema-direita, que emerge como radical e se orienta por práticas fascistas, e como exemplo disso citam a postura do presidente Jair Bolsonaro, eleito após o governo interino de Michel Temer, “[...] que não escondia durante sua campanha suas posições racistas, misóginas, homofóbicas, armamentistas, defensoras de torturas embora, ainda assim, tenha sido eleito”.

Conforme Moita Lopes & Pinto (2020, p. 1598) indicam o meio digital [...] tem tido papel central no desenvolvimento da direita radical e afetado a democracia [...]”. Assim, paralelo a isso, temos de mencionar como prática dos grupos de extrema-direita as estratégias fraudulentas de mensagens falsas conhecidas como *Fake News*, que são propagadas nos principais grupos de apoio à direita radical ou extrema-direita. Além disso, cabe ressaltar que as redes sociais se tornaram espaços em que usuários incitam discursos de ódio. Moita Lopes & Plaza Pinto (2020, p. 1598-1599) dizem que “o que orienta a nova direita tanto na internet quanto fora dela é, frequentemente, a provocação

---

de transgressões (muitas vezes de natureza sexual) por meio de trollagens, mentiras e *fake-news*”.

Gomes (2018) destaca que a extrema-direita emerge atacando fortemente os avanços de pautas identitárias nos 13 anos de governo de esquerda. Pela incitação ao ódio, anulam o reconhecimento do trabalho feito durante os anos para combater a pobreza, em que foram inseridas paulatinamente ações que se reverteram em políticas sociais e apoio à diversidade. Para Gomes (2018, p. 125):

Essas políticas voltavam-se para o povo pobre, sofrido, trabalhadores e trabalhadoras, negros, indígenas, povos do campo, quilombolas, mulheres, população LGBT e, mesmo com seus desafios e limites, transformaram o Brasil em um país menos desigual.

É neste contexto turbulento da política brasileira em que a extrema-direita ocupa espaço no país que Marielle vence as eleições. Marielle Franco se candidatou em 2016 como vereadora e sua trajetória marcou a esperança de dias melhores para aqueles que, como ela, vieram de um lugar marginalizado, esquecido pelos governantes e reprimido duramente pela ação policial. Nascida em 27 de julho de 1979, na comunidade da Maré, situada na zona norte do Rio de Janeiro e filha de migrantes nordestinos, representava a diferença à medida que a continuidade dos avanços dependia de representantes que estivessem na Câmara para defender suas pautas identitárias e propor mudanças. A luta de Marielle se tornou a luta da mulher preta e periférica, dos jovens negros mortos pela polícia do Rio de Janeiro nas favelas e nos espaços fora dela, hostis a esses corpos.

Rocha (2018, p. 277) descreve a guinada emocionante no momento da campanha de Marielle Franco:

[...] com a bandeira de ser uma mulher, negra e favelada militante dos direitos humanos ela conseguiu o apoio de outros moradores de favelas, de intelectuais, de parte do movimento negro, de mulheres, de jovens universitários que viam naquela mulher tão diferente dos outros candidatos uma oportunidade de fazer outra política, de fazer outro mundo possível.

---

Segundo Gomes (2018), ainda que nos anos de governo de esquerda tivéssemos vislumbrado avanços dentro das práticas sociais, a diversidade ou a possibilidade de debater a diferença dentro da política foi conduzida com muita dificuldade, pois o poder continuou detido nas mãos do patriarcado heteronormativo, branco e cisgênero, não considerando a urgência de outros corpos ocupando e representando pautas identitárias ou relacionadas à população LGBT dentro da atividade política.

De acordo com Rocha (2018), a atuação de Marielle como vereadora na bancada do partido que representava foi indispensável para que as denúncias de esquemas de corrupção na cidade do Rio de Janeiro saíssem do silêncio para os espaços midiáticos. Pela transgressão de sua luta, foram expostos sistemas corruptos coligados a empresas de transporte público, empreiteiras e construtoras aliciadas à máfia, que exerciam o controle de esquemas milionários de corrupção na época em que a capital foi eleita para sediar a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos de 2016. Essa postura ativa se fez possível diante de muita garra e por uma proposta diferente de política baseada na mudança. Tais aspectos marcam os dois primeiros anos do mandato da vereadora carioca.

Com a intervenção Federal assinada pelo presidente em exercício, em fevereiro de 2018, a luta de Marielle por uma representação mais humanizada das minorias sociais que fazem da favela o seu lugar de morada, tornou-se mais rígida. Além disto, para a vereadora, como aponta Rocha (2018, p. 279), a intervenção federal nas comunidades:

[...] representou o ápice de um processo de militarização da cidade que já vinha sendo implementado durante o Programa das Unidades de Polícia Pacificadora, mas que tem origens em nossa ditadura militar. Dentro desse processo de militarização as favelas cariocas são tratadas como o “inimigo”.

Em sua dissertação, Marielle fez uma análise das Unidades de Polícia Pacificadora, implementadas no Rio de Janeiro desde o ano de 2008, mas que somente ocuparam o Complexo da Maré a partir do ano de 2014. O trabalho de Franco (2014) suscita uma reflexão sobre a criminalização da pobreza dentro do Complexo da Maré – lócus da pesquisa – frente a um projeto neoliberal

---

forjado por uma política estatal no combate às drogas, causando impacto na vida dos moradores. A guerra contra o tráfico de drogas e a polícia armada, por vezes, são veiculadas nas mídias tradicionais como modelo ideal para garantir a paz dos moradores, sustentando o confronto diário e a repressão como possibilidade de pacificação e garantia da integridade física de suas vidas. Um dos objetivos de Franco (2014) foi mostrar que a “guerra” é ficcional e faz parte de um projeto político de exclusão da população periférica e controle do território sem prévio diálogo com os moradores.

Conforme Rocha (2018) indica, a incursão da Intervenção Federal em território carioca no ano de 2018, principalmente no contexto político do impeachment da primeira mulher eleita pelo povo como presidenta do Brasil e o desenvolvimento progressivo de uma direita que timidamente se introduziu dentro das esferas do poder, foi o cenário propício para atuação de Marielle como uma das quatro vereadoras relatoras da comissão da Câmara para denúncia da Intervenção Federal. Além de sua experiência na luta pelos Direitos Humanos e seu extenso trabalho com as favelas, Marielle era parte integrante desse espaço marginalizado.

Segundo Oliveira & Garcia (2018), no dia 28 de fevereiro de 2018 a vereadora foi nomeada relatora da comissão que visava acompanhar a Intervenção Federal dias antes de seu assassinato e de seu motorista Anderson Gomes. Quatro dias antes do assassinato, Marielle denunciou a ação policial contra os moradores da favela de Acari, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, em seu perfil nas redes sociais no dia 10 de março de 2018. No dia 14 de março, foi assassinada depois de uma participação produtiva em um debate na Casa das Pretas. Na ocasião estavam no veículo que transportaria Marielle até sua casa, a assistente Fernanda Chaves e Anderson Gomes, seu motorista. Os disparos atingiram todos e Fernanda foi a única sobrevivente (SILVA, 2020).

O movimento de luto pelo assassinato de Marielle Franco aconteceu em várias cidades brasileiras e no mundo<sup>11</sup>. Para Silva (2020), o movimento de luto

---

<sup>11</sup> **Assassinato de Marielle motiva protestos ao redor do mundo.** Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/assassinato-de-marielle-motiva-protestos-ao-redor-do-mundo-15032018>. Acesso em: 29. Set. 2021.

---

por Marielle Franco denunciou seu assassinato e mobilizou a busca por respostas a partir das palavras de ordem ‘Marielle Presente’ e ‘Marielle é semente’, que saíram de um contexto situado em um evento socioespacial no Brasil para o mundo por meio da internet. A partir desse engajamento, Marielle se tornou ícone de força e esperança por dias melhores, sendo seu discurso muito presente nos atos em busca de justiça. De acordo com Silva (2020), que analisa como Marielle e seu movimento de luto registraram a esperança em suas práticas discursivas e comunicacionais, ainda que ela não esteja entre os vivos, é presentificada nas narrativas de pessoas que sofrem pelo seu luto. O estudioso conclui que tal movimento traz esperança, pensando no contexto do seu assassinato e de como essa ação enfraquece a democracia, tendo como resposta a resistência e a luta por dias melhores.

Um desses movimentos de esperança é sinalizado pelo aumento na candidatura de mulheres negras no ano de 2018. Como exemplo podemos observar a eleição das três das assessoras que trabalhavam com Marielle Franco. Para Silva (2020, p. 9), tal mudança no contexto político é expressa por palavras de ordem nos protestos como “Marielle virou semente”. As candidaturas são efeitos da germinação das sementes de Marielle por mulheres negras que incorporam seu discurso nos protestos e nas mídias sociais. Tais aspectos nos apontam que “o futuro de nossa terra pode depender da capacidade das mulheres de identificar e desenvolver novas definições de poder e novos modelos de relacionamento em meio às diferenças”, como Lorde, ([1984] 2019, p. 152) indicou em relação a outros tempos e espaços.

A luta de Marielle Franco passou por novas definições de poder marcadas pelo seu corpo preto, periférico, favelado, lésbico e feminino, propondo outro tipo de fazer política e a placa em sua homenagem pode apontar para este aspecto. Na sessão seguinte, abordaremos a placa em sua homenagem e o evento que causou diversos efeitos no contexto social, em que dois candidatos do partido de oposição ao de Marielle destroem uma placa colocada em sua homenagem na Praça Floriano, comumente conhecida como Cinelândia, na cidade do Rio de Janeiro. A ação engendrou em um movimento de contra resposta que ficou conhecido como “Mil placas para Marielle”.

## 1.2. Marielle Franco e a placa em sua homenagem

Sete meses após o assassinato de Marielle Franco, em outubro de 2018, um adesivo no mesmo formato das placas de rua oficiais foi fixado acima da placa original que indica a Praça Floriano, na Cinelândia, região Central da Cidade, na esquina do Theatro Municipal com a Câmara Municipal – Palácio Pedro Ernesto. No adesivo estava escrito “Rua Marielle Franco”, sua data de nascimento e o dia do seu assassinato, como homenagem à memória de uma personalidade importante, como mostra a figura a seguir:

**Figura 1: Placa Rua Marielle Franco**



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2019.

Contudo, no dia 3 de outubro dois candidatos às eleições de 2018 pelo Rio de Janeiro, Rodrigo Amorim como candidato a deputado estadual e Daniel Silveira como deputado federal removeram a placa em homenagem à vereadora do local mencionado previamente. Os dois candidatos que estavam em momento de campanha, fizeram um vídeo mostrando a ação em suas redes sociais (*Instagram e Facebook*). O vídeo dos candidatos que venceram

as eleições no ano de 2018 não está mais disponível nas redes sociais, entretanto, em uma breve busca encontramos resgatado na plataforma de compartilhamento de vídeos *Youtube*, publicado em um canal <sup>12</sup> com o nome de “Diversidade Comum”. Ao buscar informações do canal criado na plataforma, deparamo-nos com uma breve descrição: “Canal dedicado a diversos assuntos, gospel, política, investimento, diversão e muito mais...”. Os vídeos compartilhados para interação dos usuários abrangem temas voltados para grupos de direita. Em um trecho do vídeo em que retira a placa citada<sup>13</sup>, um dos candidatos responsável pela ação, Rodrigo Amorim diz que:

60 mil pessoas são assassinadas todos os anos no Brasil. A vereadora foi mais uma dessas pessoas. Na mesma noite do seu crime um pai foi assassinado na frente de seu filho. Grande parte dessa culpa é dos movimentos e partidos de esquerda que insistem com a cultura de passar a mão na cabeça de vagabundo

Em sequência ao pronunciamento de Rodrigo Amorim, no mesmo vídeo Daniel Silveira afirma que: “a morte da vereadora não pode servir como desculpa para depredação do patrimônio público e é por isso que hoje estamos aqui para restaurar o patrimônio”. O ato de definir o que se constitui como patrimônio ou não, partindo de um posicionamento político específico, movimentou os olhares da opinião pública. Ao final do vídeo ecoam o que seria uma sátira ao ‘Marielle Presente!’, um bordão criado no contexto social e que pode remeter a sua presença simbólica na resistência e na luta pela defesa dos Direitos Humanos e das minorias sociais. Os candidatos reconfiguram o bordão pensando na figura do Marechal Floriano, em homenagem a quem a praça da Cinelândia foi nomeada, ‘Marechal Floriano, Presente!’.

Em outro canal na mesma plataforma de compartilhamento de vídeos, o *youtube*, nomeado de RedeTVT<sup>14</sup> é possível visualizar o momento em que a

---

<sup>12</sup> A plataforma de compartilhamento de vídeos youtube disponibiliza a criação de um canal individual para que usuários possam compartilhar vídeos de diversos temas e interajam entre si.

<sup>13</sup> PLACA Arrancada / **Candidatos do partido de Bolsonaro quebram placa que homenageava Marielle no Rio.** Vídeo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cckz0SSwxsQ>. Acesso em: 20 jul. 2019.

<sup>14</sup> **Candidatos do partido de Bolsonaro quebram placa de Marielle.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gmOqLSpSXlk>>. Acesso em: 15 jun.2021.

placa é retirada. Podemos ver pela descrição do canal, que é parte de uma emissora de televisão que ” [...] dá voz aos movimentos sociais, está do lado dos Direitos Humanos e investe em conteúdos analíticos, críticos e reflexivos para estimular o desejo de transformar a coletividade”, um posicionamento progressista, mais voltado para grupos políticos de esquerda. Abaixo, é possível ver o momento em que os candidatos removem a placa em homenagem à Marielle do seu local de homenagem, como mostram as figuras 2 e 3.

**Figura 2: Candidatos Removem Placa em Homenagem à Marielle**



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2021

**Figura 3: Candidatos exibem Placa em homenagem à Marielle Removida**



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2021

No dia 4 de outubro, circulam nas diversas mídias as ações dos candidatos, o que gera revolta em grupos que aprovavam as pautas políticas de Marielle. Além disto, neste mesmo dia, circulou no youtube um vídeo<sup>15</sup> que mostrou o momento em que a placa foi quebrada. Naquele momento, os candidatos discursavam em comício eleitoral durante campanha e na ocasião o candidato a governador pela cidade do Rio de Janeiro, Wilson Witzel estava presente. Rodrigo Amorim aparece com a placa partida ao meio ao lado de Daniel Silveira, como mostra a figura 4:

**Figura 4: Candidatos aparecem com placa em homenagem à Marielle quebrada em comício eleitoral**



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2021.

A partir das múltiplas circulações de discursos sobre a placa, os autores da ação gravam um vídeo explicando o posicionamento frente ao ato em defesa de seus princípios, apontando para uma disputa política em que o

<sup>15</sup> **GOVERNADOR DO RIO**, Wilson Witzel em evento onde placa de Marielle foi rasgada. Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6pWL3nsgULE>>. Acesso em: 2 fev. 2021

direito à democracia é negado pelas ações linguísticas e posicionamentos discursivos. O vídeo “ESCLARECIMENTO/PLACA ARRANCADA/ASSUNTO PLACA MARIELLE!<sup>16</sup>”, publicado no *youtube* e, originalmente transmitido ao vivo em uma das redes sociais dos dois candidatos, gerou efeitos nos grupos em defesa de Marielle. Podemos ver a imagem do vídeo citado na figura 5:

**Figura 5: Candidatos esclarecem o porquê de terem removido placa em homenagem à Marielle**



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2021.

Uma campanha foi realizada pelo site de humor “Sensacionalista” – conhecido pela divulgação de notícias fictícias que satirizam o contexto político, o mundo dos famosos e outros assuntos com cunho crítico – tinha como objetivo arrecadar o valor de dois mil reais para confecção de cem placas que substituiriam a placa em homenagem à Marielle, rasgada pelos candidatos ao cargo de deputado. A campanha foi compartilhada nas redes sociais no dia 04 de outubro de 2018 com o título: “Eles rasgam uma, nós fazemos cem<sup>17</sup>”.

<sup>16</sup> **ESCLARECIMENTO/PLACA ARRANCADA/ASSUNTO PLACA MARIELLE!** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zGbhaWZnVFM>>. Acesso em: 24 de nov de 2020.

<sup>17</sup> **Placas para Marielle Franco.** Por: Sensacionalista. Disponível em: [https://www.catarse.me/placas\\_para\\_marielle\\_franco\\_721a](https://www.catarse.me/placas_para_marielle_franco_721a) . Acesso em: 25 de nov de

Rapidamente uma rede de solidariedade surgiu e o projeto ultrapassou 2000% do valor estimado – dois mil reais para confecção de cem placas. Como mostra a figura 6 o projeto foi financiado por 1691 pessoas e arrecadou o total de R\$ 42.333 reais:

**Figura 6: Financiamento coletivo ‘Eles rasgam uma, nós fazemos cem’**



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2021.

Após atingir tal valor, a página sensacionalista divulgou uma nota<sup>18</sup> com o título: “Campanha arrecada o suficiente para fazer mil placas para Marielle e muito mais”. O site explica que como o valor ultrapassou o esperado, o número de placas aumentou de cem para mil e os autores da campanha receberam apoio da autora anônima, responsável pela arte da placa original, que se prontificou em enviá-la para a gráfica, que também colaborou confeccionando as placas a preço de custo. O valor sobressalente foi doado para instituições voltadas para causas que Marielle apoiava.

Ao final da nota divulgada pelo portal online “Sensacionalista”, havia um convite para o evento que ficou conhecido como “Mil Placas para Marielle”, que

---

2020.

<sup>18</sup> **Campanha arrecada o suficiente para fazer mil placas para Marielle e muito mais.** Disponível em: < <https://www.sensacionalista.com.br/2018/10/05/campanha-arrecada-o-suficiente-para-fazer-mil-placas-para-marielle-e-muito-mais/> > . Acesso em: 25 de novembro de 2020

ocorreu no dia 14 de outubro de 2018 e circulou por diversos portais online. No portal online O GLOBO, a matéria foi entextualizada com o título: “ Ato contra a retirada da placa de Marielle reúne milhares de pessoas na Cinelândia<sup>19</sup>”. Os participantes do ato em memória de Marielle Franco foram orientados, de acordo com a notícia publicada no portal online o GLOBO a levar as placas distribuídas para casa como recordação, como nos mostra a figura 7:

**Figura 7: Print de foto do ato ‘Mil placas para Marielle Franco’**



Fonte: arquivo pessoal do autor, 2021.

Um portal online nomeado “Rua Marielle Franco<sup>20</sup>” disponibilizou a arte da placa para *download*, no formato das placas de rua da cidade do Rio de Janeiro. No site, criado no dia em que o assassinato de Marielle e Anderson completou um ano, há a informação de que mais de 18.000 placas foram produzidas após tentativa de remoção da homenagem em memória da vereadora. Foram disponibilizadas também informações de um mapa interativo em que usuários poderiam cadastrar as placas adquiridas, traçando seu percurso e garantindo a permanência de sua proliferação. O item também pode

---

<sup>19</sup> **Ato contra a retirada da placa de Marielle reúne milhares de pessoas na Cinelândia.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/ato-contra-retirada-da-placa-de-marielle-reune-milhares-de-pessoas-na-cinelandia-23155263>. Acesso em: 27 de nov. 2020

<sup>20</sup> **Rua Marielle Franco.** Disponível em: <https://www.ruamariellefranco.com.br/>. Acesso em: 27 de nov. 2020.

ser encontrado em feiras livres e lojas de artigos de artesanato, como mostra figura 8:

**Figura 8 – Placa Rua Marielle Franco na Feira do Lavradio, Rio de Janeiro.**



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2019

Considerando Gondar (2016) ao tratar de Memória Social, a placa marca uma série de rastros de memória que ecoam pela cidade e que aparecem em forma de grafites, escritos nas paredes, objetos corpóreos e se constituem como signos de suporte à memória. Esses vestígios de lembrança no espaço relatam, por imagens ou signos, a trajetória de um evento trágico que não se deu por encerrado. Além disso, ela eterniza o nome de Marielle Franco, exaltando tudo que ela representa, apontando sentidos de força e resistência para um grupo social. Por outro lado, para outros indica sentidos de afrontamento, de falência da moral e dos bons costumes. Podemos dizer que o objeto representa a luta pelas minorias sociais, a trajetória de uma mulher negra e moradora de favela, como um gênero informativo em forma de placa de rua, que traz no seu conteúdo a recuperação de sua história de luta.

Tendo como base todo o evento aqui recontextualizado, a seguir, abordamos a metodologia de pesquisa deste estudo.

### 1.3. Percurso metodológico

A presente investigação tem como proposta a análise de excertos encontrados nos portais jornalísticos de mídia online sobre o evento em torno da quebra de uma placa em homenagem à vereadora Marielle Franco. Os textos escolhidos ao longo da pesquisa foram produzidos no Brasil no ano de 2018. Como proposta teórico-metodológica, utilizamos o rastreamento de parte do percurso dos nacos de sentidos de textos (FABRÍCIO, 2013).

Entendemos o meio digital como mobilizador de processos de circulação de textos, em que o dinamismo e a velocidade de propagação impactam diretamente na vida social, como resultado dos avanços tecnológicos que confere trânsitos aos discursos e ainda garante intensa mobilidade no replicar de textos que se multiplicam a cada acesso (MOITA LOPES & FABRÍCIO, 2018). Pensando a mobilidade e o dinamismo dos processos de interação nas mídias digitais, entendemos o material de análise, que são textos de distintas mídias digitais – e que serão apresentados mais à frente – a partir do conceito de Entextualização proposto por Bauman & Briggs ([1990]2006, p. 206) que:

[...] é o processo de tornar o discurso passível de extração, de transformar um trecho de produção linguística em uma unidade – um *texto* – que pode ser extraído de seu cenário interacional. Um texto, então, nesta perspectiva, é discurso tornado passível de descontextualização.

Por meio do processo de entextualização é possível observar a circulação de sentidos, memórias e discursos da vida social em forma textual. Tais textos apontam para ideologias, crenças, valores, transformações pelas quais passam a sociedade. De acordo com Moita Lopes & Fabrício (2017), embasados em Bauman & Briggs (1990), os textos são semiotizados e reconstroem sentidos a cada vez que integram outros contextos. Esse caráter que concede movimento ao texto implica uma transformação contínua de

---

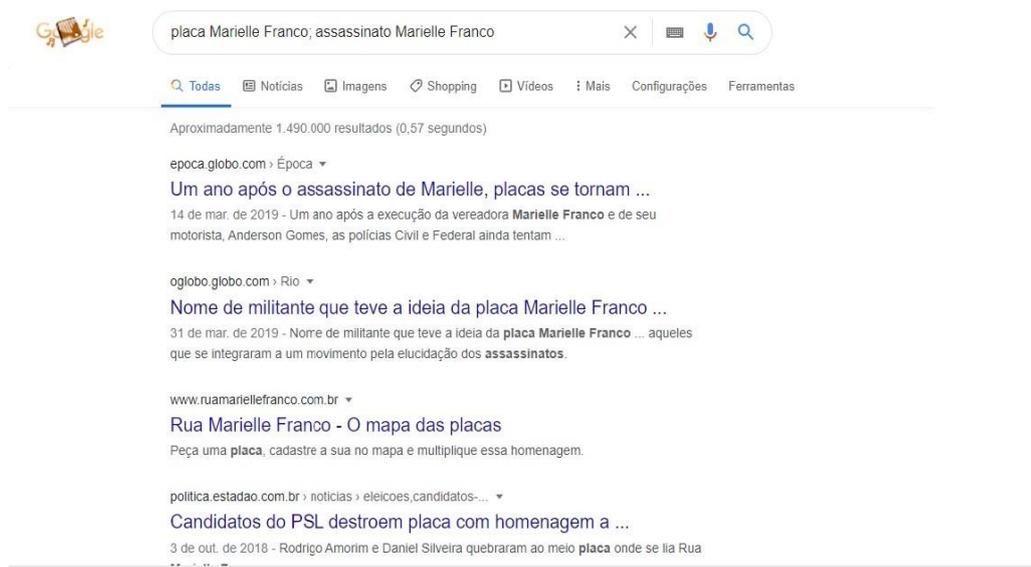
sentidos devido a sucessivos processos de recontextualizações. Dessa forma, os signos textuais em movimento têm como característica a fluidez de seus significados, com interpretações imprevisíveis.

Neste estudo, o processo de rastreamento de textos teve início em março de 2020. Primeiramente, no dia 21 de março de 2020 foi realizada uma busca no *google* com os termos “Placa Marielle Franco” e “Assassinato Marielle Franco”, a fim de compreender como a circulação da placa, entendida aqui como um texto” e os sentidos produzidos sobre ela apontavam incessantemente para outros textos. Ainda no mês mencionado, deparamo-nos com um vasto conteúdo composto por vídeos, reportagens, artigos de opinião, imagens sobre o artefato em investigação hospedado em diferentes portais online.

Para definir o material de análise do trabalho, utilizamos o sistema de busca do Google, mais utilizado no mundo por ter sido o primeiro a organizar informações úteis em diversos cantos do planeta e torná-las acessíveis com apenas um clique. Na fase da pesquisa realizada entre os meses de maio a agosto de 2020, optamos por seguir um cronograma que se limitava a acessar as palavras-chave da pesquisa no Google três vezes na semana, durante o período de 30 minutos. Batista (2020) descreve o Google como um serviço de busca que traça um ranking com os termos utilizados em cada busca e a variedade das notícias faz com que o sistema as organize, selecionando-as em um ranking de páginas sobre os termos listados.

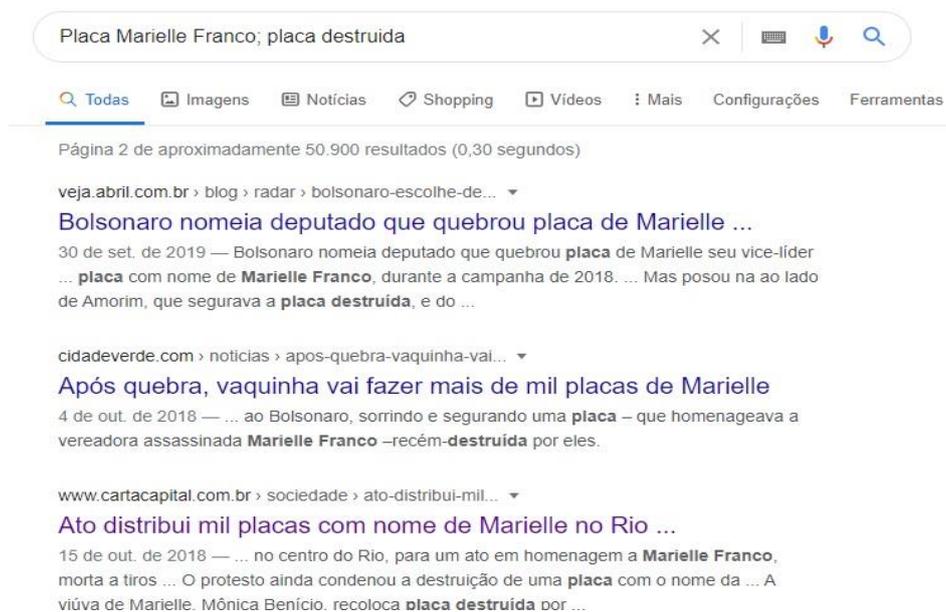
Como percebemos que o número de notícias era deveras extenso e nem todas estavam relacionadas aos termos utilizados na busca, optamos por utilizar como primeiro critério escolher as notícias que apareciam nas primeiras duas páginas. Por se tratar de uma pesquisa diária, percebemos ainda que, no decorrer das buscas, ao utilizar os índices linguísticos citados anteriormente, as notícias entextualizadas sobre o evento de quebra da placa se repetiam, tendo destaque os portais de mídia tradicional mais frequentes nas buscas, como mostram as figuras 9 e 10.

**Figura 9: Print da seleção de notícias**



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2020.

**Figura 10: Print da seleção de notícias**



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2020.

Como mencionado anteriormente, as buscas foram realizadas por meio das palavras-chave: Placa Marielle Franco; Placa arrancada; Placa rua Marielle

Franco; Placa Marielle Franco destruída; assassinato Marielle Franco, como mostra a figura 11. Ao longo do período de março a agosto de 2020 encontramos no site de busca mencionado em média 51.000 resultados diários de textos diversos sobre a temática deste estudo.

O segundo critério para essa fase foi a preocupação em escolher notícias que abordassem o evento em que a placa rua Marielle Franco emergisse. Notamos durante o processo um número diverso de notícias repetidas por diferentes portais jornalísticos sobre o assassinato de Marielle Franco, sua história e pistas sobre os mandantes do crime. Encontramos uma vasta gama de notícias sobre a placa, portanto, outro critério adotado foi descartar textos sem autoria, data e horário de publicação. Além disto, descartamos textos jornalísticos com problemas de coesão e argumentação.

**Figura 11: Print da seleção de notícias de mídias tradicionais**



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2020.

---

Devido à quantidade de textos sobre o tema de pesquisa circulando na web, estabelecemos os seguintes critérios:

- Selecionar apenas reportagens/vídeos em que a placa em homenagem à Marielle Franco é a base da notícia;
- Nos atentamos a informações como a identificação de fonte e a visibilidade da data da notícia;
- Priorizamos nesta fase de busca as mídias tradicionais, por serem mídias de grande circulação nacional e apresentarem recorrência na busca logo nas primeiras páginas;
- Escolhemos quatro, do total de mídias/portais jornalísticos selecionadas na busca, pois percebemos que apareciam de forma recorrente nas páginas da busca, sendo elas o jornal Correio Braziliense, Folha de São Paulo, Jornal Extra e O Estadão. Das 6 notícias, quatro abordavam a placa como pano de fundo, duas abordavam o rumo das investigações e como nos interessava o recorte do evento em que a placa é destruída, optamos por excluí-las;
- Excluimos mais duas entextualizações, pois os comentários estavam bloqueados para acesso;
- Definimos como critério a seleção de portais jornalísticos para um público conservador específico, pois identificamos um movimento textual contrário a placa em homenagem à Marielle Franco. Embasados na metodologia proposta por Fabrício (2013), rastreamos parte dos nacos de sentidos e discursos sobre a placa;

---

Neste primeiro momento, nos interessava os discursos sobre a placa em mídias conservadoras, já que no percurso da pesquisa ao iniciar o rastreamento dos textos, percebemos que havia alguns em que os comentários estavam em aberto, possibilitando que grupos comentassem injúrias específicas com relação ao evento em torno da destruição da placa. Esse recorte estava próximo do que queríamos analisar. Então, optamos por excluir mais uma notícia, pois ambas abordam a placa em homenagem à Marielle Franco.

Optamos, assim, por utilizar o texto do portal online Correio Braziliense. Primeiramente, escolhemos o portal online Correio Braziliense porque percebemos durante a pesquisa que a reportagem selecionada está com os comentários acessíveis para a análise. Identificamos que os comentários são representativos de um movimento recorrente no corpus em que os discursos de ódio se manifestam. Além disto, a linha editorial traz perspectivas mais conservadoras sobre a vida social e o mundo. Sendo assim, a primeira parte do material de análise é composta pelo seguinte texto:

- “Candidatos do PSL destroem homenagem à Marielle Franco em praça do Rio”.

A notícia foi entextualizada pelo portal jornalístico Correio Braziliense, no dia 03 de outubro de 2018, às 23:00, possui 78 comentários (Anexo A);

Ao longo da análise do material, percebemos que nossa visão estava direcionada apenas a uma percepção do objeto em análise, então em 04 de março de 2021, retomamos as buscas, voltando-nos especificamente para as mídias alternativas. Como essas mídias não aparecem com recorrência nas páginas de busca do site Google, optamos por buscar separadamente notícias sobre a placa nos seguintes portais de mídia alternativa: Maré vive, Maré de notícias, Observatório de Favelas, Alma Preta Jornalismo e Mídia Ninja.

Vale ressaltar a justificativa de trabalhar com tais mídias em um primeiro momento. Os portais de notícia Maré Vive, Maré de notícias assim como o

Observatório de Favelas têm sede no local onde Marielle Franco foi criada, a favela da Maré. Pensamos no Alma Preta Jornalismo por ser uma página voltada para a temática racial. Por último, a Mídia Ninja foi escolhida por ser uma rede colaborativa que aborda os fatos mais importantes do país. Vale ressaltar que todos os portais citados estão nas redes sociais (*facebook* e *instagram*), com interação de usuários nos comentários, o que consideramos de grande importância para a pesquisa. Diferentemente das buscas da primeira fase de pesquisa, na segunda utilizamos no buscador do *google* as palavras-chave: “placa Marielle Franco” + nome de uma das mídias alternativas mencionadas, como podemos ver na figura 12.

**Figura 12: Print de seleção de notícias de mídia alternativa**



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2021.

A partir da palavra-chave seguida do portal de mídia alternativa escolhido, (como mostra a figura 12), encontramos algumas notícias direcionadas ao assassinato de Marielle, especificamente nos portais Maré Vive, Maré de Notícias e Observatório de Favelas, mas como já mencionado, utilizamos o mesmo critério adotado para as mídias tradicionais em que só seriam escolhidas notícias em que é abordado o evento de quebra da placa em homenagem à Marielle Franco. Com esse recorte, adicionamos a busca as

---

palavras-chave: “Placa Marielle Franco” e “Placa destruída”, seguida do nome de um dos jornais de mídia alternativa escolhidos. Nos resultados, excluímos quatro portais: Maré Vive, Maré de Notícias, Observatório de Favelas e Alma Preta Jornalismo, pois encontramos notícias relacionadas apenas ao assassinato de Marielle e Anderson e, de acordo com o primeiro critério estabelecido, não havia menção do objeto em análise, ou seja, o evento em que a placa em homenagem à vereadora é destruída.

Ao utilizar as palavras-chave seguido do nome do portal “Mídia Ninja”, encontramos duas notícias sobre o evento da placa em homenagem à Marielle. O primeiro deles era uma chamada para o ato “Mil Placas para Marielle”, já comentado anteriormente. A outra notícia foi a divulgação do dia em que ocorreu o ato Mil Placas para Marielle. Ao nos depararmos com as duas notícias, identificamos que ambas estavam na rede social Facebook e que possuíam comentários abertos com a interação de diversos internautas. Tal observação nos chamou a atenção e decidimos utilizar como segundo critério de escolha notícias que estivessem com os comentários em aberto, da mesma forma que fizemos com as mídias tradicionais.

Optamos por escolher apenas um texto, tendo como material de análise um texto de mídia alternativa e outro de mídia tradicional. Sendo assim, ao final das buscas ficamos com o seguinte texto do portal “Mídia Ninja”:

- A postagem da Mídia Ninja na rede social facebook entextualizado no dia 10 de outubro de 2018, sob o título: “Distribuição de mil placas para Marielle” (ANEXO B);

No capítulo seguinte, discutimos o conceito de memória (GONDAR, 2016) e linguagem, bem como a relação entre ambos. Para tanto, pensamos a teoria dos atos de fala performativos (AUSTIN [1962]1990).

---

## 2. MEMÓRIA E LINGUAGEM

Neste capítulo, objetivamos pensar a fluidez e a mobilidade da memória no contexto global em consonância com a visão de linguagem e o conceito de entextualização adotado. Em um primeiro momento, vamos abordar conceitualmente os atos de fala performativos de (AUSTIN [1962]1990), embasados nos estudos de (BORBA 2014, MELO; MOITA LOPES, 2015). Neste sentido, a linguagem é relevante já que dá existência às memórias. A seguir, articulamos a fluidez da memória pensando no contexto de globalização, onde as formas linguísticas tendem a se movimentar intensamente (BLOMMAERT, 2010). Como aponta o autor, veremos que os espaços em que a linguagem atua são preenchidos por normas e valores estratificados no tempo. Terminamos a discussão, apresentando como a perspectiva da Memória Social e o pensamento decolonial (COSTA; HIPÓLITO, 2020) denunciam essas normas operantes na vida social.

### 2.1 Memória, linguagem e entextualização

Em suas formulações para pensar o campo da Memória Social, Gondar (2016, p. 20) admite que uma variedade de signos “[..] podem servir de suporte à construção de uma memória”. Essa variedade de signos que se abre a memória, faz com que comporte diferentes sentidos. Segundo a autora, essa mobilidade/mutabilidade também se encontra no campo conceitual, pois a Memória Social além de polissêmica, seu estudo constitui um campo transdisciplinar. Tal característica é fundamental para entender que tal conceito “[...] é produzido no entrecruzamento e nos atravessamentos entre diferentes campos do saber”. A memória como um campo complexo de estudos não poderia obter respostas para as questões que emergem desses múltiplos atravessamentos e confrontos apenas de um campo disciplinar isolado. (GONDAR,2016).

---

Interessa-nos aqui abordar a Memória Social enquanto um campo conceitual que não se esgota, destacando sua mutabilidade/mobilidade. Nesse sentido, especificamente no capítulo em questão, trabalhamos a relação entre memória e linguagem, dois campos que conceitualmente evocam mobilidade, apresentando possibilidades de estabelecimento de relações. Entendemos a linguagem como ação social e nos baseamos no conceito de atos de fala performativos (AUSTIN [1962]1990), pois apostamos que os efeitos de tais atos de fala ensejam significados que dão existência a memórias sociais que podem ser naturalizadas pela repetição. Essas iterações se referem às memórias sociais tradicionalmente normatizadas. No entanto, significados inovadores podem surgir nas práticas sociais, dando lugar a memórias sociais diferenciadas

Com o processo de intensificação da mobilidade linguística no mundo digital a que grandes contingentes populacionais são expostos hoje (BLOMMAERT, 2010, MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2017), podemos pensar a memória social em fluxo no tempo presente de modo mais forte. O caráter de fluidez da memória social tem como corolário seu deslocamento no tempo, no espaço físico e online.

Voltando a questão da natureza performativa da linguagem, cabe discutir as noções de performance e performatividade, Borba (2014) nos chama atenção para a importância do pensamento austiniano, ao inferir que em suas formulações sobre enunciados linguísticos, Austin ([1962]1990) se dedicou em seus estudos a propor uma ruptura com concepções clássicas positivistas de linguagem, que na metade do século XX era entendida como uma descrição da realidade. Segundo Borba (2014), embasado em Austin (1962/1990), entendemos que podemos fazer coisas com as palavras, o que implica dizer que ao proferir enunciados, estamos agindo pela linguagem e que não há distinção entre o dito e o feito, visto que o ato de fala se constitui em uma ação. Segundo Borba (2014), o filósofo da linguagem divide os atos de fala em performativos e constatativos, propondo que os primeiros podem ter ou não sucesso e os segundos apresentam condições de felicidade e infelicidade. Austin ([1962]1990) argumenta que ao proferir certas palavras em

---

condições/momentos adequados, não estamos descrevendo uma realidade, estamos agindo pela linguagem.

De acordo com Espindola (2017), a perspectiva Austiniana do ato de fala enquanto ação, parte da ideia que o dizer e o fazer são entendidos como linguagem e não se separam. Esse conceito, segundo a autora “constrói uma importante perspectiva em que vemos tudo o que é dito como uma ação, e não como constatação/representação. ” (ESPÍNDOLA, 2017, p. 52). Em sua primeira fase, digamos assim, Austin separa os atos de fala em constatativos e performativos o que leva ao entendimento da linguagem pautado na ideia de construção de uma realidade ou na fabricação/produção daquilo que se fala (ESPÍNDOLA, 2017). Segundo Espindola (2017, p. 51):

Se nos atos constatativos Austin aponta para o fato de que as palavras enunciadas descrevem a realidade, isto é, apresentam a constatação de uma verdade, nos atos performativos podemos assinalar o modo como Austin se aparta da condição de verdade e falsidade dos primeiros e concede a estes últimos um caráter construtor. Em outras palavras, os atos performativos têm como traço fundador a capacidade de realização de uma ação.

Embasados no conceito de atos de fala performativos de Austin ([1962]1990), Melo & Moita Lopes, (2015, p.4) explicam que “ao serem proferidos os atos de fala performativos, atendendo a circunstâncias contextuais e textuais, produziram o que descrevem”. Ainda segundo os autores (2015, p. 4), isso significa dizer que “ao enunciarmos uma ação, ela é realizada pela linguagem, ou seja, é performativa”. Segundo Melo & Rocha (2015) ao repetir os atos de fala, hierarquizamos vidas, normatizamos corpos e condicionamos nossas vidas ao movimento desses atos de fala. Pensando no ato de falar o que se lembra como performativo, podemos dizer que tais atos encenam memórias construídas ao longo dos anos e que temos como referência no contexto presente.

Pensando nas implicações cotidianas e no uso ampliado de recursos linguísticos na vida social pela sua intensa mobilidade, Blommaert, (2010) aponta as consequências e explica que o termo conhecido como globalização é utilizado para se referir ao intenso fluxo de mobilidade de pessoas, capital e

---

imagens decorrentes dos avanços tecnológicos. Analisando o fenômeno de forma mais abrangente, Blommaert (2010) diz que a globalização afetou o contexto cultural, social, político e histórico e propõe considerar que a língua também é parte daquilo que foi afetado pelos processos de mobilidade e fluidez ocasionados pela globalização.

Nesse sentido, as formas linguísticas são mais móveis e operam no contexto social a partir de uma ordem. Blommaert (2010) propõe o conceito de ordem de indexicalidade inferindo que os textos que circulam no contexto global são revestidos de valores normativos que são hierarquizados. Para Blommaert (2010, p. 48):

[...]as indexações ordenadas operam dentro de grandes complexos estratificados nos quais algumas formas de semiose são sistematicamente percebidas como valiosas, outras como menos valiosas, e algumas não são levadas em conta, enquanto todas estão sujeitas a regras de acesso e regulamentação quanto a circulação.

Nesse sentido, o autor aborda formas linguísticas em um espaço ordenado. A utilização de certas palavras nos remete a tempos e espaços outros. A construção da linguagem opera dentro do espaço-tempo por práticas reguladoras que estabilizam e regulam nossa forma de agir. Da mesma forma, é possível dizer que as memórias circulantes no contexto social também são ordenadas e hierarquizadas.

Ainda pensando nas transformações sociais motivadas pelo fenômeno de globalização e que também afetam o campo da memória social, Husseyn (2000) explicita que a cultura da memória na qual vivemos levanta questões fundamentais sobre violação de direitos humanos, justiça e responsabilidade coletiva. A memória política tem sido pensada na medida que se percebe que os acontecimentos passados causam trauma no futuro. Assim, as nações têm se movimentado a fim de criar políticas democráticas para avaliar os erros do passado. O foco da memória nacional a partir do século XX tem sido o de assumir a responsabilidade pelo passado.

---

Nesse sentido, cabe ressaltar o que Costa & Hipólito (2020, p. 232) argumentam sobre a produção do campo da Memória Social no sul global, tendo o século XXI apresentado uma significativa importância e guinada no que diz respeito a mudança na perspectiva de produção de conhecimento em memória:

Por mais interdisciplinar que seja, o campo da Memória Social foi construído e reflete discursos, narrativas e formas de compreender as relações sociais subsidiados pelo *corpus* teórico e metodológico produzido em países centrais; refletindo, sob muitos aspectos um conhecimento hegemônico. Contudo, quando aplicada à realidade de países do sul global, em especial à brasileira, que associa: heranças coloniais tradicionais; experiência de modernidade periférica; elaboração de relações étnico-raciais *sui generis* e ainda um patriarcado robusto, é possível pensar em uma Memória Social cujas elaborações prescindam de uma perspectiva decolonial?

Vemos que o Campo da Memória Social durante muito tempo se pautou na perspectiva ocidental de uma história branca, hegemônica e que por vezes invisibilizou memórias de povos subalternos, sendo de grande valia para as autoras a produção de uma Memória Social a partir da perspectiva decolonial. Neste contexto, os atos de fala produzem memórias que podem apontar para memórias coloniais ou decoloniais e outras.

Nessa perspectiva, refletiremos sobre raça como um marcador social da diferença e as implicações que fizeram com que tais memórias das populações negras fossem deslocadas/esquecidas por não fazerem parte de um padrão hegemônico que ainda é recorrente nas práticas sociais. O uso da linguagem é entendido como trabalho de evocação de memória e isso significa dizer que tais práticas sedimentam e criam um padrão. Discutiremos teoricamente essas implicações a seguir, pautando em memórias coloniais de gênero e raça para entender de que forma foram estratificadas em diversos contextos com a ação do tempo.

## 2.2. Raça, gênero e sexualidade

Quando pensamos que linguagem e memória são performativas, em outras palavras, podemos dizer que quando as memórias são mobilizadas, ações são realizadas e podem afetar vidas e as práticas sociais. Ao tratar de memórias sociais entextualizadas nos textos em investigação, raça, gênero e sexualidade são temáticas relevantes para compreender a placa em homenagem à Marielle Franco.

De acordo com dados do Atlas da violência<sup>21</sup> (2019), 75,5% das vítimas de homicídio no ano de 2017 são pessoas negras. A análise comparativa do estudo considera os homicídios entre os anos de 2007-2017 em que é possível constatar o índice de desigualdade racial por disparidade entre negros, brancos e indígenas como vítimas de homicídio. Torna-se relevante questionar de que forma um corpo passa a ser entendido como abjeto ao longo do processo histórico de colonização, e se mantém desumanizado no contexto contemporâneo?

Segundo Butler ([1995]2019), a desaprovação social de um corpo se pressupõe possível a partir da hierarquização de outro, e se é pelo discurso que um corpo é produzido, devemos considerar que na produção discursiva, a desumanização de vidas que não são consideradas vidas por não se enquadrarem no imaginário social dominante, posteriormente estão sujeitas à violência física, reiterando a desumanização desse corpo. Para a autora, a produção de um corpo pelo e no discurso, e respectivamente sua desumanização são fatores que ocorrem porque o discurso/a linguagem atribui materialidade aos corpos, de forma que o discurso causa efeitos e esses efeitos materializados são intermediados por poder.

Partindo da perspectiva que a linguagem dá existência, podemos dizer que raça se constrói na cultura e também na e pela linguagem. Além disto, compreendemos aqui que ela é construída em relação ao outro e na relação

---

<sup>21</sup> Atlas da violência 2019. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>> Acesso em: 05 jan. 2020.

---

com o outro (MELO; ROCHA, 2015). Se, como afirma Butler ([2004]2019, p.40) “[...] somos constituídos politicamente em parte pela vulnerabilidade de nossos corpos”, isso implicaria refletir que alguns corpos estão sujeitos a maior exposição e vulnerabilidade em uma norma social que aponta as vidas que são passíveis de luto e da comoção pública. Nesse sentido, um corpo negro, de uma mulher LGBTQIA+ percorre a trajetória do questionamento de sua humanidade dentro do reconhecimento da importância do seu corpo por normas reguladoras que solapam estes marcadores discursivo-corpóreos. Frente a essa questão, parece-nos necessário discutir brevemente alguns aspectos da questão racial em contexto brasileiro.

A diferenciação de raça, historicamente, pressupõe a produção do corpo não hegemônico como ‘outro’. Nesta investigação, raça é compreendida como uma construção social, discursiva e performativa, como apontam Melo & Rocha (2015). As narrativas convencionais produzidas sobre o corpo negro ao longo dos séculos se sustentam estruturalmente e o coloca em vulnerabilidade social. No *locus* da necropolítica, são as vidas consideradas menos importantes, frequentemente, e são descartadas (MBEMBE, [2003] 2018).

De acordo com Almeida (2018), o iluminismo foi o fundamento filosófico utilizado nas revoluções liberais das sociedades europeias. Segundo o autor, na transição entre a economia feudal e a sociedade do capital, o ser humano viu a necessidade de romper com instituições absolutistas, instituindo o ideário de progresso pelo direito e razão universais e, assim, sustentaram aquilo que acreditavam ser uma ideia justa de civilização, construída sob a ótica do branco. Posteriormente, as civilizações europeias seriam levadas para os povos onde esse formato de reorganização social não existia, e que na lógica dos brancos tais povos eram considerados primitivos, o que culminou no processo de destruição de povos e culturas, que conhecemos como *colonialismo*.

De acordo com Mbembe ([2013] 2014), a noção que se têm de raça foi criada para estigmatizar pessoas negras em uma categoria desumana e excludente. Tal noção incute um medo inconsciente em relação ao ‘outro’, reiterando ao longo de anos uma imagem que associa pessoas negras à figura

---

de bestialidade ou do sujeito animalesco para legitimar o controle sobre seus corpos. O autor diz ainda que essa imagem que o homem branco europeu perpetua sobre pessoas negras africanas no período colonial, traz uma série de ideias, medos e sentimentos a que Mbembe ([2013] 2014, p. 57) denomina razão negra, “[...] um conjunto de vozes enunciados e discursos, saberes, comentários e disparates, cujo objeto é a coisa ou as pessoas de origem africana e aquilo que afirmamos ser o seu nome e sua verdade.”

Por séculos, o discurso reiterado para legitimar a expropriação do corpo negro para o trabalho escravo por meio de falas e histórias fortaleceu a ideia de superioridade do homem branco ocidental em relação ao negro africano. A cultura do medo em relação ao negro foi estimulada para exercer o controle sobre seu corpo. A racionalidade como ideal filosófico iluminista se incorporou dentro das práticas sociais sempre buscando reconhecer humanidade naqueles corpos criados pela norma imaginária, desumanizando outras raças (MBEMBE, [2013] 2014).

Podemos considerar que a classificação que o homem europeu utilizou para enquadrar o que se considerava como povo *civilizado* sustentou a ideia no imaginário social dos corpos que tinham devida importância. Ademais, a ideia normativa de classificação social possibilitou o exercício do poder de matar, bem como a escolha dos sujeitos que devem morrer, na lógica da soberania, que emerge a partir da criação do Estado-nação, proveniente do pensamento iluminista (MBEMBE, [2003] 2018). Nesse sentido Mbembe ([2003] 2018) afirma que, eliminar o pensamento obscuro e preconceituoso apoiado e promovido pela igreja, pressupunha a criação de uma sociedade que tem como base a ideia de justiça aplicada às leis.

Trazendo esta discussão para o contexto brasileiro, podemos pensar a estratégia de embranquecimento da raça negra após a abolição. Uma das políticas públicas adotadas foi o fluxo imigratório de europeus no Brasil ocorrido ainda no período abolicionista. Para Nascimento ([1978]2016), a política imigratória de cunho institucionalmente racista deu a sociedade dominante fundamento para que a população negra fosse de todo extinta. O mito de que o sangue negro africano era inferior mobilizou esforços para que essa população

---

fosse de todo apagada do território brasileiro e com o estímulo do fluxo imigratório propagava-se que a raça branca ia sobrepor a negra. A ideia central era de que, com o tempo e com o cruzamento das raças, o mulato emergiria como tentativa errática de apagar ao longo dos anos a ‘mancha negra’ que era o Brasil, entretanto, o mulato passou a sofrer o mesmo infortúnio que pessoas negras africanas e a ideia de inferioridade racial perdurou.

Conforme Nascimento ([1978]2016), as práticas de agressão ao corpo negro não cessaram após a abolição, uma vez que esta marca um período de genocídio em massa dessa população e seus descendentes, lançados à própria sorte sem a concessão de qualquer apoio financeiro ou meio de subsistência. O estudioso afirma que tal prática sempre existiu dentro do regime escravocrata, pessoas negras idosas, doentes ou que não pudessem manter um nível satisfatório de produtividade, eram descartadas às ruas para desfrutar de sua liberdade sem qualquer tipo de apoio. Dessa forma, o Estado se eximiu de qualquer responsabilidade sobre os corpos que foram retirados a força do território africano para serem escravizados e, logo depois, descartados.

Se, como afirma Schucman (2014), é necessário pensar a branquitude como raça para entender seus privilégios simbólicos e materiais acumulados historicamente, isso implicaria repensar o papel social de pessoas brancas na construção de uma política baseada na quebra da manutenção desses mecanismos de poder que os define como padrão de humanidade. Se pensarmos nas relações raciais no contexto pós-abolição, como nos mostra Hasenbalg (1982, p. 87), a transição do sistema escravista para o capitalismo beneficiou as pessoas brancas, pois a discriminação e o preconceito racial continuaram operantes e, sendo assim:

A adoção de um modelo normativo de revolução burguesa e de sistema social competitivo leva a uma sobreestimação do potencial democrático e igualitário da sociedade de classes em formação. Isto, junto com a visão do preconceito e discriminação raciais como sobrevivências anacrônicas do passado escravista – destinados por tanto a desaparecer com o amadurecimento do capitalismo.

---

Dessa forma, Hasenbalg (1982, p. 89) diz que a situação do negro no Brasil após o período abolicionista não se deu apenas pela transição do sistema de opressão colonial para o capitalismo, mas está relacionado à questão racial e à estrutura social do negro na então sociedade de classes em formação, visto que “a raça, como atributo social e historicamente elaborado, continua a funcionar como um dos critérios mais importantes na distribuição das pessoas na hierarquia social”. Para o autor é uma realidade que o sistema de opressão colonial operou de forma a colocar pessoas negras em desvantagem na estrutura social. Nesse sentido, o estudioso aponta que as práticas discriminatórias contra as pessoas negras ainda operam no presente.

Conforme Hasenbalg (1982) indica ainda, há etapas no processo de mobilidade social como educação, emprego, moradia e renda. Pessoas negras estão à margem desse processo de mobilidade social, pois a estrutura por meio da qual a sociedade se orienta os distancia de tal processo. Hasenbalg (1982, p.99) afirma que:

Esse perfil de desigualdades raciais não é um simples legado do passado; ele é perpetuado pela estrutura desigual de oportunidades sociais a que brancos e negros estão expostos no presente. Os negros sofrem uma desvantagem competitiva em todas as etapas do processo de mobilidade social individual. Suas possibilidades de escapar às limitações de uma posição social baixa são menores que a dos brancos da mesma origem social, assim como são maiores as dificuldades para manter as posições sociais já conquistadas.

A partir disto, as barreiras impostas pela estrutura de classes capitalista impossibilitaram que pessoas negras se beneficiassem do processo de mobilidade social individual em uma estrutura social desigual em que se privilegia o homem branco. Segundo Saffioti (1987), três sistemas de exploração estão incorporados no contexto social brasileiro e nas sociedades capitalistas, sendo o patriarcado, o racismo e o capitalismo que agravam o problema de classes sociais. Para entendermos esses sistemas de opressão vale primeiramente discutir o gênero.

Saffioti (1976) aponta um longo histórico de desigualdade entre homens e mulheres anterior a sociedade capitalista. Segundo a autora, a mulher como

---

integrante do grupo familiar em um estágio anterior a sociedade industrial era trabalhadora do campo e de afazeres domésticos. Entretanto, como o trabalho feminino sempre foi inferiorizado em relação ao masculino, Saffioti (1976) aponta que a posição social e o crescimento da mulher estavam atrelados ao homem, uma vez que tinham visibilidade social somente quando casadas. A autora diz que o capitalismo acompanhou e reforçou os problemas estruturais na sociedade de classes e que o trabalho feminino sempre foi inferiorizado em relação ao homem, mas necessário para os mecanismos de manutenção da força patriarcal.

É relevante articular a questão da inferiorização da mulher na sociedade de classes com o pensamento de Butler ([1993]2019). Ao tratar de gênero, Butler ([1993]2019) apresenta o corpo como um agente político e articula gênero com a linguagem, especificamente, com os atos de fala discutidos por Austin ([1962]1990), já mencionado anteriormente. Butler ([1993]2019) apresenta uma teoria para pensar o sujeito que a partir de uma relação social passa a ter consciência de si, hierarquizando nessas relações noções normativas de um corpo que é sustentado por uma ordem subjetiva e uma materialidade construída para que possa agir e ser reconhecido como humano.

Segundo Butler ([1993]2019), a distinção entre sexo e gênero foi formulada dentro do feminismo em oposição ao destino biológico do que é ser mulher, segundo as práticas reguladoras do poder que sustentam a norma imaginária e projetam uma imagem universal do feminino. A base normativa trata o gênero como uma interpretação do sexo, ou do sujeito sexuado, que é imposto culturalmente para dar inteligibilidade ao reconhecimento do corpo. Butler ([1990]2019) questiona essa atribuição da norma ao dizer que o gênero é uma construção impulsionada pela cultura.

Pensando nas imposições culturais cabe aqui ressaltar a dominação patriarcal. De acordo com Saffioti (1987), o patriarcado pode ser entendido como um sistema de exploração no terreno econômico e nas relações de trabalho em que o capitalismo opera como ideologia pela dominação do homem sobre a mulher nos espaços privados. De acordo com a estudiosa, a dominação do patriarcado se inicia no ambiente familiar em que o homem

---

representa a figura absoluta da casa tanto para as esposas como para as filhas. Pensando na estrutura de classes em decorrência da sociedade capitalista, Saffioti (1987, p.50), afirma que “[...] no seio da família, a dominação masculina pode ser observada em praticamente todas as atitudes. Ainda que a mulher trabalhe fora de casa em troca de um salário, cabe-lhe realizar todas as tarefas domésticas”. Esse modelo de feminilidade é de todo problemático na percepção da construção que os sujeitos ocupam na sociedade e essa construção de submissão feminina se dava na interação da construção do macho, do homem viril dentro de uma lógica dominante.

O estereótipo reforçado em relação aos corpos de ambos os sujeitos pode ser pensado pela performatividade de gênero, termo cunhado por Butler ([1990]; [1993] 2019) para se referir as distinções entre homens e mulheres culturalmente construídas e que perpetuam essa ideia no reconhecimento dos corpos. Na lógica Butleriana, as ações corpóreas e discursivas que realizamos vão produzindo o gênero e esse fazer é repetido, tendo como padrão de humanidade o corpo produzido na ação discursiva. Essa reprodução dos papéis de gênero no corpo é produzida e reproduzida de acordo com os significados construídos do que é ser homem e do que é ser mulher, imbricados na ação da cultura. Para Butler ([1990]2019), essas definições de gênero culturalmente sustentadas pela repetição, construíram um ideal de corpo que é humanizado em oposição a outro que não é reconhecido enquanto humano. Podemos dizer que tal construto não está restrito a questão do gênero e sexualidade, pois como já mencionamos, raça também é entendida como performativa, porque as ações linguísticas racializam corpos (MELO & MOITA LOPES, 2015).

Se o que dá compreensão e sentido para o que dizemos é a ação do corpo, podemos dizer que o corpo precisa garantir o que está sendo visto ou dito nos atos de fala performativos no momento em que somos interpelados na interação com o outro. Nessa interação, há reconhecimento e aprovação da projeção do gênero correspondente ao sujeito sexuado. Como propõe Butler ([1993]2019, p. 29), a construção desse sujeito generificado “[...] não apenas toma lugar no tempo, mas é em si um processo temporal que opera pela reiteração de normas; no decurso dessa reiteração, o sexo é produzido e ao

---

mesmo tempo desestabilizado”. Isso significa dizer que, ainda que as imposições normativas operem, a instabilidade constitui uma negociação que implica pensar nos seus efeitos para propor mudanças na estrutura social.

Se o gênero é um marcador que limita o processo de mobilidade social da mulher em relação ao homem, cabe analisar o contexto a partir do recorte racial e de classes, pois as mulheres negras apresentam menor nível de acesso à educação e oportunidades de emprego, como aponta Gonzalez ([1980] 2020). Conforme Saffioti (1987, p. 52):

[...] neste país, a mulher negra ocupa a última posição. Ela é duplamente discriminada: enquanto mulher e enquanto negra. De acordo com o modelo oficial, cabem-lhe, fundamentalmente, dois papéis: o de empregada doméstica e o de objeto sexual.

Ao longo de séculos, condições negativas como imposição cultural, social e discursiva sobre as mulheres negras têm contribuído para a formação de sua imagem e do lugar que ocupam na sociedade. O ideal de mulher normativo, frágil e apto a alcançar a feminização, não contempla (va) as mulheres negras desde o período colonial. Após o período abolicionista, homens e mulheres negra(o)s continuaram em desvantagem em uma sociedade brasileira que perpetuou o mito da democracia racial, silenciando discussões pertinentes à inserção de pessoas negras no contexto social, bem como a garantia de uma vida justa (GONZALEZ, [1980] 2020).

De acordo com Collins ([1990]2020), os estereótipos culturais sobre a mulher negra que emergem nos sistemas de opressão impostos pela raça dominante, propiciaram o que a autora denomina imagens de controle. Tais imagens trabalham para consolidar certa normalidade na supressão dos corpos de mulheres negras, apoiados a uma opressão dupla que parte de duas ideologias dominantes: racista e sexista, alocadas na estrutura social e com vistas a condensar a experiência de mulheres que sofrem a opressão racial e a opressão de gênero (COLLINS, [1990]2020). Para embasar tal argumentação teórica, Collins ([1990]2020) faz uma crítica ao binarismo e diz que ele é basilar

---

na percepção de diferenças em termos de oposição e que implica dentro da estrutura social relações hierárquicas de superioridade e inferioridade. De acordo com Collins (1990/2020, p. 137):

[...] a objetificação é fundamental para esse processo de diferenças formadas por oposição. No pensamento binário, um elemento é objetificado como o 'Outro' e visto como um objeto a ser manipulado e controlado.

Essa projeção do outro nos moldes de um sistema ideológico que perdura e se fortalece com base nas diferenças biológicas de raça e gênero coloca a mulher negra na categoria de objeto. Além de estabelecer certo controle do seu corpo nas mídias e espaços institucionais ancorados estruturalmente, a coloca em um lugar de invisibilidade, apagamento e dominação. As imagens de controle repetidas constantemente em diversas situações, entendidas aqui como textos, além de objetificar mulheres negras, reforçam e iteram um discurso de inferioridade racial em que elas são naturalmente enquadradas como subordinadas, o que implica em um rearranjo na ordem social no que diz respeito a aceitação de pessoas negras ocupando espaços e cargos fora do que essas imagens têm orientado ao longo dos anos (hooks, [1982]2019).

Para Gonzalez ([1980]2020), a visão eurocêntrica de produção de corpos daqueles que são considerados 'outros', ou racializados em oposição à branquitude, no período da escravidão, incumbiu homens e mulheres negros a realizarem serviços braçais. No período em questão, para a autora a mulher negra se encontra em duas categorias: a de mucama e a trabalhadora do eito. A imagem de controle da mulher negra como mucama, responsável por cuidar da casa grande, dos filhos dos senhores brancos e, como aponta Gonzalez, entre outras coisas (2020, p. 53): "lavar, passar, cozinhar, fiar, tecer, costurar e amamentar as crianças nascidas do ventre 'livre' das sinhazinhas". A objetificação da mulher negra atinge níveis fora dos afazeres domésticos, pois

---

era sistematicamente estuprada e oferecida para iniciação sexual de filhos de amigos mais jovens dos senhores da casa grande (GONZALEZ, [1980] 2020).

Mulheres negras escravizadas eram aterrorizadas psicológica e fisicamente e a brutalidade com que os senhores as tratavam teve legitimidade por um conjunto de narrativas ficcionais negativas em relação ao negro africano a fim de estabelecer o controle de seus corpos (MBEMBE, [2003] 2018). A mulher negra era fundamental para o funcionamento do sistema de opressão colonial e na perspectiva dos senhores, deveriam ser “domadas”. As formas de dominação do corpo da mulher negra, que recebia a maior parte da violência exercida pelo poder dos senhores, eram constantes na medida que passavam a maior parte de sua rotina servindo as famílias brancas e, como aponta hooks, ([1982] 2019, p.44) “[...] era crucial que ela fosse tão aterrorizada a ponto de se submeter passivamente à vontade do senhor, da senhora e das crianças brancas”.

Essas ações do passado têm efeitos que moldam nossas relações no presente. Em um breve retrospecto sobre a atuação de Marielle Franco como vereadora negra e periférica em um uma bancada de maioria branca e heterossexual, sendo constantemente interrompida em seus discursos, percebemos a força do patriarcado e as consequências e resquícios do que restou do período colonial. Marielle passou a ser símbolo de luta e resistência após seu assassinato, o que levantou questões fundamentais sobre representatividade de mulheres negras em direção à construção de outras possibilidades de futuros possíveis. A marginalização do corpo negro, principalmente o de mulheres, impossibilita repensar novos espaços em que a mulher negra pode atuar, renunciando a herança que o sistema de opressão colonial deixou para pessoas negras. A força de sua luta ecoa nos espaços dando voz a outras mulheres negras como símbolo de representatividade.

Essa inconsistência em relação ao conceito de mulher culturalmente construído, ao projetar uma imagem de feminilidade e fragilidade que não se insere na vida de mulheres negras, aponta para contradições do uso do termo mulher como universalizante dentro de uma estrutura social que suprime vidas negras. O aspecto universal do termo mulher, por um lado, coloca a mulher

---

branca como padrão de feminilidade e, por outro, desumaniza o corpo de mulheres negras.

Continuamente, o peso da opressão sofrido por mulheres negras escravizadas, sustentado pelo período colonial, não cessou após o período de abolição. Essa questão resulta, segundo Carneiro ([2003] 2019), dos processos de violência sexual sofridos por mulheres negras e indígenas que, como resultado da miscigenação, perpetua o mito da democracia racial, da harmonia e boa convivência entre as raças. Como país multicultural, as questões relacionadas ao período colonial, os abusos sexuais, a opressão racial e de gênero foram silenciadas ao longo dos processos de mudança histórica e industrialização. Nesse contexto, o negro era invisibilizado e cabia à mulher negra trabalhar como empregada doméstica ou na prestação de serviços de baixa remuneração (GONZALEZ, 2020).

Baseado na discussão de Gonzalez ([1980]2020), podemos dizer que as chances de ascensão social para mulheres negras eram inexistentes, visto que no pós-período colonial as imagens de controle como mãe preta e mucama determinaram o lugar da mulher negra na sociedade brasileira em uma perspectiva racista e excludente. As imagens sedimentadas sobre as posições e espaços que mulheres negras ocupam desde o período colonial limitam e controlam sua performatividade em um mundo em que as possibilidades são diversas para mulheres e homens brancos. Isso significa dizer que com relação aos espaços de poder a mulher negra representa uma parcela ínfima.

Segundo Saffioti (1987, p. 60) na sociedade de classes pós-colonial a simbiose entre as três formas de opressão: patriarcado, racismo e capitalismo é inseparável, “[...] pois se transformaram, através deste processo simbiótico, em um único sistema de dominação-exploração, aqui denominado patriarcado-racismo-capitalismo”. Para a autora, os três sistemas de opressão operando aumentam o lucro da classe dominante, uma vez que a discriminação racial e de gênero enquadra negros e mulheres em posições subalternas em que recebem salários mais baixos. Em tal análise, o poder está detido nas mãos do homem hétero e branco em primeiro lugar e isso só é possível porque a classe trabalhadora é explorada. Segundo Saffioti (1987, p. 67) “[...] o patriarcado-racismo-capitalismo beneficia, em primeiro lugar, o homem rico, branco e

---

adultos. Em segundo plano, na ordem dos beneficiados, vem a mulher rica, branca e adulta”.

Intencionamos ainda abordar a sexualidade como um marcador social de diferença, que segundo Louro (2008) é construída a partir de práticas discursivas, pedagógicas e culturais. A construção de raça e gênero discursivamente, assim como a sexualidade, limita perspectivas e, segundo Louro (2008, p.21) “[...] a sexualidade permanece como alvo privilegiado da vigilância e do controle das sociedades”. Segundo a autora, práticas normativas têm como referência apenas um modo de vida que é heterossexual, branco e patriarcal. Entretanto, as minorias sexuais e o movimento feminista têm tido papel fundamental a partir do questionamento de outras formas de vida e sexualidades, já que, como aponta Louro (2008, p.20), a voz do homem branco e heterossexual “construía representações sociais que tiveram importantes efeitos de verdade sobre todos os demais”. Ainda segundo Louro (2008), a famosa frase de Simone de Beauvoir, “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, indica uma construção do que é o feminino e esse discurso se torna um fazer nas práticas sociais: “fazer-se mulher dependia das marcas, dos gestos, dos comportamentos, das preferências e dos desgostos que lhes eram ensinados e reiterados, cotidianamente, conforme normas e valores de uma dada cultura” (Louro, 2008, p.17).

Frente a reiteração dos discursos que produzem o ser mulher podemos pensar nas referências culturais e normativas que constroem o sexo e a sexualidade. De acordo com Foucault ([1976]2020) os mecanismos de poder regulam discursos sobre sexo e sexualidade e tais práticas de condenação e decência produziam efeitos reversos. Segundo Foucault ([1976]2020), no século XIX o sexo era restrito a práticas matrimônios e discursos e modos de sexualidade eram reprimidos pelos mecanismos de poder. Nesta fase, a homossexualidade era condenada juridicamente. Segundo Louro (2001), o sujeito homossexual passa a ser categorizado como tal a partir da segunda metade do século XIX e a sexualidade passa a ser regulada por grupos institucionais, na medida que os corpos são produzidos discursivamente aqueles que destoavam dos modelos de gênero impostos culturalmente eram categorizados e nomeados como “desvio da norma” (Louro, 2001, p. 542).

---

Nesse sentido, Louro (1997, p.24) em seus estudos de gênero e sexualidades compreende os sujeitos “como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias”. Ao observar os discursos sobre gênero, a autora diz que este, em certa medida, está sempre atrelado à sexualidade, visto que na perspectiva institucional os corpos são produzidos e generificados. Frente a essa questão:

A homossexualidade, discursivamente produzida, transforma-se em questão social relevante. A disputa centra-se fundamentalmente em seu significado moral. Enquanto alguns assinalam o caráter desviante, a anormalidade ou a inferioridade do homossexual, outros proclamam sua normalidade e naturalidade – mas todos parecem estar de acordo de que se trata de um “tipo” humano distinto Louro (1997, p.24).

Com base nas opressões sistêmicas até aqui apontadas, podemos identificar que o discurso produz sentido e significado enquadrando formas de vida que nas práticas sociais operam como padrão. Raça e gênero, e sexualidade se constituem como construção e a experiência da mulher negra quando confrontada a esses três marcadores é mais intensificada. Frente a essa questão, Lorde ([1984] 2019), mulher negra, lésbica e mãe, diz que ao longo de sua vida se percebe “[...] como parte de um grupo definido como outro, desviante, inferior, ou simplesmente errado”. Essa perspectiva se dá pois homens e mulheres negras são enquadrados por marcadores sociais construídos culturalmente, como raça, sexualidade e gênero. Esses marcadores quando reconhecidos na interação social podem acionar atos de fala injuriosos (Butler ,1997). Tais atos de fala injuriosos foram proferidos contra Marielle ao longo de sua trajetória política.

Os marcadores sociais aqui apresentados, raça, gênero e sexualidade não só construíam o corpo de Marielle Franco, como também a colocava em vulnerabilidade. O trinômio raça, sexualidade e gênero é de extrema relevância para o trabalho para que possamos compreender o seu peso na vida de mulheres negras que sofrem os três tipos de opressão. Marielle Franco era

---

uma mulher negra, lésbica, periférica e que foi interrompida por um crime político brutal. Apostamos que o modo como se deu seu assassinato e os discursos que circulam sobre a vereadora após mais de três anos sem resposta, são orientados pelas performances discursivo-corpóreas que faziam parte de sua vida, rompendo com a visão normativa e reforçada do padrão de mulher branca, heterossexual e obediente ao patriarcado.

No capítulo seguinte, analisaremos as memórias do evento em torno de quebra da placa em homenagem à vereadora Marielle Franco em textos de mídias tradicionais, alternativas e os comentários adicionados a tais textos.

### **CAPÍTULO 3: AS ENTEXTUALIZAÇÕES DA PLACA EM HOMENAGEM À MARIELLE FRANCO E AS MEMÓRIAS QUE EMERGEM NOS PORTAIS DE MÍDIA TRADICIONAL E ALTERNATIVA**

Nesta seção respondemos à pergunta de pesquisa: “Como as entextualizações em torno do acontecimento de quebra da placa em homenagem à Marielle Franco ocorrem em um exemplar da mídia tradicional e em outro da mídia alternativa e que efeitos de sentidos produzem nos textos jornalísticos em análise? Que memórias emergem nas entextualizações em estudo? A análise mostra que foram encontradas nas entextualizações memórias sociais distintas. Uma primeira delas é a memória do assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes. A análise se inicia pelo jornal de mídia tradicional Correio Braziliense. Primeiro apresentamos as memórias mobilizadas na reportagem do portal jornalístico Correio Braziliense publicada no dia 03 de outubro de 2018, às 23:00 e os comentários referentes.

Em seguida, enfocaremos a análise das reportagens escolhidas de mídia alternativa que consiste em uma publicação postada na rede social *facebook*. A postagem publicada no dia 10 de outubro de 2018 pelo portal Mídia NINJA, na rede social com o título: “Distribuição de mil placas para

Marielle”. A postagem é a criação de um evento que ocorreu quatro dias depois, na Cinelândia e que ficou conhecido como Mil placas para Marielle, como já indicado anteriormente. A segunda notícia de mídia alternativa também é uma publicação do portal Mídia NINJA, publicada na rede social *facebook*, quatro dias após a chamada do evento, o ato Mil placas para Marielle entextualizado no dia 14 de outubro de 2018.

### 3.1 Memórias mobilizadas no portal jornalístico Correio Braziliense e comentários

Figura 13: Print da reportagem do Jornal Correio Braziliense

## Candidatos do PSL destroem homenagem a Marielle Franco em praça do Rio

Cartaz que simulava placa de identificação de ruas e praças do Rio foi retirado e rasgado pela dupla



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2020.

No título da notícia publicada pelo portal jornalístico Correio Braziliense, no dia 03 de outubro de 2018 às 23:00 (figura 13), identificamos a mobilização de determinados discursos por meio dos signos linguísticos **candidatos**, **destroem** e **homenagem**. O índice linguístico **candidatos** aponta para discursos sobre as eleições do ano de 2018. Seguido pelo índice linguístico **destroem**, que remete à destruição de um objeto material utilizado para homenagear a vereadora Marielle Franco, assassinada em março de 2018, sete meses após a entextualização em análise. O signo linguístico **homenagem** na frase, justaposto ao índice linguístico **destroem**, indexa discursos contrários à ação de quebra.

Após o título da notícia do portal jornalístico Correio Braziliense, há uma imagem ilustrando o momento da ação de quebra do objeto material em homenagem à Marielle Franco, perpetrada pelos parlamentares em comício de campanha eleitoral. Tal imagem indexa discursos relativos à violência simbólica. Podemos identificar, na figura 13, os dois candidatos com a placa quebrada, que é exposta para o público enquanto discursam. Do lado esquerdo da imagem, um dos candidatos, Daniel Silveira, está vestindo uma camisa em alusão às cores da bandeira brasileira, apontando para memórias de nacionalismo e patriotismo. Na camisa está escrita a frase: “Meu partido é o Brasil” que pode ser encontrada à venda no site oficial do grupo “Meu partido é o Brasil”.<sup>22</sup> Na página oficial na rede social *instagram*, o grupo se intitula como uma organização política e conta com uma breve biografia: “somos um movimento conservador, de direita! ”.

A utilização da bandeira do Brasil estampada em camisas, camisetas e bonés tornou-se uma simbologia para os grupos de direita, com valores nacionalistas e conservadores. Em um breve retrospecto do momento em que ocorreu o que Borba (2019) descreve como muro do impeachment, os manifestantes que pediam pelo impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff vestiam camisas com as cores da bandeira nacional, remetendo ao patriotismo e nacionalismo.

---

<sup>22</sup> Meu partido é o Brasil. Disponível em: < <https://mont.ink/meupartidoeobrasil> >. Acesso em: 09 de jun. de 2021.

---

Seguindo os índices presentes na figura 13, podemos ver ao lado de Daniel Silveira, do lado direito Rodrigo Amorim, vestindo para o momento de campanha eleitoral uma camisa com a imagem do atual presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, que na época em que a matéria analisada foi publicada, assim como os outros candidatos, estava em campanha pela corrida eleitoral do ano de 2018. A estampa com o desenho de Jair Bolsonaro em tinta branca sobre uma camisa de tecido preto remete ao pôster de divulgação do filme *O Poderoso Chefão*<sup>23</sup> – 1972, em que uma família de mafiosos age na ilegalidade em território estadunidense para estabelecer sua supremacia territorial. O filme aponta para discursos sobre **justiça, violência e vingança**, que estão muito presentes dentro da campanha de Jair Messias Bolsonaro e dos deputados federal e estadual citados. A camisa resgata o presidenciável como uma opção em busca de mudança para o país com a legalização do porte de armas, discurso violento e ironicamente podemos dizer que está associado a um marketing positivo à imagem de Jair Bolsonaro. Entretanto, ao nos depararmos com a trama original do filme percebemos que a imagem diz o contrário daquilo que quer expressar, pois coloca o presidenciável como alguém que fará justiça pelo país. Nesse sentido, apostamos que tal associação é irônica.

---

<sup>23</sup> 2Print Impressão via Web. Pôster – filme O poderoso chefão clássico. Disponível em: [https://www.2print.com.br/index.php?\\_route\\_=poster-filme-o-poderoso-chefao-clasico](https://www.2print.com.br/index.php?_route_=poster-filme-o-poderoso-chefao-clasico)

Figura 14: Pôster do filme O Poderoso Chefão



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2021.

A imagem na camisa – faz referência ao pôster<sup>24</sup> do filme o poderoso chefão, (figura 14) – utilizada por Rodrigo Amorim, apontando para discursos de apoio à campanha do candidato à presidência em que se tem um desenho representando o próprio Jair Bolsonaro como o “Poderoso Chefão”. Tal imagem aponta para discursos presentes em sua campanha e que o constroem como um candidato conservador de extrema-direita. Atrás dos dois candidatos com o corpo parcialmente a mostra estava o candidato a governador Wilson Witzel, todos eles integrantes do Partido Social Liberal – PSL – também vestindo uma camisa com a frase “meu partido é o Brasil”, apontando para discursos sobre nacionalismo.

---

<sup>24</sup> Print Impressão via Web. Pôster – filme O poderoso chefão clássico. Disponível em: [https://www.2print.com.br/index.php?\\_route\\_=poster-filme-o-poderoso-chefao-clasico](https://www.2print.com.br/index.php?_route_=poster-filme-o-poderoso-chefao-clasico)

A placa quebrada nas mãos dos candidatos aponta para discursos de violência simbólica e injúria contra Marielle e os grupos de esquerda. Podemos pensar também que essa quebra, para os grupos de esquerda que se identificavam com a causa política de Marielle Franco, representa uma democracia em crise e mobiliza discursos sobre injúria, que se relacionam à raça, gênero e sexualidade, pautas sociais que avançaram nos últimos anos e que são invisibilizadas pelos grupos de direita. De acordo com os candidatos, a colocação do adesivo por cima da placa que indica a Praça Floriano Peixoto, é de autoria do PSOL, como veremos no próximo excerto da entextualização.

### Figura 15: Print de reportagem do Jornal Correio Braziliense

A imagem de dois homens comemorando a destruição de um cartaz que simulava uma placa em homenagem à vereadora Marielle Franco, morta em um ataque brutal em 14 de março passado, no Rio de Janeiro, viralizou nas redes sociais nesta quarta-feira (3/10).

O jovens que aparecem com a condecoração à parlamentar assassinada rasgada são Daniel Silveira e Rodrigo Amorim, candidatos a vagas na Câmara dos Deputados e à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), respectivamente. Os dois são filiados ao Partido Social Liberal (PSL), mesma sigla do presidente Jair Bolsonaro.

A dupla também publicou um vídeo nas redes sociais comemorando a ação. Nas imagens, Silveira argumenta que, após a morte de Marielle Franco, "militantes de esquerda ilegalmente renomearam a praça Floriano, no Centro do Rio de Janeiro, colando um placa por cima da original". Antes, o lugar tinha o nome do militar, marechal Floriano Peixoto.

Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2020.

Na figura 15, seguindo os índices presentes na matéria publicada pelo portal Correio Braziliense, é possível observar a mobilização de discursos sobre o assassinato da vereadora pelos índices linguísticos **morta** e **ataque brutal** no primeiro parágrafo do texto. O uso do índice linguístico **morta** se repete ao longo da entextualização, assim como o índice linguístico **assassinada** que evoca a memória do assassinato de Marielle Franco. Na reportagem, dois candidatos a deputado estadual – Rodrigo Amorim – e deputado federal – Daniel Silveira – pelo PSL (Partido Social Liberal) retiram um adesivo que homenageava a vereadora, em alusão as placas de rua da

---

cidade do Rio de Janeiro, colocado por cima da placa que sinaliza a Praça Floriano, na Cinelândia e, logo depois, aparecem com o adesivo rasgado em comício de campanha eleitoral junto do então candidato a governador pela cidade do Rio de Janeiro, Wilson Witzel.

A entextualização do assassinato no portal jornalístico Correio Braziliense conta uma história que ocorre no momento de candidatura na corrida eleitoral do ano de 2018. Sete meses antes, em quatorze de março de 2018, Marielle Franco é assassinada a tiros junto de seu motorista Anderson Gomes. Ainda no excerto mencionado que compõe o primeiro parágrafo da entextualização, nos deparamos com os índices linguísticos citados: **A imagem de dois homens comemorando a destruição de um cartaz que simulava uma placa em homenagem à vereadora Marielle Franco**. Podemos observar no excerto que tais índices linguísticos apontam para discursos sobre a disputa política entre grupos de esquerda e extrema-direita e as memórias das eleições do ano de 2018.

Os índices linguísticos **comemorando** e **destruição** apontam para o episódio que galvanizou a revolta entre grupos políticos de esquerda e extrema-direita em comentários presentes nas entextualizações das notícias que serão mostrados mais à frente. Continuando a análise do excerto temos o fragmento seguinte: **os jovens que apareceram com a condecoração à parlamentar assassinada rasgada**. Tal fragmento aponta para a homenagem feita à Marielle Franco. Os jovens aos quais a matéria se refere são os dois parlamentares candidatos a deputado estadual e federal pelo partido de extrema-direita, PSL, e que aparecem com a placa em homenagem à Marielle Franco quebrada nas mãos. O índice linguístico **condecoração** usualmente é utilizado para evocar discurso honorífico, uma homenagem pública a pessoas ou personalidades que contribuíram socialmente em reconhecimento e agradecimento. O índice **condecoração** mobiliza memórias de honra e mérito, também presentes nos discursos da vida militar. Originalmente a placa existe para celebrar o militar e segundo presidente do Brasil, Marechal Floriano. Se pensarmos nos modelos de placa de rua oficiais instaladas na cidade do Rio de Janeiro, vemos a entextualização da biografia de uma personalidade de importância social em que há uma intenção de homenagem.

---

Seguindo as pistas presentes na figura 15, temos o índice linguístico **parlamentar** que aponta para a posição de poder que Marielle ocupava como vereadora reafirmando a necessidade de homenagear uma mulher negra assassinada e que estava em tal posição. O índice linguístico **assassinada** reaparece na entextualização, mobilizando discursos sobre o atentado contra a vereadora.

Voltando a análise do segundo parágrafo da figura 15, vemos o fragmento: **são Daniel Silveira e Rodrigo Amorim, candidatos a vagas na câmara dos Deputados e à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj)**. O índice **candidatos** no contexto apresentado na entextualização mobiliza discursos relativos ao cargo disputado por Rodrigo Amorim e Daniel Silveira como Deputado estadual e Deputado federal, cargos importantes que exercem a responsabilidade de propor e revogar leis. Ainda que estivessem pleiteando cargos de alta seriedade na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, aparecem em foto divulgada em diversas mídias com a placa em homenagem à vereadora assassinada rasgada em mãos, discursando para um público de eleitores em comício de campanha eleitoral. Seguindo o próximo fragmento do segundo parágrafo do excerto os dois são filiados ao Partido Social Liberal (PSL), mesma sigla do presidenciável Jair Bolsonaro aponta para a associação do *modus operandi* dos candidatos do partido de extrema-direita, que operam e defendem ações truculentas que geram caos no contexto social.

A narrativa publicada pelo portal jornalístico Correio Braziliense segue um viés discursivo unilateral. Entretanto, os índices linguísticos trazem pistas discursivas interessantes a serem analisadas. No parágrafo seguinte, ainda na figura 15, vemos que os índices linguísticos **comemorando a ação** aponta para a celebração da destruição da placa em homenagem à vereadora. O índice linguístico **morte** é reforçado e aponta para o assassinato de Marielle e a homenagem que foi colocada após tal acontecimento, indicando resistência, já que os parlamentares sugerem que a ação foi produzida por **militantes de esquerda** que trouxeram a memória de Marielle Franco na placa removida e em sequência destruída.

---

Voltando a figura 15, os índices linguísticos **militantes de esquerda** aponta para o partido político do qual Marielle Franco fazia parte, o PSOL ou Partido Socialismo e Liberdade, precipita um discurso antagônico. Comumente, o uso da palavra militante se refere as pessoas que defendem uma causa e almejam mudança social e normalmente tais mudanças envolvem ideais políticos. Ao analisar o restante da frase temos as pistas linguísticas **ilegalmente renomearam a Praça Floriano, no Centro do Rio de Janeiro, colocando uma placa por cima da original** que apontam para discursos de legalidade daquilo que tem validade de acordo com a lei. Para os autores da ação, a remoção da placa em homenagem à Marielle, feita por uma pessoa não identificada e colocada por cima da placa oficial, que é originalmente uma placa de rua com o nome do militar Marechal Floriano Peixoto na praça Floriano, Cinelândia, foi um ato cívico de salvaguarda e restauração do patrimônio público. Nas pistas linguísticas **antes o lugar tinha o nome do militar Marechal Floriano**, vemos a utilização de discursos que mobilizam memórias do governo de um presidente que intencionou montar um estado nacionalista com base no militarismo, repressão e violência. Simbolicamente, a placa em homenagem à Marielle Franco e que foi removida e quebrada pelos parlamentares mobiliza sentidos inversos à violência e aponta para resistência e esperança por dias melhores.

**Figura 16: Print da reportagem do Jornal Correio Braziliense**

"De certo que a morte da conhecida vereadora deve ser investigada e os autores punidos, no entanto, não pode servir como desculpas para depredação do patrimônio público, tampouco ser feita de troféu, como se ela fosse a única vítima dentre os 60 mil mortos por ano vítimas de violência", escreveu Silveira no Facebook.

No vídeo, Amorim diz que Marielle é apenas "mais uma" das vítimas de violência no Rio de Janeiro. Nos últimos minutos da gravação, os dois dizem "Floriano presente", em referência ao grito usado em defesa de Franco, "Marielle presente".

## **Inimigo do PSol**

Na postagem, o candidato a deputado estadual se diz "inimigo do PSol". "Nos acusam de intolerantes, nos acusam de fascistas. No entanto, tive meu comitê atacado várias vezes. Isso mostra que estamos no caminho certo. A missão é combater com força o PSol e suas pautas repugnantes. No que depender de mim vocês terão dias muito difíceis na Alerj no ano que vem", escreveu Amorim.

Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2020.

A figura 16 dá sequência a matéria entextualizada pelo portal jornalístico Correio Braziliense, um trecho do discurso de um dos candidatos que apareceu exibindo a placa em homenagem à Marielle Franco, quebrada em comício eleitoral postado em uma de suas redes sociais. Nas pistas linguísticas **de certo que a morte da conhecida vereadora deve ser investigada e os autores punidos** o índice linguístico **morte** aponta novamente para o assassinato da vereadora Marielle Franco e as pistas **autores punidos** evidencia um crime político não resolvido. Seguindo a análise do primeiro parágrafo do segundo excerto do portal Correio Braziliense temos as pistas linguísticas, **no entanto, não pode servir como desculpa para depredação do patrimônio público**. A denominação de uma praça de "Praça Marechal Floriano Peixoto" aponta para a valorização de figuras militares na história do

---

país. A qualificação da placa de Marielle como “depredação do patrimônio público” indica quem (ou que acontecimentos) merece nomear espaços públicos e ter sua memória cultivada no país.

Podemos notar que a utilização dos índices linguísticos **tampouco ser feita de troféu** no discurso de Rodrigo Amorim aponta em seu discurso que a esquerda está utilizando a morte de Marielle Franco como um troféu, que comumente é um objeto que aponta para vitória, triunfo. Entretanto, a leitura que os partidos de esquerda fazem da placa é de uma simples homenagem à Marielle Franco, interrompida por um crime político brutal, e quebram o “troféu” (placa). Sendo assim, o índice linguístico **troféu** se refere a placa em homenagem à Marielle Franco, que para eles, não merece uma homenagem pois **Marielle é apenas “mais uma” das vítimas de violência no Rio de Janeiro**. O índice “**mais uma**” mobiliza sentidos de irrelevância em relação à morte da vereadora. Segundo Butler ([2004] 2019), a vida se humaniza no discurso e os quadros culturais para os quais nos orientamos hierarquizam as perdas passíveis de enlutamento. Para que o luto se manifeste, é necessário que reconheçamos a vulnerabilidade de nossos corpos no “outro” e o discurso dos parlamentares responsáveis pela ação de quebra da placa apontam para a banalização dos assassinatos no Rio de Janeiro, incluindo o da vereadora.

Nesse sentido, o discurso do parlamentar reforça a forma como os corpos negros e das minorias, os quais constam das estatísticas dos assassinatos no Rio de Janeiro<sup>25</sup> são desumanizados no discurso deles, evocando memórias coloniais vividas em resquício ainda no século XXI. O enquadre de Marielle como uma mulher negra e lésbica é um impacto para os valores conservadores da extrema-direita, que mobiliza a questão de gênero, por ser uma mulher em posição de poder em uma bancada parlamentar constituída pelo patriarcado branco. Podemos acrescentar a emersão da memória de raça, por ser negra, entendendo os impactos teorizados no

---

<sup>25</sup> **Racismo: taxa de assassinatos cresce para negros e cai para o resto da população.** Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/08/27/racismo-taxa-assassinatos-de-negros-cresce-e-cai-para-o-resto-da-populacao> . Acesso em: 29 set. 2021.

---

capítulo dois sobre o histórico de desumanização dos corpos negros como também em relação à sexualidade, por ser assumidamente lésbica.

Seguindo as pistas linguísticas apresentadas na figura 16, o índice linguístico **Marechal Floriano Presente!**, uma paródia ao grito de ordem **Marielle Presente!**, cantado nas ruas nos atos em mobilização por pedidos de justiça por Marielle e Anderson, aponta para a renúncia do reconhecimento da homenagem não oficial feita à Marielle. Em contraposição a isto, temos a aprovação da imagem de um militar que nomeia a praça, homem, branco e que evoca memórias de repressão. O nome dado à praça, Praça Floriano, como homenagem a um militar, que utilizou a força armada e repressão durante seu governo, também evocam o recrudescimento da extrema-direita, dos discursos de violência e o culto à legalização do porte de armas, que viriam em seguida.

No último parágrafo da figura 16, vemos a mobilização das eleições e de violência nos discursos dos grupos de extrema-direita. Os signos linguísticos **inimigos do PSOL** no contexto analisado nos remete a discursos sobre a disputa de poder. Os índices linguísticos apresentados após o subtítulo do parágrafo: **nos acusam de intolerantes, nos acusam de fascistas. No entanto, tive meu comitê atacado várias vezes, entendemos que** as pistas linguísticas **intolerantes e fascistas** apontam para o modo como os grupos políticos de esquerda associam as ações da extrema-direita. Nos signos linguísticos **No entanto, tive meu comitê atacado várias vezes**, vemos a mobilização de disputa política em que ataques são feitos por grupos de esquerda a grupos políticos de extrema-direita, de acordo com o parlamentar. Continuando a análise do último parágrafo da figura 16, **isso mostra que estamos no caminho certo. A missão é combater o PSOL e suas pautas repugnantes.** Observa-se que os índices **estamos no caminho certo** apontam para discursos de repressão a partidos políticos adversários, visto que para o parlamentar estão apenas revidando os ataques sofridos. Nos índices seguintes, **a missão é combater com força o PSOL e suas pautas repugnantes**, vemos a mobilização de disputa política, mas que no discurso remetem a destruição e violência simbólica, ações que foram performatizadas no momento de quebra da placa em homenagem à vereadora em que se tem a

---

imagem de dois homens brancos conservadores e filiados ao partido de extrema-direita, segurando a placa partida como um troféu.

Nesse sentido, a força simbólica da imagem reforça que Marielle não pode ser transformada em troféu. Há um confronto político como pano de fundo em que o Marechal Floriano Peixoto, militar e carregado de valores que mobilizam moralismo e idoneidade é a única figura possível a ser homenageada na praça situada na última ponta da Avenida Rio Branco – Cinelândia –, e que carrega o seu nome. Há implícito no discurso os critérios de elegibilidade para que uma personalidade seja reconhecida como herói. Se pensarmos nos sentidos que a placa em homenagem à Marielle Franco aponta e as memórias de todo o percurso de sua história de luta como uma mulher negra, moradora de favela e assumidamente lésbica que se tornou defensora e militante dos direitos humanos e das mulheres, principalmente as negras e periféricas, temos a emersão de um confronto que se caracteriza pela disputa no espaço público entre grupos políticos.

Seguindo a análise, o índice linguístico **pautas repugnantes** aponta para um embate político pautado nos valores de um modo de vida conservador. O Partido Socialismo e Liberdade – PSOL – integra parlamentares com ideais progressistas, frequentemente confrontados pelos grupos de direita. No trecho do discurso entextualizado, não há menção do que poderia ser uma pauta repugnante, mas de acordo com o posicionamento conservador, apostamos que elas confrontam os valores cristãos e da família tradicional brasileira, discurso muito presente nas campanhas dos grupos de direita. É comum a associação à religião cristã na política como uma ordem vigente a ser seguida, o que confere uma disputa com outras formas de vidas defendidas pelo campo progressista.

---

**Figura 17: Print da reportagem do Jornal Correio Braziliense**

A publicação ganhou visibilidade após o apresentador e humorista Gregório Duvivier criticar a foto. Nas redes sociais, muitos eleitores ajudaram a identificar quem eram os homens e também repudiaram o ato.

Marielle foi morta a tiros dentro de um veículo, no momento em que saía de um ato político, com mulheres negras, no Centro do Rio de Janeiro. Assim que a vereadora saiu do encontro, criminosos passaram, de carro, atirando contra o veículo onde estava a parlamentar, uma assessora e o motorista da vereadora, Anderson Gomes, que também não resistiu aos ferimentos. Foram efetuados diversos disparos de fuzil. Ninguém foi preso até agora.

Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2020.

O primeiro parágrafo da figura 17 entextualiza represália ao ato de quebra da placa em homenagem à Marielle pelos dois candidatos do PSL. Nas pistas linguísticas **a publicação ganhou visibilidade após o apresentador e humorista Gregório Duvivier criticar a foto**, vemos a mobilização de resistência em que grupos de esquerda com ideais progressistas, apoiadores das causas defendidas por Marielle Franco, bem como também aqueles que se sentem representados por ela, mobilizam a circulação da notícia que se repete em outras mídias sociais, mobilizando denúncia e repúdio pelo ato despótico de remoção e quebra da placa em sua homenagem. No segundo parágrafo, temos a mobilização do assassinato de Marielle Franco pelo uso das pistas linguísticas **morta a tiros no momento em que saía e um ato político, com mulheres negras, no Centro do Rio de Janeiro. Assim que a vereadora saiu do encontro, criminosos passaram de carro, atirando contra o veículo onde estava a parlamentar, uma assessora e o motorista da vereadora**. Os índices linguísticos apresentados apontam para o assassinato de Anderson Gomes, motorista de Marielle e a assessora que também estava

---

no carro no momento e que foi a única a sair em vida do atentado. Nas próximas pistas linguísticas **foram efetuados diversos disparos de fuzil. Ninguém foi preso até agora**, aponta para a ilegalidade do uso de armas de fogo no assassinato da vereadora e seu motorista, bem como a impunidade até então pelo crime político cometido contra Marielle e Anderson, que estava para completar sete meses no momento em que a matéria foi publicada.

Na análise do texto do portal de mídia tradicional Correio Braziliense foram encontrados vários discursos que apontam para memórias do militarismo e nacionalismo, presentes no modo como a extrema-direita se orienta na construção e divulgação de suas pautas políticas. Os discursos produzem memórias que são mobilizadas durante a campanha dos candidatos a deputado estadual e federal pelo partido PSL e que pregam um conservadorismo de extrema-direita, corte em políticas identitárias e um nacionalismo que prega o retorno à ditadura e à violência policial. Esse fazer político que se orienta pela truculência nos discursos, mobiliza memórias coloniais que ainda comparecem no campo político. Os discursos sobre o assassinato de Marielle Franco mobilizam memórias de uma mulher negra que ocupou cargo político como vereadora pela cidade do Rio de Janeiro e que foi alvejada a tiros junto de seu motorista, crime planejado para silenciar sua voz.

Ao final da matéria, encontramos um espaço aberto no qual usuários podem interagir com comentários e respostas nos quais a matéria analisada acima é recontextualizada. Encontramos 77 comentários públicos em que é possível notar a interação de dois grupos: um a favor da remoção da placa em homenagem à Marielle Franco e em apoio aos parlamentares envolvidos na ação e outro em represália ao ato. Focamos na análise de 2 excertos dos comentários retirados da reportagem (figuras 19 e 20). Na dinâmica do site em que está hospedado o portal jornalístico Correio Braziliense, os usuários que desejarem comentar precisam fazer *login* em uma plataforma com a escolha de uma rede social qualquer – *facebook*, *twitter*, *instagram* – ou e-mail para acessar o sistema. Acreditamos que o processo burocrático é uma forma que o portal jornalístico encontrou de diminuir o número de contas falsas que acessam os comentários na intenção de proferir injúrias. Dos 77 comentários, percebemos que três deles foram apagados. Para ter acesso à plataforma, é

preciso uma senha de acesso, o que facilitaria a identificação de diversos crimes de ódio, como o racismo. Entretanto, notamos ao longo da pesquisa que os comentários de ódio estão em predominância. Sendo assim, os comentários ficam disponíveis para serem denunciados de acordo com as diretrizes do site. Ao concordar em acessar a página de comentários, um aviso é emitido antes de redirecionar o acesso em que usuários podem manifestar suas opiniões e expor ideias, como podemos ver na figura 18 abaixo.

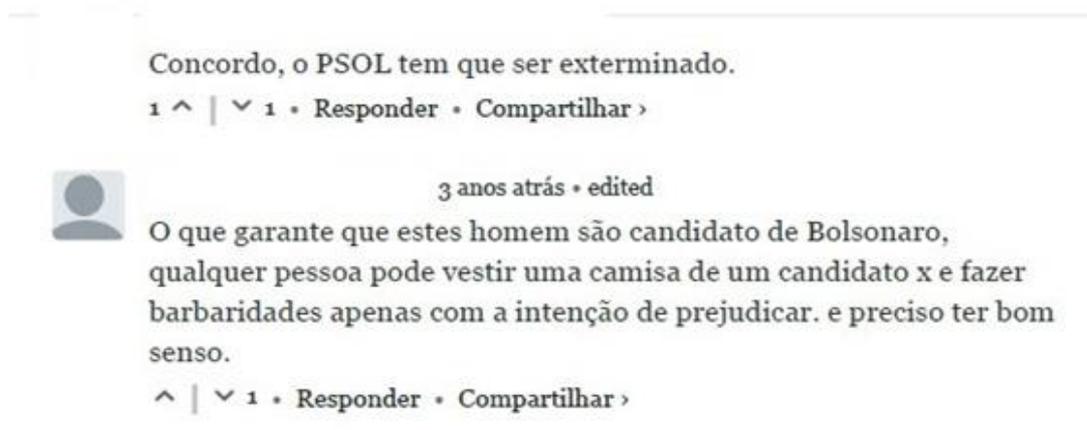
**Figura 18: Aviso de acesso aos comentários da mídia Correio Braziliense**



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2020.

Seguem as análises dos dois comentários a seguir.

**Figura 19: Print dos comentários da reportagem da mídia Correio Braziliense**



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2021.

O comentário de um dos usuários na figura 19 mobiliza um discurso a favor do último trecho entextualizado na matéria - parte do discurso de Rodrigo Amorim (figura 16). O título da sessão “inimigos do PSOL” já indica a possibilidade de um confronto entre as diferentes agendas e mobiliza disputa política. Já no comentário analisado, um dos usuários opina em relação ao que Rodrigo Amorim discursou. Notamos no excerto que a opinião é expressa por dois homens e o índice linguístico **concordo** indica afinidade com as pautas conservadoras propostas pelo candidato Rodrigo Amorim. Seguindo do índice linguístico **concordo**, há a sigla do partido de oposição aos candidatos de direita – **PSOL**, ou Partido Socialismo e Liberdade junto ao índice linguístico **exterminado**. A palavra extermínio aponta para significados sobre destruição, o que foi feito de forma simbólica com a placa. Aponta também para o recrudescimento do conservadorismo nas eleições de 2018. Tais índices mobilizam truculência.

A violência simbólica é inerente aos candidatos que no momento de campanha quebraram a placa, signo que aponta para sentidos de luta, resistência e memória para os grupos progressistas e que, além disso, evoca referências identitárias que estão em circulação nos discursos sobre a placa. Daniel Silveira e Rodrigo Amorim, discursavam para um público que legitimou seu poder nas urnas com vantajoso número de votos , o que se estendeu no contexto macro do Brasil, pois foi a maior bancada nas eleições de 2018 com 52 deputados federais eleitos<sup>26</sup>.

Essa violência está presente nos discursos dos comentários entextualizados, em que a arma é o instrumento evocado nas ações linguísticas do grupo para que a violência e o terror operem. Nesse sentido, o próprio uso do índice linguístico **precisa ser exterminado** aponta para memórias que evocam o uso de armas para garantir a destruição, aniquilação,

---

<sup>26</sup> **PSL é o partido que ganhou maior número de votos na eleição para a Câmara; MDB e PSDB são os que mais perderam.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/11/psl-e-o-partido-que-ganhou-maior-numero-de-votos-na-eleicao-para-a-camara-mdb-e-o-que-mais-perdeu.ghtml>>. Acesso em: 19 jun. de 2021

---

remetendo a repugnância e desprezo não só das pautas, mas das formas de vida que se constituem na diferença e que são afirmadas nos discursos do PSOL para reivindicar equidade em confronto com as agendas direitistas.

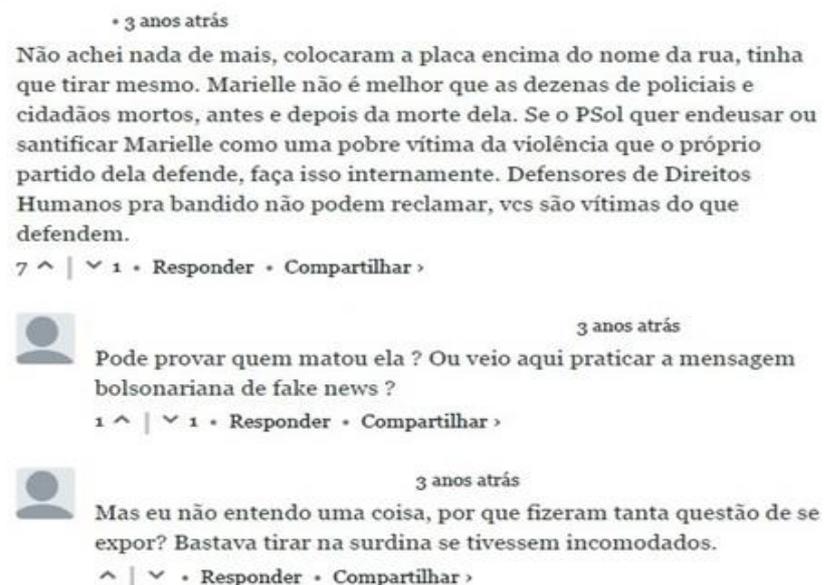
Ao discursar suas pautas progressistas na bancada do PSOL, partido que integrava, Marielle denunciava ao estado a estrutura patriarcal hétero e normativa que o seu corpo e de muitas outras mulheres e pessoas moradoras de favela estavam em vulnerabilidade. A norma do padrão de humanidade no Brasil se constitui como patriarcal, heterossexual e branca, o que mobiliza significados sobre os sistemas de opressão, especificamente o colonialismo que foi operante no Brasil e causou impacto nas relações raciais como resultado após a abolição, já discutidos no capítulo 2.

Esses discursos frequentemente camuflam a existência de modos de vida opostos à norma. De certo modo, há de se pensar que para a negação de uma existência ocorra, como afirma Butler ([1993] 2019), é necessária uma agência anterior ao discurso, que se configura para que qualquer coisa exista apenas quando tenha significado na linguagem, passando a existir quando é nomeada. Para Butler ([1993] 2019, p. 25), “a denominação é ao mesmo tempo uma forma de configurar um limite e também de inculcar repetidamente uma norma”. A norma impõe um limite, o que mobiliza um contexto de disputa e negociação. Nesse sentido, Marielle representa a imagem do “outro”, daquele que difere da norma, o que agrava a vulnerabilidade de seu corpo (BUTLER, [2004] 2019)

Continuando a análise da figura 19, abaixo do primeiro comentário, vemos a resposta como um texto em forma de indagação, com índices linguísticos que apontam para idoneidade, nacionalismo e moralismo. A construção discursiva da matéria entextualizada aponta para os dois candidatos nas eleições de 2018 em apoio ao candidato Jair Messias Bolsonaro, que na época era do mesmo partido, o PSL. A construção narrativa no fragmento seguinte (**“Candidatos do PSL destroem placa em homenagem a Marielle”**) aponta para opressão e negação do direito à homenagem.

No segundo comentário do excerto o índice linguístico **o que garante que estes homens são candidatos de Bolsonaro**, aponta para as eleições do ano de 2018. No questionamento do usuário, a ação pode ter sido uma tentativa de desmoralizar o candidato à presidência com o qual ele se identifica. Na interação, o usuário alega que qualquer pessoa pode vestir uma camisa associada a Bolsonaro. Tal enunciado é seguido pelos índices linguísticos, **barbaridades** e **intenção de prejudicar**, apontando para vandalismo no ato de quebra, mas que também se constrói na invisibilização da importância do objeto como forma de homenagear Marielle, indicando que é menos importante, pois os índices indicam significados de apoio ao candidato a presidente do partido de direita e a impossibilidade de tal ato estar associado a Bolsonaro.

**Figura 20: Print de comentário da mídia Correio Braziliense**



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2020.

Nas entextualizações, vemos discursos orientadas politicamente para a perspectiva tradicional, violenta, agressiva trazidas pela extrema-direita. Na figura 20, podemos acompanhar a interação de 3 usuários. O primeiro deles mobiliza significados em defesa dos candidatos que removeram a placa em

homenagem à Marielle. Nas pistas linguísticas **não achei nada demais, colocaram a placa em cima do nome da rua, tinha que tirar mesmo**, o usuário corrobora uma prática que se relaciona ao dever cívico e patriótico de um cidadão, uma vez que reproduz a justificativa dos responsáveis pela ação. O usuário continua a defender seu ponto de vista com os índices linguísticos **Marielle não é melhor que as dezenas de policiais e cidadãos mortos, antes e depois dela**. Em tais pistas linguísticas os discursos evocados desconsideram uma hierarquia. Marielle era uma vereadora cuja função é legislar e produzir leis e a polícia vai colocar essas leis em prática.

A construção do fragmento analisado **Marielle não é melhor que as dezenas de policiais e cidadãos mortos, antes e depois dela** nos leva a voltar a questão do enquadre em Butler ([2004] 2019, p. 52), pois ao nos orientarmos por quadros culturais normativos para considerar o que deve ser entendido como humano, haverá vidas que serão consideradas como vidas, ainda que vulneráveis fisicamente à violência, como todas as outras. No entanto, em uma sociedade culturalmente hierarquizada, “outras vidas não encontrarão um suporte tão rápido e feroz e nem sequer se qualificarão como ‘passíveis de serem enlutadas’.”. No trecho do excerto, é indubitável que os índices linguísticos **dezenas de policiais e cidadãos mortos** apontam para as vidas que importam para o usuário, o cidadão de bem cristão, conservador pautado no apego a moral e os bons costumes e dos policiais filiados ao Estado para preservar a ordem pública. Como aponta Mbembe ([2003] 2018, p. 41), [...] a soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é “descartável” e quem não é. Podemos pensar ainda que o endeusamento de policiais em detrimento da vida de uma mulher negra e que representa a diferença apontam para perspectivas coloniais patriarcais hierarquizantes. De certa forma, o comentário deixa explícito que a morte de Marielle não deveria causar comoção.

Já no enunciado **se o PSOL quer endeusar ou santificar Marielle como uma pobre vítima da violência que o próprio partido dela defende, faça isso internamente** as pistas linguísticas apontam criticamente para discursos que poderiam estar divinizando ou vitimizando Marielle. Os índices linguísticos **endeusar** e **santificar** sugerem uma indiferença que continua a

---

remeter ao processo histórico de colonização e hierarquização de vidas dominantes. Afinal, quem tem direito a receber uma condecoração? Quais os critérios de elegibilidade para que a memória de uma personalidade homenageada seja em consenso nas práticas sociais, já que mobiliza diferentes lembranças para cada grupo? As memórias de Marielle Franco apresentadas pela participante são orientadas por uma ótica colonial patriarcal, refletida na recrudescente emergência de uma extrema-direita que constantemente estabelece censura radical para discursos que divergem de seu pensamento político.

Podemos pensar a partir dos índices analisados que a frieza em relação ao assassinato de Marielle está apontada pelos discursos contrários as pautas defendidas pela vereadora e rejeitada pelos grupos de extrema-direita. Pensando que marcadores sociais que perpassavam o corpo de Marielle, o trinômio raça, sexualidade e gênero solapam existências e desumanizam corpos, como o de Marielle. Também devemos atentar para a pista linguística **violência**, pois aponta para discursos sobre uma suposta convivência do partido que Marielle integrava. Parlamentares que integram esse partido político são frequentemente associados como criminosos e defensores de bandido pelos grupos de extrema-direita. Sendo assim, o fato de ser homenageada no Brasil e no mundo na visão do usuário, não representa uma hegemonia no pensamento brasileiro. Assim, o participante sugere **que o partido dela deveria [fazer] isso [a homenagem] internamente**, não devendo ter a relevância e destaque que alcançou na mídia.

O argumento do usuário continua ainda no mesmo comentário, na frase **defensores de Direitos humanos para bandido não podem reclamar, vocês são vítimas do que defendem**. Voltando ao que tratamos no capítulo 1 sobre o trabalho de Marielle Franco, vemos uma história de defesa do povo periférico pobre e preto, que como ela também tinham direito à cidadania. Sua luta reflete na humanização do favelado, marginalizado pelo Estado e que enfrenta uma disputa de classes no contexto social. Os índices **defensores de direitos humanos para bandido** aponta para a criminalização da pobreza, uma vez que a associação de Marielle Franco ao crime organizado é uma das

---

muitas fake News que surgiram após seu assassinato, como aponta Almeida (2019).

O tratamento de jovens negros pela polícia como se fossem criminosos perigosos é parte da estrutura do Necropoder (Mbembe, [2003] 2018) e isto está presente no discurso para o qual a pista linguística **defensores de direitos humanos para bandido** aponta, colocando a imagem do negro favelado como um estereótipo marginalizado. Isso acarreta a associação e universalização desses corpos marginais no discurso e memórias circulantes. Além da postura agressiva dos policiais o jovem favelado é frequentemente associado ao crime por grupos de extrema-direita. Ainda pensando no fragmento retirado da figura 20, **defensores de direitos humanos para bandido**, o usuário que inicia o comentário cria uma narrativa unilateral em que seus atos de fala mobilizam significados racistas estruturalmente arraigados na sociedade ao associar universalmente homens negros à condição de sujeitos perigosos, visto que é de conhecimento geral que a maior parte da população carcerária no Brasil é negra.

Sendo assim, o assassinato de Marielle na opinião do usuário foi motivado pelos “bandidos que ela defende”, como aponta as pistas linguísticas **vocês são vítimas do que defendem** em complemento da análise anterior. Se nos pautarmos pelas investigações divulgadas na mídia tradicional, o discurso dominante é dado como causa de um crime com motivação política para silenciar a voz da vereadora. No comentário que responde a primeira fala da figura 20, vemos um usuário debatendo a favor de Marielle. No comentário do segundo usuário os índices **pode provar quem matou ela?** apontam para um questionamento sobre o que foi dito em relação ao comentário anterior do primeiro usuário, indicando que os responsáveis pelo assassinato de Marielle são os bandidos que ela defende. A próxima pista linguística **ou veio aqui praticar a mensagem bolsonariana de fake News?**, pode ser analisado em partes. Primeiramente o uso do índice “bolsonariana” aponta para aqueles que defende o na época candidato e, no momento atual, presidente Jair Messias Bolsonaro. O uso do índice aponta para um grupo de pessoas que segue a mesma postura, utilizam o mesmo discurso e concordam entre si.

---

O uso do índice “**Fake News**” remete as narrativas fictícias unilaterais e, em uma tradução literal, significa notícia falsa. A referida pista linguística aponta para significados sobre a disseminação desse tipo de conteúdo pelo grupo. A utilização do índice **bolsonariana**, como resposta ao usuário do primeiro comentário que supostamente se posiciona a favor de Jair Bolsonaro pode ser expresso pelo que Borba (2019) apontou como signos injuriosos e que chegaram ao nível de violência simbólica entre os grupos que eram a favor do impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff e os que eram contra. Borba (2019) explica que o uso do termo *coxinha* se refere a classe média de direita que são marionetes de apoio aos devaneios da elite brasileira, menos não fazendo parte dela. O termo *petralha*, que segundo Borba (2019), é uma referência ao desenho da Disney “The Beagle Boys” – Irmãos metralhas, um grupo de criminosos atrapalhados – acrescido a palavra petista que indica aqueles que fazem parte do Partido dos Trabalhadores. Nesse caso, o índice linguístico **mensagem bolsonariana** aponta para discursos que depreciam os eleitores e apoiadores de Jair Bolsonaro.

O excerto apresenta ainda uma terceira e última resposta. O comentário faz um questionamento ao acontecimento de quebra da placa e a repercussão na mídia. As pistas linguísticas **por que fizeram tanta questão de se expor? Bastava tirar na surdina** sinalizam que a atitude poderia ter sido feita de forma sigilosa para não gerar alarde na mídia, apontando para significados sobre um ato que não precisava ter sido divulgado, para que não fosse associado a extrema-direita de forma negativa.

Com os comentários aqui analisados vemos que a placa em homenagem à Marielle Franco mobiliza significados de transgressão para os grupos de extrema-direita e resistência para os grupos progressistas. Vemos índices linguísticos que apontam para o assassinato de Marielle. Entretanto, invisibilizam a importância da homenagem e reconhecimento da luta da vereadora enquanto mulher negra, periférica e lésbica em confronto com a imagem de um militar que governava pela opressão.

Os discursos apontados precipitam memórias de apoio às pautas conservadoras e a ascensão e legitimação do poder da extrema-direita no

---

Brasil pelas urnas a partir das eleições do ano de 2018. Temos a mobilização de memórias que indicam violência simbólica contra as pautas identitárias e os partidos políticos de esquerda. É possível perceber que tais discursos constroem memórias a favor da legalização do porte de armas e o ideal truculento das campanhas conservadoras de extrema-direita, em que se tem como slogan a integridade física do “cidadão de bem” e a possibilidade do armamento como forma de fazer justiça com as próprias mãos. Notamos ainda, a masculinidade exacerbada heterossexual patriarcal e branca, que opera no país desde o sistema de opressão colonial.

Há nos discursos a frequente relutância em reconhecer a importância de pautas identitárias que estão em consonância com os preceitos reforçados pela norma, que ignoram discursos que mobilizam memórias identitárias de outros modos de vida opostos ao patriarcado vigente no campo político. Essas memórias promovem a hierarquização de corpos normativos e a vigilância e controle de corpos e sexualidades alheias a norma vigente. As memórias apresentadas apagam a luta, resistência e importância da atuação de Marielle no campo político como vereadora. Em contrapartida, vemos a mobilização de memórias que resistem ao modo truculento das políticas de extrema-direita.

Na sessão seguinte, analisamos fragmentos de uma matéria de mídia alternativa resgatada pelo portal Mídia Ninja na página da rede social *facebook*.

### 3.2 Análise dos comentários de mídia transgressiva: Ato “distribuição de Mil placas para Marielle”

Figura 21: Print do Evento Distribuição de mil placas para Marielle – Mídia NINJA (página do facebook)



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2021.

Após circulação do vídeo em que os candidatos do PSL quebram a placa em homenagem à Marielle Franco, os efeitos foram diversos. Um deles foi a mobilização de um financiamento coletivo na internet para a confecção de cem placas. Tendo o valor arrecado ultrapassado a estimativa, o número de placas passou de cem, para mil, como vimos no capítulo 1. Apresentamos aqui a entextualização de uma chamada para o ato que ficou conhecido como

“Distribuição de Mil placas para Marielle”. A postagem que circulou na rede social facebook na página do canal Mídia Ninja, possui 3,8 mil curtidas, 116 comentários e 3 compartilhamentos.

O Mídia Ninja é curtido por 2.227.911 pessoas que se identificam com as pautas e posicionamento político de esquerda e se apresenta como uma rede de comunicadores que objetiva divulgar narrativas independentes. No momento das buscas, percebemos que as mídias independentes não aparecem com frequência nas páginas dos resultados do google. Em contraposição, curiosamente percebemos que o número de ataques pelos grupos de direita nas mídias alternativas, é de todo recorrente. Notamos a mobilização específica de comentários contra o ato em memória de Marielle, que aconteceu no dia 14 de outubro de 2018. A postagem da Midia Ninja (figura 21) é uma chamada pública para o evento em homenagem à Memória de Marielle em que seriam distribuídas as mil placas confeccionadas com a arrecadação do financiamento coletivo publicada na internet em que diversas pessoas participaram e contribuíram.

Na chamada para o evento, podemos ver algumas informações como data, local e hora. Há uma imagem de Marielle em forma de desenho sobre fundo vermelho, com o texto “Distribuição de Mil Placas para Marielle”, indicando que essas placas seriam distribuídas em ato pela sua memória. No texto da chamada, logo na primeira frase **rasgam uma, fazemos mil**, temos dois índices linguísticos, **rasgam** e **fazemos**, em oposição. O primeiro índice remete a destruição simbólica da homenagem e o segundo índice linguístico **fazemos**, mobiliza sentidos de resistência, permanência, ainda que a destruição simbólica da placa tenha ocorrido, outras placas virão, assim como outras homenagens em memória da vereadora. No fragmento seguinte, **as placas são uma homenagem à Marielle Franco, vereadora assassinada junto ao motorista Anderson Gomes em março deste ano**. Analisando o fragmento mencionado, identificamos que os índices linguísticos **placas** e **homenagem**, apontam para a manutenção e permanência da memória de Marielle. Os atos e as placas reivindicam também justiça por Marielle Franco e Anderson. O índice **assassinada**, utilizado na entextualização sete meses após o assassinato de Marielle Franco, mobiliza memórias do crime brutal que

tirou sua vida e de Anderson. Traremos a seguir, 5 excertos de comentários entextualizados na página do portal Mídia Ninja na rede social *facebook*.

**Figura 22: Print de comentário da página Mídia Ninja (página do facebook)**



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2021.

A figura 22 é composta por três comentários. O primeiro deles entextualiza memórias sobre a placa em homenagem à vereadora. O índice linguístico que inicia a frase **legal** está relacionado ao índice linguístico **placas**, que é recorrente nas entextualizações analisadas, aqui utilizado em tom satírico. Ou seja, embora a atitude seja louvável, entende-se que outras vidas foram perdidas e não receberam homenagens. O índice linguístico **façam**,

---

representa ação, realização e está relacionado ao índice linguístico **mil**, que é utilizado quatro vezes ao longo do excerto para apontar outros corpos e vidas que foram perdidas e não receberam homenagens. Ao utilizar o índice linguístico **mil**, o participante faz um trocadilho com o título do evento “distribuição de mil placas para Marielle” e a partir disso, aponta para as vidas que identifica como importantes, o que intrinsecamente demonstra indiferença com uma homenagem feita a uma mulher negra, periférica e LGBTQIA+, mobilizando sentidos de invisibilização e demérito.

No fragmento seguinte **façam mil para cada policial que morreu**, temos os índices linguísticos **policial** e **morreu**. Socialmente a profissão de policial militar representa heroísmo, visto que em tese servem ao Estado com o objetivo de controlar a violência. Se nos voltarmos ao contexto macrossocial para analisar o efeito de tal frase, veremos que todas as vezes em que um policial é assassinado no exercício de sua função, é realizada uma cerimônia em homenagem. Nas cerimônias é comum a presença de familiares e membros da polícia militar. De certa forma, a perda é sofrida socialmente e muitos veículos midiáticos online e jornais de reportagem na televisão fazem a cobertura de forma a dar importância aos policiais que dão orgulho e prestígio ao salvar a vida dos cidadãos e conter a violência. Entretanto, percebemos uma mudança de narrativa quando racializamos os corpos que são vítimas de violência.

Nesse sentido, há um contraponto de ideias quando pensamos nas vidas periféricas e negras as quais Marielle Franco sempre defendeu e que são rechaçadas dentro e fora das favelas pela ação e repressão policial. Longe de inferir qualquer generalização, nos atentamos para o fato de que Marielle em sua luta teve apoio de homens e mulheres negros/as periféricos, feministas e quaisquer pessoas que se identificam com ideais progressistas, o que a torna para essas pessoas elegível de ser homenageada. Aqueles que se opõem aos ideais progressistas como aborto, a causa LGBTQIA+, a morte de corpos negros e periféricos, só para citarmos alguns exemplos, frequentemente substituem a homenagem a esses corpos por corpos normativos que indicam algum prestígio social.

Continuando a análise da figura 22, sublinhamos que o índice linguístico **bombeiro** apresenta o mesmo efeito do índice linguístico **policia** na frase, mobilizando discursos sobre profissões de prestígio que sempre receberam homenagens que normalmente são feitas de forma isolada. Percebemos aqui que a viralização de uma homenagem feita à Marielle causou efeitos de sentido pelo seu posicionamento político de esquerda, sua raça, gênero e sexualidade. Todos esses marcadores estão em confronto com as profissões mencionadas, já que a própria questão da sexualidade é considerada um tabu que comparece nas duas profissões citadas.

A reclamação continua em forma de protesto contra o ato em homenagem à Marielle na entextualização. No fragmento seguinte **mil para cada pessoa morta por ladrões assassinos**, os índices linguísticos **pessoa** e **morta** evidenciam um problema social, junto dos índices seguintes, **ladrões** e **assassinos**. O participante aponta que mil placas devem ser confeccionadas para homenagear as pessoas que são assassinadas, questionando mais uma vez o porquê de não serem homenageadas. Pensando o fragmento do excerto a partir das relações raciais e de classe no Brasil, embora isso não esteja explícito, identificamos que os **ladrões assassinos** no discurso do participante, tem classe social e cor, visto que uma simples homenagem à uma mulher negra, trabalhadora e de origem humilde não o comove.

Na última linha, o fragmento **ou vocês não acham que essas pessoas também merecem?** o índice linguístico **vocês** indica as pessoas que apoiam a realização do ato em memória de Marielle Franco que seria realizado quatro dias após a entextualização do evento na rede social *Facebook*. É também uma pergunta direcionada especificamente aos grupos de esquerda, posicionamento político da vereadora. Os últimos índices linguísticos da frase, **também** e **merecem** estão relacionados e apontam para um questionamento aos grupos de esquerda.

O comentário de número dois se volta para o assassinato de Marielle Franco, especificamente cobrando o direito de homenagem ao seu motorista Anderson Gomes, também assassinado na mesma data. Percebemos nesta e em outras entextualizações já analisadas que tal postura representa uma tática

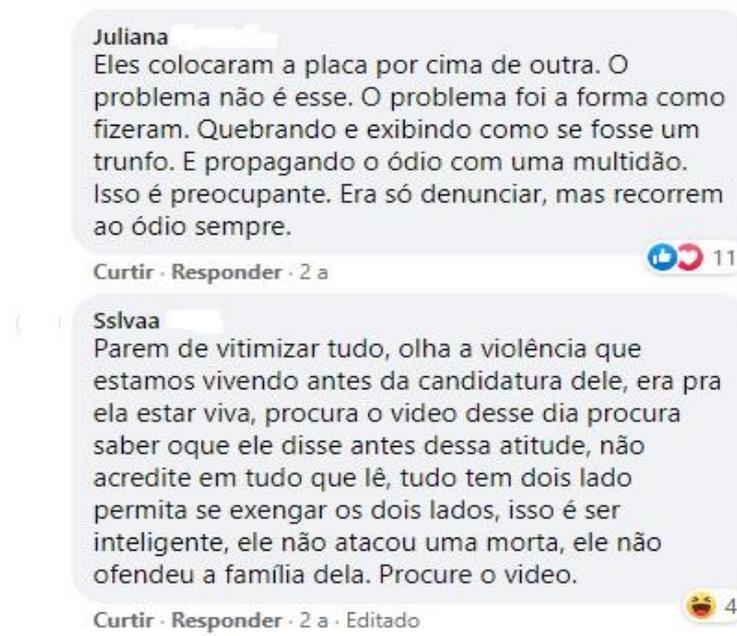
---

de argumentação dos grupos de direita. Marielle Franco representou um fenômeno pela quantidade expressiva de votos que recebeu em 2016. Após sua morte, virou imagem, símbolo que serve de referência a outras pessoas que se identificam com ela e com a luta progressista. O título de mulher guerreira e batalhadora que compuseram a imagem de Marielle Franco, puderam ser vistos no carnaval do ano de 2019 em que a escola de samba Estação Primeira de Mangueira fez uma singela homenagem, dentre outras inúmeras feitas durante protestos, atos, menções em festivais e coletivos, como identificado na epígrafe da dissertação.

A expressão “Marielle virou semente” mobiliza significados sobre como sua luta germinou ou ainda está germinando em contínuo processo, o que marca uma mudança no contexto social e no empoderamento de mulheres negras, principalmente no que diz respeito à representatividade na política. O primeiro índice linguístico apontado **quantas**, representa quantidade, apontando a inexistência de placas para homenagear Anderson. Como já apontado, a escolha de heróis é muito subjetiva e nas entextualizações notamos que grupos políticos de direita invisibilizam uma homenagem à Marielle Franco e se voltam para defesa de algozes, como o militar e segundo presidente do Brasil, Marechal Floriano Peixoto.

O comentário de número três e último do excerto entextualizado é um *emoji*. Os *emojis* são imagens animadas utilizadas para representar algo a ser dito e normalmente imitam expressões faciais que utilizamos na vida social para demonstrar alegria, tristeza, raiva e impaciência, por exemplo. Contudo, nesta forma de comunicação utilizada em espaços de mídia online e redes sociais a escrita pode ser substituída pelos *emojis* que trazem conteúdos representados pelas imagens animadas, que dizem e intencionam causar efeitos. No comentário temos especificamente um *emoji* vomitando, o que mobiliza sentidos de desconforto, nojo, aversão e repulsa. Nesse sentido, interpretamos que o *emoji* aponta um posicionamento contra o ato em memória de Marielle Franco e a distribuição das placas em sua homenagem.

Figura 23: Print de comentário da página Mídia Ninja (facebook)



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2021.

Na figura seguinte de número 23, vemos dois comentários que mobilizam discursos distintos. Na primeira frase do fragmento, **eles colocaram a placa por cima de outra** o índice linguístico **eles**, aponta para os responsáveis da ação de remoção e logo em seguida, quebra da placa, Daniel Silveira e Rodrigo Amorim. A participante mobiliza discursos do momento em que a placa foi removida, os índices linguísticos **placa** e **por cima**, remetem ao adesivo em formato de placa de rua com o nome e uma pequena biografia de Marielle Franco, que foi colocado por cima da placa que indica a Praça Floriano. A participante mobiliza discursos de indignação na frase seguinte **o problema foi a forma como fizeram**, pelo uso dos índices linguísticos **problema** que denota imbróglio e **fizeram** apontando para o momento da ação. O uso dos índices **quebrando** e **exibindo** são utilizados apontando para um ato de barbaridade e crueldade, seguido do índice **trunfo**, que remete ao jogo de cartas. Comumente em um jogo, o participante com o trunfo de cartas na mão está apto a vencer os outros. No sentido figurado a que a participante do comentário entextualizado se refere, o índice linguístico remete à exibição da

placa em homenagem à Marielle partida ao meio como um trunfo nas mãos de dois candidatos do partido de oposição em comício de campanha eleitoral. Nesse sentido, **trunfo** remete à vitória, fim do jogo, indicando de alguma forma que ao quebrarem a placa, obtiveram êxito, mobilizando sentidos de falência democrática, violência simbólica e política. Os índices linguísticos seguintes, **propagando ódio** no contexto do fragmento apontam para previsibilidade no modus operandi dos grupos de direita, que manifestam seu posicionamento em ações truculentas. O último índice que fecha a quinta frase do excerto **multidão**, remete ao momento em que exibem a placa destruída para um grupo de apoiadores em momento de campanha, apontando para o obscurantismo dos tempos atuais em que apoiadores dos candidatos do grupo de direita aprovam a ação de quebra material de uma placa que representa uma homenagem à uma mulher negra, periférica, trabalhadora, eleita democraticamente e que foi assassinada, vítima de um crime político.

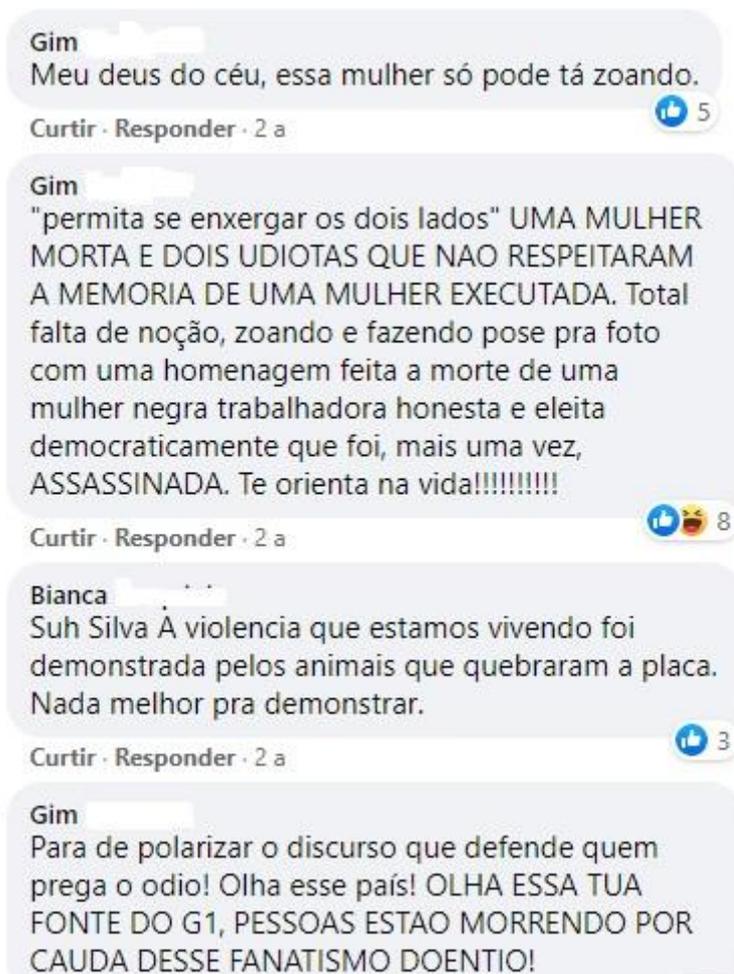
Ainda que não demonstre algum tipo de aprovação pela ação dos candidatos, no último comentário pelo uso do índice **denunciar**, a usuária sugere que a narrativa poderia ter sido diferente, ainda que o índice **denunciar** esteja apontando para ação de um crime, o que de fato não ocorreu. Os autores poderiam ter recorrido à meios legais para remoção da placa, mas tal denúncia foi propagada em forma de ódio. Dessa forma, os índices linguísticos apontam para a utilização do caos com pretensão de obter ordem, que se pretende política e não representa a totalidade do país.

O segundo comentário mobiliza discursos contra o ato em homenagem à Marielle Franco. Temos os índices linguísticos **parem de vitimizar tudo** no fragmento do excerto e ao redigir o texto a participante inverte a narrativa a favor dos dois candidatos que quebraram a placa em homenagem à Marielle. Notamos que ainda que tenha sido divulgado amplamente nas mídias, não há nenhuma menção ao crime político que tirou a vida da vereadora. Marielle e Anderson foram vítimas do crime em março de 2018. No mesmo ano, sete meses após o assassinato, a placa em homenagem à Marielle emerge, momento em que Daniel Silveira e Rodrigo Amorim protagonizaram o episódio que dividiu opiniões na internet. Como observamos nas entextualizações anteriores, a maior parte dos comentários tem cunho político. Os primeiros

índices linguísticos apresentados mobilizam o contrário de vítima, culpado, criminoso, infrator e se referem indiretamente a pessoa anônima que colocou a placa em homenagem por cima de uma placa de rua oficial. Na frase **olha a violência que estamos vivendo antes da candidatura dele, era para ela estar viva**, o índice linguístico **violência** indica que o assassinato da vereadora ocorreu em um contexto já marcado pela violência e corrupção, embora a discussão se distancie da narrativa que a participante escolheu para defender o seu ponto de vista. O índice linguístico **candidatura** está justaposto ao índice **violência** e com isso a participante aponta que a violência já ocorria antes da candidatura dos dois candidatos e indiretamente associa a ação de quebra da placa a um ato de não violência.

Continuando a análise, ressaltamos que o índice linguístico **viva** se refere a Marielle, apontando que seu assassinato ocorreu em outro contexto e que os candidatos não devem ser culpabilizados por isso, quando na verdade parte da opinião pública estava reivindicando o direito à memória, pois a destruição material da placa simbolizou seu esquecimento, trazendo à tona questões sobre os corpos e pessoas que possuem direito a homenagem. Frente a essa questão, a participante explica que os dois candidatos responsáveis por quebrar a placa não têm culpa pela morte da vereadora. Após a viralização de quebra da placa os candidatos lamentaram o assassinato de Marielle como um crime bárbaro, entretanto, repudiaram a homenagem feita à vereadora, interpretando como depredação do patrimônio público, o que se qualifica como crime. Na frase **procura saber o que ele disse antes dessa atitude**, o índice linguístico **procura**, do verbo procurar, junto ao índice linguístico **disse** aponta para a busca de outras fontes sobre o assunto, ainda que a ação truculenta tenha sido divulgada nas mídias sociais. O índice linguístico **atitude** está relacionado a ação de quebra da placa apontando que a quebra da placa foi para instaurar a ordem, já que os candidatos entenderam como um ato de rebeldia e que a quebra da placa não foi um ataque à memória de uma pessoa morta e que tal ação não representou uma ofensa a sua família, como podemos ver apontado pelos índices linguísticos **atacou** e **ofendeu**.

Figura 24: Print de comentário da página Mídia Ninja (facebook)



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2021.

Na figura 24, temos a resposta ao segundo comentário da figura número 23, que explicita defesa dos dois candidatos que destruíram a placa em homenagem à Marielle. O excerto é composto de três comentários e no fragmento da frase do primeiro comentário **meu deus do céu, essa mulher só pode tá zoando**, o índice linguístico **zoando** mobiliza sentidos de algo que não deve ser levado a sério, uma ação/brincadeira que pode ser de mau gosto e que no contexto da frase indicam tal sentido e ainda mobiliza indignação. O Comentário de número dois da entextualização foi redigido pelo mesmo participante do primeiro comentário e na primeira frase vemos a repetição em aspas em alusão ao comentário de número 2 da participante do excerto 23 **permita se enxergar os dois lados**, para trazer na frase seguinte uma

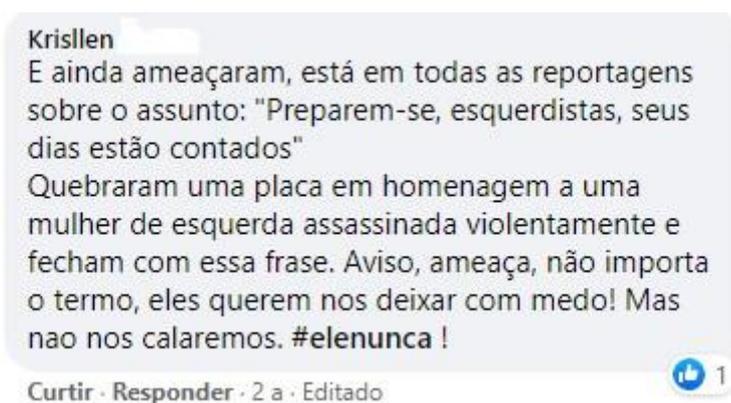
argumentação que justifica o porquê de tal ato ter sido interpretado como uma ofensa à memória de Marielle e de sua família, pelos índices **morta**, **memória** e **executada**. Na próxima frase o usuário demonstra indignação ao ato de desrespeito em memória de Marielle Franco no fragmento: **Total falta de noção, zoando e fazendo pose pra foto com uma homenagem feita a morte de uma mulher negra, trabalhadora, honesta e eleita democraticamente**. O índice linguístico **fazendo** está justaposto ao índice linguístico **pose** e mobiliza sentidos de desrespeito, visto que a placa foi destruída e exibida como um troféu. O assassinato de Marielle Franco é mobilizado pelos índices linguísticos **morte** e os índices linguísticos **trabalhadora** e **honesto**, apontam que Marielle Franco foi uma pessoa íntegra que lutou pelo povo periférico, mulheres negras e pela causa LGBTQIA+ humanizando seu corpo em resposta ao ato despótico. Os índices **mulher** e **negra** expõem uma estatística muito recorrente no Brasil, o assassinato de mulheres, principalmente as negras. Na última frase **eleita democraticamente**, o usuário mobiliza discursos do momento de posse de Marielle Franco ao assumir a Câmara dos vereadores com grande apoio em votação popular.

O terceiro comentário é também uma resposta ao segundo comentário da figura anterior, de número 23. Na frase: **a violência que estamos vivendo foi demonstrada pelos animais que quebraram a placa**, o índice **violência** mobiliza sentidos de obscurantismo e de uma nova ordem que emerge assolando conquistas e direitos garantidos e a própria liberdade de se expressar democraticamente. Cabe ressaltar que o ato dos candidatos é antidemocrático, na medida que tiram a placa unicamente por uma questão política. O índice linguístico **animais** se refere aos dois candidatos que quebraram a placa em homenagem à Marielle, mobilizando ferocidade e incivilidade.

O quarto e último comentário é um acréscimo do autor dos dois primeiros comentários da figura 24. O índice linguístico **polarizar** na frase, mobiliza convergência em relação ao segundo comentário. O uso do índice demonstra que a usuária responsável pelo comentário tem uma aproximação com os ideais discursivos dos dois candidatos que quebraram a placa, e que se apresentam como defensores de uma extrema-direita em que a violência

simbólica é praticada para causar o terror e gerar caos e medo. Em contrapartida há de se pensar que a revolta pelo ato se faz na resistência, ainda que o ódio seja uma das táticas marcada pelos grupos de direita. Essa questão é apontada pelos índices **prega** e **ódio**, que juntamente mobilizam provocação ou tática de posicionamento. Na última frase do excerto **olha o país! Olha essa tua fonte do G1. Pessoas estão morrendo por casa desse fanatismo doentio**. O uso dos índices **olha** e **país** apontam para os acontecimentos no decorrer dos anos e o sentimento de falência democrática. O índice linguístico **fonte** é uma resposta ao segundo comentário do excerto anterior em que a participante pede para que as pessoas procurem o vídeo para entender o porquê da ação da quebra. Entretanto, como já analisado nas entextualizações anteriores o ódio expresso pela ação não é passível de justificativa. No comentário há a mobilização de discursos que apontam para pessoas que sofreram tentativas de assassinato ou foram ameaçadas de morte por cumprirem agendas progressistas como Taliria Petrone e Jean Wyllys e Marcelo Freixo, ambos amigos de luta de Marielle Franco, expressos pelos índices linguísticos **morrendo**, **fanatismo** e **doentio**.

**Figura 25: Print de comentário da página Mídia Ninja (facebook)**



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2021.

No último excerto da seção, (figura 25), a participante mobiliza em seu comentário, discursos de outro texto que foi entextualizado pelos jornais de

---

mídia tradicional em que os deputados responsáveis por quebrar a placa em homenagem à Marielle ameaçam seus opositores sempre utilizando violência simbólica no discurso. Na frase **está em todas as reportagens**, o índice linguístico **reportagens** aponta para a viagem textual da notícia que circulou em diversas mídias jornalísticas. O índice linguístico, **esquerdistas**, aponta para um confronto político e os índices linguísticos **dias** e **contados** mobilizam uma nova ordem pela ação truculenta e discurso de ódio.

Ao deixar claro que os candidatos de um partido de direita quebram a placa em homenagem à uma mulher negra, que se posicionava politicamente como esquerdista e que foi brutalmente assassinada, a participante aponta para o uso da violência no discurso. Os índices linguísticos, **mas não nos calaremos**, apontam para sentidos de resistência. O último índice linguístico possui uma *hashtag* que é composta por um símbolo que aqui no Brasil conhecemos como jogo da velha. Normalmente elas indexam informações que circulam na internet em redes sociais como *twitter* e *facebook*, movimentando as redes a partir de uma única palavra precedida da *hashtag*. Nesse caso, o índice linguístico **ele nunca** aponta para o momento das eleições de 2018 e indica repúdio a escolha do candidato à presidência, Jair Bolsonaro, por todas as pautas que ele defende, armamentista e machista, indicando que ele jamais será a escolha da participante para a presidência do país.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos compreender as entextualizações da placa em homenagem à Marielle Franco em textos e comentários de portais jornalísticos da mídia tradicional e mídia alternativa e identificar os discursos que emergem nas entextualizações da placa citada e que podem levar a construção de memórias sociais sobre o evento. Dessa forma, nos voltamos para a identificação dos significados que comparecem nos textos multimodais entendidos no trabalho como entextualizações, que mobilizaram discursos mobilizados/apontados em textos jornalísticos. (BAUMAN; BRIGGS [1990] 2006).

Frente às questões apresentadas, pensamos a placa como produtora de sentidos que nascem a partir da imagem de Marielle Franco e se constitui por marcas simbólicas em suas entextualizações como um objeto de valor para um grupo social, que opera a partir de um repertório de sentidos e que ao construir seu significado aponta para camadas afetivas. Tais marcas compõem a memória, o direito à lembrança e a luta pela sua permanência, pensando nos embates de sentido que são materializados no momento em que a placa é quebrada e nos percursos que transita a partir desse ato. Os percursos da placa não operam com o mesmo sentido para todos os grupos sociais, não constroem os mesmos significados, a mesma memória social, acarretando disputa pela sua legitimação como objeto de valor social nos dois tipos de mídia estudados.

Pensamos a memória como uma reconstrução permanente como aponta Gondar (2016, p. 29) e segundo a autora tal construção “[...] depende de interesses sociais, políticos e culturais quanto é determinada pelos meios de comunicação e pelas técnicas de registro”. Nesse sentido, a linguagem opera na vida social como uma técnica de registro, ao mesmo tempo que causa efeitos e embates de sentidos a partir da leitura de cada indivíduo. Identificamos nos comentários analisados disputa política entre grupos de extrema-direita e de esquerda. Os comentários do grupo de extrema-direita

---

invisibilizam Marielle, recorrendo a sua desumanização ao enquadrá-la como um corpo fora dos padrões normativos estratificados na sociedade, como aponta Butler ([1993] 2019).

Entendemos que os significados da placa a cada enunciação e a cada recontextualização são alterados. As imagens e reportagens que marcam diversos momentos da placa em trânsito no contexto social são compreendidos como aparato de análise para fundamentar e entender os percursos dessa construção semiótica. Identificamos os dois lados de embate que constituem uma disputa simbólica tanto para os grupos que agregam valor à placa, retomando sentidos de luta, resistência e força, como para aqueles que a identificam como um objeto de afrontamento dos valores conservadores de direita.

Vimos primeiramente que essa compreensão do corpo de Marielle está pautado em valores que se dividem e se agrupam na sociedade brasileira a partir de binarismos. Entretanto, entendemos que tais construções são carregadas de significados que remetem a nossa herança colonial, apontando também para a opressão do patriarcado. Percebemos ao longo das análises que a utilização de certas palavras nos remete a tempos e espaços. Esses termos comparecem e são identificados por uma história de uso, que são resgatadas nos comentários em análise.

Vimos que a tensão política entre os grupos de esquerda e extrema-direita se intensifica com o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff e a polarização do discurso político está presente na forma como o país lida com o assassinado brutal de uma mulher negra LGBTQIA+, mãe, irmã e filha. Vimos que o problema central na construção de sua história para os grupos de direita se fundamenta na sua classe social, raça, gênero e sexualidade, que são invisibilizados nos comentários analisados, mas que se tornam muito presentes nos discursos que invisibilizam a importante atuação da parlamentar no que se refere as causas identitárias, na luta do povo periférico e dos Direitos Humanos. Apostamos, nesse sentido que os marcadores sociais de diferença constroem o sujeito e operam na matriz cultural de forma a invisibilizar corpos.

A compreensão teórica que orienta o trabalho se baseia nos atos de fala performativos, conceito pioneiro de Austin ([1962] 1990), revisitado por Derrida ([1972] 1988) e reatualizado por Butler (1997). Os atos de fala performativos

---

encenam efeitos de significados e nos orientamos a partir deles para agir no mundo pela linguagem. Tais significados podem nos levar a construção de memórias que circulam nas práticas sociais. Se como aponta Mbembe (2018), a memória negra construída por homens brancos coloca negros como corpos submissos e dominados, partindo da estrutura social podemos dizer que os atos de fala performativos se orientam por resquícios de memórias e práticas coloniais que colocam o homem branco no topo da hierarquia social.

Todavia, podemos concluir que a (re)atualização, reutilização e circulação textual nas análises apontam para memórias sociais em disputa. A placa em homenagem à Marielle, assim como sua retirada, é carregada de sentidos que mobilizam raça, sexualidade, gênero e classe social, que mas aparecendo nos textos analisados em forma de embate ideológico sobre o evento.

Pensamos que essa pesquisa chama atenção para as lutas na vida social pelo reconhecimento de memórias que se querem presentes e que constantemente são apagadas por práticas que marcam uma postura colonial. Essas posturas frequentemente são percebidas, por exemplo, em monumentos instalados pelas cidades do país e que remetem a símbolos racistas, machistas, patriarcais e coloniais, como a estátua de Borba Gato que emerge como homenagem a um passado histórico de opressão do corpo negro. A partir disso, questionamos que histórias se querem presentes na construção da memória social e que corpos são aceitos e constantemente homenageados.

Pensamos que uma mudança em relação a esses símbolos coloniais deve dar lugar a homenagens a personalidades como Marielle Franco. Sua vida foi uma forma de resistência a um padrão histórico que tem se sustentado ao longo dos anos nas práticas sociais, rompendo com um passado colonial e apresentando uma outra história que deve ser contada, não se enquadrando nas perspectivas hegemônicas.

---

## REFERÊNCIAS

ACHILLE, Mbembe. *A Crítica da Razão Negra*. Portugal: Antígona, 2014.

ALMEIDA Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018

BATISTA, Barbara de Castro. “Go to hell”: as memórias de gênero e de bruxas em uma manifestação contra Judith Butler em 2017. Orientadora: Glenda Cristina Valim de Melo. 2020. 134 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

BAUMANN, Richard; BRIGGS, Charles. Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 8, n. 1, 2, p. 185-229, 2006 [1990].

BORBA, Rodrigo. Injurious signs: The geopolitics of hate and hope in the linguistic landscape of a political crisis. **Making sense of people and place in linguistic landscapes**, p. 161-181, 2019.

BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **cadernos pagu**, n. 43, p. 441-473, 2014.

BLOMMAERT, Jan. **The sociolinguistics of globalization**. Cambridge University Press, 2010.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade* – 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019 [1990].

---

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: Os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2019 [1993].

BUTLER, Judith. *Vida Precária: os poderes do luto e da violência*. 1ª ed.— Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019 [2004].

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, 2003.

CARNEIRO, Sueli. Gênero Raça e Ascensão Social. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 544, 1995.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

CERQUEIRA, Daniel de Lima; BUENO, Samira (Coords.). **Atlas da violência 2020**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Boitempo Editorial, data original 2019.

DE ALMEIDA, Ludmila Pereira. Os múltiplos extermínios dos corpos negros pela violência de linguagem: Uma reflexão das Fake News sobre Marielle Franco. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 5, n. 5, 2019.

DERRIDA, Jacques. Assinatura, evento, contexto. **Margens da filosofia**, 1997.

FRANCO, Andrea. Marielle virou semente: representatividade e os novos modos de interação política da mulher negra nos espaços institucionais de poder. *Sociologias Plurais*, v. 5, p. 52-75, 2019.

FRANCO, Marielle. UPP – A redução da favela a três letras: Uma análise da Política de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro. Dissertação. UFF/PPGAd: Niterói-RJ, 2014.

---

FABRÍCIO, Branca Falabella. A “outridade lusófona” em tempos de globalização: identidade cultural como potencial semiótico. **O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola, p. 144-168, 2013.

GUIMARÃES, Thayse Figueira; MOITA LOPES, Luiz Paulo. Trajetória de um texto viral em diferentes eventos comunicativos: entextualização, indexicalidade, performances identitárias e etnografia. **Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)**, v. 61, n. 1, p. 11-33, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura Brasileira. **Silva, Luiz Antônio. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos**. ANPOCS. Brasília, 1983.

GONZALEZ, Lélia e HASENBALG Carlos. Lugar de negro. Rio de Janeiro. Editora Marco Zero. 1982

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. **Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016. p. 19-40.

HUYSSSEN, Andréas. Passados presentes: mídia, política, amnésia HUYSSSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**. RJ: Aeroplano, Universidade Cândido Mendes, Museu de Arte Moderna do Rio, 2000.

HUYSSSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

hooks, bell. E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo 1ª ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019[1982].

hooks, bell. Olhares negros: Raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019 [1992].

SILVA, Daniel N.; LEE, Jerry Won. “Marielle, presente”: Metaleptic temporality and the enregisterment of hope in Rio de Janeiro. **Journal of Sociolinguistics**, v. 25, n. 2, p. 179-197, 2021.

---

SILVA, Ingrid Farias; DE CASTRO, Alessandra Monteiro; GIACOMINI, Sonia. Brasil o seu nome é Dandara, o legado de Marielle e a luta por direitos humanos e cidadania para mulheres negras. **Dignidade Re-Vista**, v. 4, n. 7, p. 48-61, 2019.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 83-94, 2014.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo: n-1 edições, [2003]2018.

MELO, Glenda Cristina Valim de; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. A performance narrativa de uma blogueira: "tornando-se preta em um segundo nascimento". **Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)**, v. 58, n. 3, p. 541-569, 2014.

MELO, Glenda Cristina Valim de; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. "Você é uma morena muito bonita": a trajetória textual de um elogio que fere. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 54, n. 1, p. 53-78, 2015.

Moita-Lopes, Luiz Paulo e Pinto, Joana Plaza COLOCANDO EM PERSPECTIVA AS PRÁTICAS DISCURSIVAS DE RESISTÊNCIA EM NOSSAS DEMOCRACIAS CONTEMPORÂNEAS: UMA INTRODUÇÃO<sup>1</sup>. *Trabalhos em Linguística Aplicada* [online]. 2020, v. 59, n. 3.

NASCIMENTO, Abdias do. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado – 1ª ed. – São Paulo: Perspectiva, 2016 [1978].

OLIVEIRA, Rita de Cassia Alves; GARCIA, Carla Cristina. Marielle, presente! Genocídio juvenil, feminismo e a vida dos negros e negras das favelas do Rio de Janeiro: a luta da vereadora brutalmente assassinada. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Ninez y Juventud**, v. 16, n. 2, p. 1078-1086, 2018.

Rangel, P., & Dultra, E. V. B. (2019). Engolidas pela onda azul: um ensaio sobre a retração de direitos das mulheres no contexto pós-impeachment de Dilma Rousseff. *Plural*, 26(1), 133-154.

ROCHA, LIA DE MATTOS. A vida e as lutas de Marielle Franco. **REVISTA EM PAUTA**, v. 16, p. 274-280, 2019.

---

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Vozes, 1976.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. Editora Moderna, 1987.

## ANEXO A – REPORTAGEM DO JORNAL CORREIO BRAZILIENSE - 2018



### Candidatos do PSL destroem homenagem a Marielle Franco em praça do Rio

Cartaz que simulava placa de identificação de ruas e praças do Rio foi retirado e rasgado pela dupla

Postado em 03/10/2018 23:00



O jovens que aparecem com a condecoração à parlamentar assassinada rasgada são Daniel Silveira e Rodrigo Amorim, candidatos a vagas na Câmara dos Deputados e à Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj), respectivamente. Os dois são filiados ao Partido Social Liberal (PSL), mesma sigla do presidenciável Jair Bolsonaro.

A dupla também publicou um vídeo nas redes sociais comemorando a ação. Nas imagens, Silveira argumenta que, após a morte de Marielle Franco, "militantes de esquerda ilegalmente renomearam a praça Floriano, no Centro do Rio de Janeiro, colando um placa por cima da original". Antes, o lugar tinha o nome do militar, marechal Floriano Peixoto.

"De certo que a morte da conhecida vereadora deve ser investigada e os autores punidos, no entanto, não pode servir como desculpas para depredação do patrimônio público, tampouco ser feita de troféu, como se ela fosse a única vítima dentre os 60 mil mortos por ano vítimas de violência", escreveu Silveira no Facebook.

No vídeo, Amorim diz que Marielle é apenas "mais uma" das vítimas de violência no Rio de Janeiro. Nos últimos minutos da gravação, os dois dizem "Floriano presente", em referência ao grito usado em defesa de Franco, "Marielle presente".

### **Inimigo do PSol**

Na postagem, o candidato a deputado estadual se diz "inimigo do PSol". "Nos acusam de intolerantes, nos acusam de fascistas. No entanto, tive meu comitê atacado várias vezes. Isso mostra que estamos no caminho certo. A missão é combater com força o PSol e suas posturas repressivas. No

---

A publicação ganhou visibilidade após o apresentador e humorista Gregório Duvivier criticar a foto. Nas redes sociais, muitos eleitores ajudaram a identificar quem eram os homens e também repudiaram o ato.

Marielle foi morta a tiros dentro de um veículo, no momento em que saía de um ato político, com mulheres negras, no Centro do Rio de Janeiro. Assim que a vereadora saiu do encontro, criminosos passaram, de carro, atirando contra o veículo onde estava a parlamentar, uma assessora e o motorista da vereadora, Anderson Gomes, que também não resistiu aos ferimentos. Foram efetuados diversos disparos de fuzil. Ninguém foi preso até agora.

[VIDEO1]

## ANEXO B – COMENTÁRIOS DA REPORTAGEM DO JORNAL CORREIO BRAZILIENSE- 2018.

-  **Cássio**  
Democracia? • 3 anos atrás  
**FAKE DETECTED**  
1 ^ | v 3 • Responder • Compartilhar >
-  **Democracia?** → Cássio Brandão  
Valentim Andrad • 3 anos atrás  
**Uhuuuu. Espertinho. Vamos de 13!!**  
1 ^ | v 2 • Responder • Compartilhar >
- Dominick Gavin** → Democracia?  
• 3 anos atrás  
**VAI COMER MORATDELA AMIGO. SEU CANDIDATO ESTA NA CADELA!**  
1 ^ | v • Responder • Compartilhar >
-  **Democracia?** → Dominick Gavin  
• 3 anos atrás  
**Vai bater panela mais 4 anos.**  
1 ^ | v • Responder • Compartilhar >
-  **Thiago**  
Democracia? • 3 anos atrás  
**13 + 4 anos de panela = 17 Bolsonaro Presidente**  
^ | v • Responder • Compartilhar >
-  **Dourado Brasilia** → Anni M • 3 anos atrás  
**Se fosse um minion falando isso seria chamado de radical, fascista, coxinha, golpista, tecladista, taquigrafista..**  
2 ^ | v 1 • Responder • Compartilhar >
-  **Rodolpho** → Anni M • 3 anos atrás  
**Concordo, o PSOL tem que ser exterminado.**  
1 ^ | v 1 • Responder • Compartilhar >
-  **Andre** → Anni M • 3 anos atrás • editado  
**O que garante que estes homem são candidato de Bolsonaro, qualquer pessoa pode vestir uma camisa de um candidato x e fazer barbaridades apenas com a intenção de prejudicar. e preciso ter bom senso.**  
^ | v 1 • Responder • Compartilhar >
- Augusto** • 3 anos atrás  
**Não achei nada de mais, colocaram a placa encima do nome da rua, tinha que tirar mesmo. Marielle não é melhor que as dezenas de policiais e cidadãos mortos, antes e depois da morte dela. Se o PSol quer endeusar ou santificar Marielle como uma pobre vítima da violência que o partido dela defende, faça isso internamente. Defer Direitos Humanos pra bandido não podem reclamar vítimas do que defendem.**  
7 ^ | v 1 • Responder • Compartilhar >
-  **Cássio**  
• 3 anos atrás
- Augusto

1 ^ | v 1 • Responder • Compartilhar >



Estado Reformista → Augusto • 3 anos atrás

Mas eu não entendo uma coisa, por que fizeram tanta questão de se expor? Bastava tirar na surdina se tivessem incomodados.

^ | v • Responder • Compartilhar >



Leandro Alves • 3 anos atrás

Correios virou jornaleco de 5ª categoria...

A placa nem deveria está lá, logo eles não cometeram crime, nem destruíram patrimônio público. Porém a homenagem com o ato de colocar a placa sobre uma existente, configura sim crime.

10 ^ | v 4 • Responder • Compartilhar >



Cássio Brandão Valentim Andrad → Leandro Alves • 3 anos atrás

Deturpar o assunto é típico de vocês eleitores do MICO. O respeito é a representação do que fizeram, se o bozo sofreu um ataque e já ficaram todos ressentidos, imagina se morresse e a esquerda zombasse, risse e vangloriasse a situação. Consciência, ética e caráter não se aprendem. Ou nasce com ou nasce sem ne?

2 ^ | v 1 • Responder • Compartilhar >



Dominick Gavin → Cássio Brandão Valentim Andrad • 3 anos atrás

O seu candidato esta na cadeia, mortadela.

1 ^ | v • Responder • Compartilhar >



Cássio  
Dominick Gavin • 3 anos atrás

Sua prepotencia não tem limites né sabe tudo? Quem disse que voto no PT? Quem não tem o mínimo de consciencia social é assim. Acha que só tem 2 partidos, e acha que faz parte do bem que combate o mal... Tadinho, vive essa vida de bolsominion alienado...

^ | v • Responder • Compartilhar >



José • 3 anos atrás

Largam de ser bestas.

Isso é pura armação para prejudicar o Bolsonaro.

Qualquer outra partido pode pagar alguém para fazer esse tipo de armação.

5 ^ | v 1 • Responder • Compartilhar >



Lidia → José Ferreira • 3 anos atrás

José, os dois já foram identificados. São do partido do seu candidato. Não precisa acreditar em mim não. É só buscar por Daniel Silveira e por Rodrigo Amorim que você vai ver que são eles.

No mais espero que você fique bem e que Deus ilumine seu coração a tempo antes das eleições. Fique em paz.

4 ^ | v 2 • Responder • Compartilhar >

riandou dem? Com esse oiso nao construmos nada.

1 ^ | v 1 • Responder • Compartilhar >

Dominick Gavin → Democracia? • 3 anos atrás

O país mais rico e poderoso do planeta nos últimas 60 anos e movido por odio e armas. BOLSONARO 2018 TRUMP 2020!

^ | v • Responder • Compartilhar >



Cássio Brandão Valentim Andrad → Dominick Gavin • 3 anos atrás

hummm. que cheiro de merda... Ahhh é o dominick se expressando... Não tem nada de realmente relevante. Robôzinho...

^ | v • Responder • Compartilhar >



Dourado Brasilia → José Ferreira • 3 anos atrás

Rapaz, mas a cegueira é grande heim!? Não vê que são candidatos!?

1 ^ | v • Responder • Compartilhar >



BOLSOWATERGATE • 3 anos atrás

COMO ESSES CARAS PODEM SER POLITICOS, SE A PLACA TAVA LÁ, ENTRASSE COM UM RECURSO NA PREFEITURA PEDINDO SUA RETIRADA, AGORA ARRANCAR E QUEBRA E POSTAR COMO SE O FEITO FOSSE UM ATO HEROICO, É MUTTA CRETINICE, EU ATÉ ESTAVA DISPOSTO A VOTAR NO BOLSONARO, MAIS DIANTE DE TANTA VIOLÊNCIA QUE VEM DE ONDE SE DEVERIA VIR A PAZ E O RESPEITO, MUDO MEU VOTO AQUI

8 ^ | v 4 • Responder • Compartilhar >



Ronaldo → BOLSOWATERGATE • 3 anos atrás

Seguindo sua linha de raciocínio, se quem colocou a placa com o nome da Mariele em cima de outra regular, que o fizessem de forma legal, entrando com um recurso na prefeitura para homenagear aquela que eles julgam digna da placa.

8 ^ | v • Responder • Compartilhar >



Robson Taylor de Barros Taylor → BOLSOWATERGATE • 3 anos atrás

O que o Bolsonaro tem a ver com dois acéfalos. NADA. Em todo grupo temos seres diferenciados que devem sofrer os rigores da Lei. O CORREIO, de forma decepcionante, faz uma matéria perigosa e confusa.

4 ^ | v 1 • Responder • Compartilhar >



Nuitblanche → Robson Taylor de Barros Taylor • 3 anos atrás

Bolsonaro prega isso aí. Ele tem tudo a ver com a violência.

8 ^ | v 4 • Responder • Compartilhar >

Dominick Gavin → Nuitblanche

RANDILDO

^ | v • Responder • Compartilhar >



Nuihblanche → Dominic Gavin  
• 3 anos atrás

Nada! Existe a audiência de custódia! Eles são soltos no dia seguinte!

^ | v • Responder • Compartilhar >



Cássio  
Dominic Gavin • 3 anos atrás

Vocês quis dizer MICO. Pois é politico fake que prega mas não faz. Diz que é honesto.. SÓ QUE NÃOOOO ABESTADO;...

^ | v • Responder • Compartilhar >



Cássio → Robson  
Taylor de Barros Taylor • 3 anos atrás

Se fosse exceção não estaríamos aqui discuido isso, no entanto esse é o padrão. Do bozo pai, e dos bozo filhos e seus seguidores. Pregam a honestidade mas não agem assim. Pregam a familia tradicional cristã brasileira, mas também não pratica. É o famoso faça o que eu falo mas não faça o que eu faço ne.... Velha politica

3 ^ | v 3 • Responder • Compartilhar >



Luiz → BOLSOWATERGATE • 3 anos atrás

Pixuleco detectado....

^ | v • Responder • Compartilhar >



Thiago BOLSOWATERGATE  
• 3 anos atrás

"AI QUANTA VIOLÊNCIA!!! RASGARAM UM CARTAZ!!!! QUASE ENGASGUEI COMENDO O MEU PÃO COM MORTADELA..."

^ | v • Responder • Compartilhar >



Esse comentário foi apagado.



Luiz Guest • 3 anos atrás • edited

Exato...Esse idota e pixuleco ou cangaceiro

^ | v • Responder • Compartilhar >



Jackson • 3 anos atrás

O CorreioBraziliense apoiando a errado, já que lixo - a placa irregular- não deveria ter sido pregado ali.Parabens aos rapazes

6 ^ | v 3 • Responder • Compartilhar >



Democracia? → Jackson • 3 anos atrás

Vamos de selvageria. Que vença o mais forte.

1 ^ | v 2 • Responder • Compartilhar >



Cássio Brandão V → Jackson  
• 3 anos atrás

Parabéns ??? Ta certo, carater não é para todo mundo...

Rodolpho → Cássio Brandão Valentim Andrad  
• 3 anos atrás

Você sabe o que é fascista?

^ | v • Responder • Compartilhar >



Cássio Brandão Valentim Andrad →  
Rodolpho • 3 anos atrás

Diferente de você que deve pregar ódio ao comunismo sem saber do que se trata não venho aqui como bolsomimion ficar falando de assuntos que nunca ouvi. Já que não sabe, posso te explicar. O fascismo é uma forma de regime político anti democrático, nacionalista, de extrema direita, se utiliza do totalitarismo e corporativismo (militar) para controlar a vida e os direitos dos cidadãos. Utiliza-se também da religião e de lemas nacionalistas para controle social. E, como prática do Bolsonaro, despreza direitos humanos, intelectuais e demais artistas (chamando-os de vagabundos) . Pareceu semelhante a algo?

^ | v • Responder • Compartilhar >



Lidia • 3 anos atrás

Sabe o que é mais engraçado nessa história?

A cidade de Desterro foi renomeada para fazer uma homenagem a Floriano Peixoto, virando Florianópolis.

"Ou seja"...

2 ^ | v • Responder • Compartilhar >



Lidia Lidia Maria • 3 anos atrás

E ainda ficou conhecido como "Marechal de Ferro" pela violência que usava para combater os seus opositores (militares, diga-se de passagem).

2 ^ | v • Responder • Compartilhar >



Lidia Lidia Maria • 3 anos atrás

Sem contar que ele deu o famoso "Golpe do vice" e não chamou as eleições como a constituição da época mandava, depois que o Deodoro renunciou...

2 ^ | v • Responder • Compartilhar >



Luiz • 3 anos atrás • editado

Marechal Floriano Peixoto,  
Presente!

Ps. Nada contra a vereadora, mas o crime dela e de quem colocou a placa infringindo a lei tem que ser investigado e seus autores punidos. vivemos em um estado de direito, apesar dos p sois pt da vida quererem viver na anarquia .

Brasil acima de tudo!

Deus acima de todos!

Bolsonaro Presidente!

2 ^ | v • Responder • Compartilhar >

 O Marechal deve estar rindo no túmulo uma hora dessas  
1 ^ | v • Responder • Compartilhar ›

 Cássio Maria • 3 anos atrás ↳ Lidia  
foda-se. Bandido deve estar se remoendo do diabo puxando o pé dele....  
^ | v • Responder • Compartilhar ›

 Lidia ↳ Cássio Brandão Valentim  
Andrad • 3 anos atrás  
Calma jovem!  
Vai ver ele está reencarnado como candidato a presidente essa hora...  
^ | v • Responder • Compartilhar ›

 Lidia ↳ Luiz guilherme • 3 anos atrás  
O distrito de Ribeirão da Divisa, em Barra Mansa (RJ), local onde Floriano Peixoto morreu, recebeu em sua homenagem o nome de Floriano. A primeira renomeação ocorreu em 23 de outubro de 1926. Em 31 de dezembro de 1943, o distrito voltou a ser nomeado Ribeirão da Divisa. O nome de Floriano foi atribuído definitivamente ao distrito em 18 de outubro de 1951, com a Lei Estadual n.º 1.324.  
1 ^ | v • Responder • Compartilhar ›

 Cássio • 3 anos atrás ↳ Luiz guilherme  
dels acima de todos... META A IGREJA NA SUA VIDA. SENÃO VAMOS RUMO AO ORIENTE MEDIO !!! RELIGIÃO E POLITICA NÃO SE MISTURAM  
^ | v • Responder • Compartilhar ›

 Florisvaldo Fernandes • 3 anos atrás  
Parabéns aos candidatos,quem defende o que não presta,não presta também!  
4 ^ | v • 2 • Responder • Compartilhar ›

 Cássio Fernandes • 3 anos atrás ↳ Florisvaldo  
Logo você não presta. Pois quem defende bandido BOZONARO, COMO NA CAMISA, (que assumidamente diz que recebeu propina da JBS, que empregou funcionária fantasma - Wal, não presta. E seus apoiadores cegos da mesma forma  
^ | v • 1 • Responder • Compartilhar ›

 Florisvaldo Valentim Andrad • 3 anos atrás ↳ Cássio Brandão  
Acho que vc esta equivocado,quem responde a tudo isto é seu Presidiario favorito e esta encarcerado na Polícia Federal!!!...e detalhe,nem votar ele pode kkkkkkkk  
^ | v • Responder • Compartilhar ›

sabe da vida de todo mundo mostrando as caras. Não sou PTista, nem voto no PT. Lula pode ficar preso, não me importa. Não tenho nem político, nem bandido de estimação, como você tem...

^ | v • Responder • Compartilhar >



Jackson • 3 anos atrás • editad

Se o nome da vereadora que morreu na mãos de quem mais ela defendia - facinoras que fazem nossa sociedade de refem - foi colocada de forma irregular, não apenas deve ser arrancada, como deve ser investigado a depredação do patrimônio público tbm, por que ficou o lixo no local onde não poderia. Parabéns aos dois rapazes que fizeram as coisas voltarem ao normal. A Marielle é só mais uma, entre os 60 assassinados no Brasil. mada mais. Parabéns..O que é ilegal, não pode ser tratado como se legal fosse A placa é apenas um lixo que foi retirada de um local onde não deveria estar

4 ^ | v 3 • Responder • Compartilhar >



Cássio • 3 anos atrás • Responde para Jackson

Muito bonito seu senso de respeito. A investigação aponta que foi crime político, desta forma me faz crer que quem defende a morte dela assim pode ser defensor de partidos que glorificam a morte dela...

^ | v 1 • Responder • Compartilhar >



Razão • 3 anos atrás

Se bozo ganhar vai reinar esses skinheads ai bombados de academia

2 ^ | v 1 • Responder • Compartilhar >

Marcus • 3 anos atrás

Caramba! Isso virou manchete de jornal!!! Cancelando minha assinatura agora

2 ^ | v 1 • Responder • Compartilhar >



Edison • 3 anos atrás

Procurando o tratamento igualitário dado a todos os mais de 60 mil assassinatos que ocorrem ano passado e que a mídia não transformou em celebridade com seus chavões!

1 ^ | v • Responder • Compartilhar >

Antoni

• 3 anos atrás • editad

Homenagem não era oficial e estava ofendendo a memoria do Mal. Floriano. O Prefeito da URD não teve coragem de tirar. Quer homenagear tem que aprovar na câmara municipal arranjar um lugar no subúrbio para os comunas a lembrarem. Mal floriano é placa certa e sua memória estava sendo deturpada pelo PSOL.

até essa comuna morrer nunca tinha ouvido falar dela e para o PSOL foi uma ajuda e tanto. Vão reclamar, mas é isso mesmo que sou carioca e o PSOL é pior que o PT.

1 ^ | v • Responder • Compartilhar >

deturpando as homenagens a quem fez história em detrimento de uma corja envolvida até o pescoço com o crime organizado. Parabéns a quem tirou esta homenagem lixo a mariola. PONTE COSTA e SILVA, este é o nome original da ponte em Brasília. Honestino Guimarães era um maconheiro comunista.

1 ^ | v • Responder • Compartilhar >

NO LMTE • 3 anos atrás

Estão totalmente corretos, pois nenhuma facção pode fazer a vez do. Que nomeia rua é a prefeitura e não desejos bizarros de políticos. O crime ocorreu a partir do fato que essa coisa homenageando essa coisa foi posto nas ruas. Parabéns a esses dois patriotas cumpridores da lei.

1 ^ | v • Responder • Compartilhar >



Ronaldo • 3 anos atrás

Alguém sabe onde tem uma placa com o nome do Lula ou da Dilma para eu ir lá quebrar?

1 ^ | v • Responder • Compartilhar >



Waldemar Araujo • 3 anos atrás

Um é PM, o outro é advogado.

1 ^ | v • Responder • Compartilhar >



Du Antiga • 3 anos atrás

Se os comunistas querem tanto mudar o nome da rua, que façam de maneira LEGAL!!!!

1 ^ | v • Responder • Compartilhar >

andymath #Mambal'orever • 3 anos atrás

Ô gentinha intolerante...utilizam-se de táticas antidemocráticas em todos os frentes.

1 ^ | v 1 • Responder • Compartilhar >



Democracia? • 3 anos atrás

Típico. Os Defensores da pátria.

1 ^ | v 1 • Responder • Compartilhar >

Jersio • 3 anos atrás

<https://www.facebook.com/Ro...>

^ | v • Responder • Compartilhar >



Este comentário foi apagado.



Laiz • Guest • 3 anos atrás

Eis a mente doentia peteba! Querem

as leis que nao respeitam, cumpridas para a defunta. Mas eles podem cometer crimes e ficarmoa calados...

Por isso

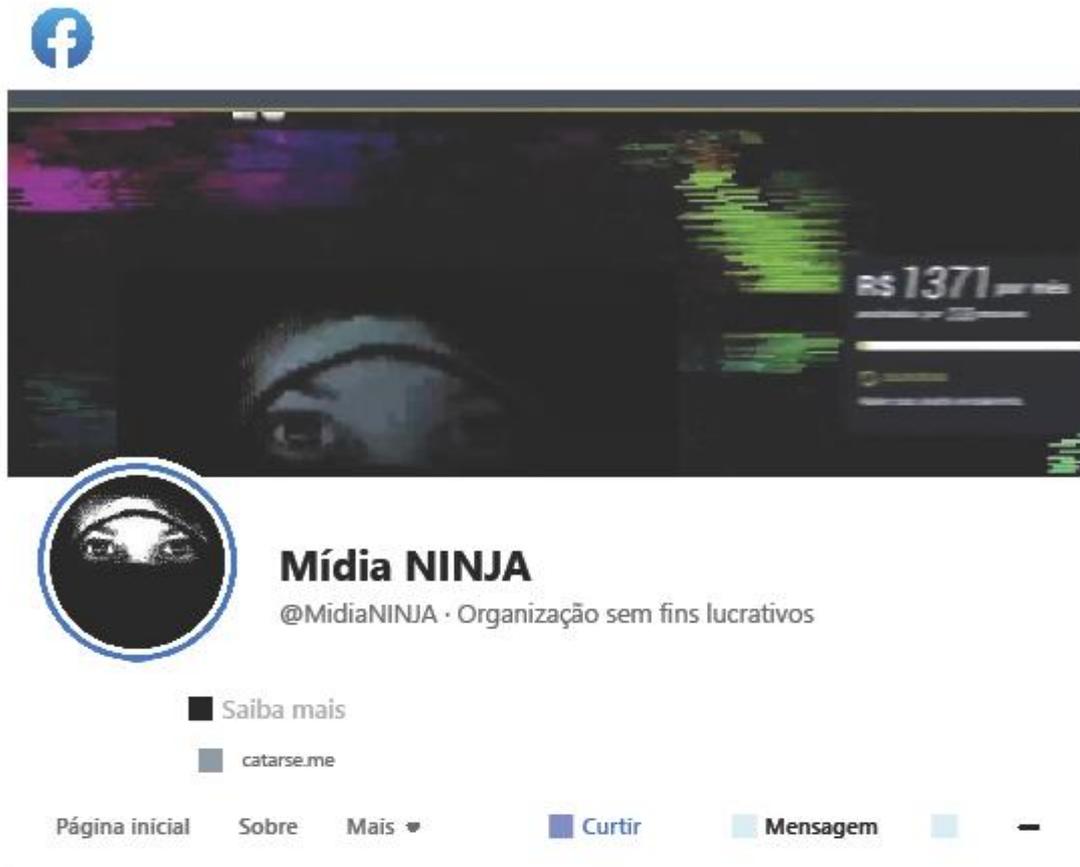
Bolsonaro Presidente!

^ | v • Responder • Compartilhar >

Pardal • 3 anos atrás

Esquecida em nome do candidato a presidente da lei foi vítima

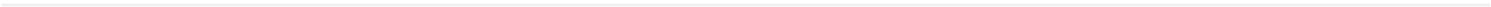
## ANEXO C – EVENTO “DISTRIBUIÇÃO DE MIL PLACAS PARA MARIELLE” NA PAGINA DA MIDIA NINJA E COMENTÁRIOS



Facebook profile header for Mídia NINJA. The header image shows a person's face in a dark, stylized setting with green digital-like patterns. The text "R\$ 1371" is visible in the top right of the header image. Below the header is the profile picture, which is a circular image of a person's face in a similar dark, stylized setting. The name "Mídia NINJA" is displayed in bold, followed by the handle "@MidiaNINJA" and the description "Organização sem fins lucrativos". Below the profile information are navigation options: "Página inicial", "Sobre", "Mais", "Curtir", "Mensagem", and a menu icon.



Facebook post by Mídia NINJA, dated 10 de outubro de 2018. The post text reads: "Rasgam uma, fazemos mil. As placas são uma homenagem à Marielle Franco, vereadora assassinada junto ao motorista Anderson Gomes em março deste ano." Below the text is a red promotional graphic for the event "DISTRIBUIÇÃO DE MIL PLACAS PARA MARIELLE". The graphic features a stylized black and white portrait of Marielle Franco on the right. The text on the graphic includes "DISTRIBUIÇÃO DE MIL PLACAS PARA MARIELLE" in large white letters, and "Domingo 14/10 13h Cinelândia" in white text at the bottom left. Below the graphic, the date "14 DE OUT DE 2018, DOM" is shown, followed by the event title "Distribuição de mil placas para Marielle" and the location "Praça Cinelândia, Centro, Rio de Janeiro, RJ". A "Tenho interesse" button is visible at the bottom right of the post.





15 mil

116 comentários 3 compartilhamentos

Curtir

Comentar

Compartilhar

Todos os comentários

Escreva um comentário...



Claudia

Queri um placa!!



Curtir - Responder - 2 a

Fabio

Legal esse lance das placas, façam mil pra cada policial tbm que morreu. Mil pra cada bombeiro. Mil pra cada pessoa morta por ladrões assassinos. Mil pra cada trabalhador morto pela intolerância no trânsito à caminho do serviço ou voltando para sua cas... Ver mais

Curtir - Responder - 2 a



Ruan

Quantas placas foram feitas com o nome do motorista?

Curtir - Responder - 2 a

Marcia



Curtir - Responder - 2 a

Francielle

A aplicação de placas em locais públicos, placas por cima de nomes de ruas e praças, caracteriza crime e fere lei orgânica do município! Afinal, apenas quem pode nomear ruas locais públicos é a prefeitura do município, com aprovação dos vereadores...Je... Ver mais

Curtir - Responder - 2 a - Editado



11 respostas

Lu

#HaddadSim



Curtir - Responder - 2 a

Rosana

Não me conformo com essa morte terrível...

Foi um tiro no pé, mas que feriu a alma de todos que querem um país melhor...

#MARIELLEVIVEEMMIM!!!

Curtir - Responder - 2 a



3 respostas





Curtir · Responder · 2 a

**Kátia**



Curtir · Responder · 2 a

**Juliana**

👉👉👉 #MariellePresente

Curtir · Responder · 2 a

**Virlene**

Com esse dinheiro que vocês vão gastar em placas comprem alimentos para pessoas carentes.

Curtir · Responder · 2 a

**Sslvaa**

Procurou saber porq foi rasgada,? Pesquisem Pega esse dinheiro e compra comida para os necessitados.

Curtir · Responder · 2 a · Editado



24 respostas

**Humberto**

E as policiais mortas no RJ?

Curtir · Responder · 2 a



3 respostas

Alo pessoal do Rio, manda um placa pra mim aqui em Sp



Curtir · Responder · 2 a

**Nikola**



Curtir · Responder · 2 a

**Thiago**

Se eu ver alguma, rasgo na hora!

Curtir · Responder · 2 a



**Vanessa**

Quero uma placa para colocar na Galicia/Espanha... como faço? Posso comprar uma??

Curtir · Responder · 2 a



**Felipe**

Quem está pagando por estas pracas e a quem interessa?

Curtir · Responder · 2 a





**Diogo**

Vai adiantar o que fazendo isso?

Curtir - Responder - 2 a



1 resposta

**Nikola**

#mariellepresente

Curtir - Responder - 2 a

**Michelli**

Quero uma pra por na entrada de casa

Curtir - Responder - 2 a



**Silva**

Preferiria o infeliz assassino preso isso sim seria justiça.

Curtir - Responder - 2 a

**Andréa Cristina Bianchi Alves**

Marielle presente! Viva a democracia no Brasil!

Curtir - Responder - 2 a

**Alex**

A galera que não gostou e achou que tinha que fazer de outras pessoas tenho a solução façam uma vaquinha e vocês mesmo irão conseguir fazer uma para elas

Curtir - Responder - 2 a - Editado



**Adriana**

Igor Teo vc podia estar no Rio...

Curtir - Responder - 2 a



**Isadora**

Paula

Curtir - Responder - 2 a

**Iara**

Queria tanto uma placa pra colocar na minha rep 🙄

Curtir - Responder - 2 a



**Jose**

Tem coisas mais uteis a fazer com esse valor.

Curtir - Responder - 2 a

**Keli**

É só nao colocar por cima das placas, isso é crime.

Curtir - Responder - 2 a

**Juliano Aparecido**





GIPHY



Curtir - Responder - 2 a



**Moacir**

Temos que construir a resistência, e é assim que construiremos. Destruíram uma; contruiremos mil.

Curtir - Responder - 2 a



**Marco**

Com dinheiro público ,poderiam comprar comida e doar ...

Curtir - Responder - 2 a



3 respostas

**Amanda**

**Lorraine Perillo**

Curtir - Responder - 2 a

**Nica**

Mas que mil placa e colocar seus assassinos dela na cadeia isso é fazer justiça a sua morte.

Curtir - Responder - 2 a

**Tathiana**

**Amanda Motta**

Curtir - Responder - 2 a

**Wendell**

Eu admiro o que vocês fazem por essa mulher, mas lembram daquela professora da escola que morreu queimada por tentar salvar as crianças? Então... Não lembro de ninguém fazendo algo por ela. Então assim, narem de idintice e comprem comida com





**Cris**  
Ainda isso 😊

Curtir - Responder - 2 a

**Marcia**  
Ah! Eu queroooooo! Amigos marquem meu lugar na fila. 🙌👍👏👏👏👏

Curtir - Responder - 2 a



**Junior**  
eles estão desde 2002 e tai o resultado 13 milhões de desempregados,engenheiro virando uber,arquiteto uber e por aí vai...votem nele...

Curtir - Responder - 2 a - Editado

**Grafite**  
Resistência... 🙌 5

Curtir - Responder - 2 a

**Deka**  
Mais amor por favor. Mais respeito, homenagens são bem vindas sempre seja em vida ou na morte.

Curtir - Responder - 2 a



**Ana**  
Como pode ter gente que acha graça?! Essa sociedade está doente!

Curtir - Responder - 2 a

**Camila**  
Gente, ainda n entendi. Eh para buscarmos e doarmos alimento em troca? Desculpem-me. Td isso tá me deixando meio atordoada

Curtir - Responder - 2 a

🔗 Superfã

**Darcia**  
Desde que não façam com elas o mesmo que fizeram com a primeira. Podem fazer até um milhão, ou elas serão destruídas novamente. Fazer pode embora seja um desperdício de dinheiro . O que não pode e querer colocar elas no lugar das placas originais se... Ver mais

Curtir - Responder - 2 a

**Mario**  
Comprem alimentos com esse dinheiro e façam uma ação para os mais necessitados que realmente será lembrada. Agindo assim, mostram e reforçam que o país realmente virou uma guerrinha...

Curtir - Responder - 2 a





**Andrea**

Mario que tal levar a idéia da vakinha e fazer entre os seus amigos,crianças sempre precisam,idosos nos asilos também e há os em tratamento nos hospitais do cancer ou HIV sempre há um posto de coletas nas cidades 🙄

Curtir · Responder · 2 a · Editado



**Luciane**

Andrea Gaby Exatamente o q eu ia falar. Dar palpites e atirar pedras é mole. Faz o q acha q seria melhor e sirva de "exemplo". Mostra aí como que faz!

Curtir · Responder · 2 a · Editado



**Juliana**

Eu já faço isso. Pq você não começa a fazer essa campanha também?

Curtir · Responder · 2 a



**Victor**

Da pra fazer as duas coisas 😊

Curtir · Responder · 2 a



**Deka**

Homenagens a essa mulher forte linda solidária e que sua morte foi por pensar na melhoria dos menos favorecidos nunca será de mais homenagens seja com placas, alimentos aos que precisa ou flores e poemas nunca nunca será de mais. Ela é eterna para nós ... Ver mais

Curtir · Responder · 2 a



**Mariana**

Uma "guerrinha" ... uma guerrinha não...falta de respeito dessas pessoas que dizem representar algo pra sociedade. Faz uma vaquinha amigo e ajuda os necessitados. #marielepresente

Curtir · Responder · 2 a



**Fernanda**

compre você os alimentos então

Curtir · Responder · 2 a

**Vinicius**

Mario, somente uma parte do dinheiro foi para fazer as placas. Mais de 30 mil reais do excedente do que foi arrecadado será doado. E agora, mais alguma crítica?

<https://www.sensacionalista.com.br/.../campanha-arrecada.../> Ver mais





Curtir · Responder · 2 a



OUTRA!

**Ramon**

Bastou dizer o que pensa pra turma da "lacrção" cair matando. Ainda bem que o mundo não vive de hashtags

Curtir · Responder · 2 a

Escreva uma resposta...



Escreva um comentário...

